

# A Ilha Maldita<sup>1</sup>

(Bernardo Guimarães)

## Introdução

[003]<sup>2</sup> – Meu pai, que ilha é aquela, que às vezes, à tarde, lá se avista ao longe, tão longe que mais parece a popa de um navio que lá se vai mar em fora?...

Assim perguntava um rapazete de quinze e dezesseis anos a seu pai, velho pescador, que se ocupava em consertar as malhas de sua rede de pescaria.

O velho abanou a cabeça e nada respondeu.

O curioso menino prosseguiu:

– Aquilo me faz cismar; dizem que é uma ilha em roda da qual o mar está a ferver, e que ninguém lá pode chegar. Tenho perguntado a todo mundo, e ninguém me sabe contar o que ela é. Dizem que é uma ilha encantada, e que não há força do remo nem de vela que possa lá fazer aproar um barco. Quando se vai chegando perto avista-se uma moça muito bonita, vestida de branco, e cantando cantigas as mais lindas que se pode imaginar; mas é escusado querer lá chegar; a ilha vai fugindo, fugindo sempre. Meu pai não saberá me dizer o que vem a ser tal ilha?...

– Eu, meu filho?... talvez, – respondeu o velho hesitando; – mas, para que queres tu saber?...

– Não sei, meu pai... mas tenho tanta vontade de saber!... aquela ilha não me sai do pensamento.

Era isto em tempos que já vão longe, em uma bronca e quase deserta enseada dos mares do sul, não longe da famosa e pitoresca baía de Santos, na província de São Paulo. Os dois interlocutores se achavam junto a uma tosca choupana de pescador. O sol já se ia escondendo por trás desse imenso e alteroso cordão de montanhas chamado Serra do Mar; a sombra que delas descia projetava-se já por toda a extensão das praias, ao longo das quais o mar se estirava preguiçoso, desmanchando-se em alvos flocos de espuma, enquanto os derradeiros raios de sol, que transmontava resvalando por um dos topos alcantilados da serra iam espanejar-se ao longe pelo oceano, estendendo-lhe uma rede de ouro sobre o dorso enrugado. [004]

A pouca distância da praia, dentre os mangues e matagais do litoral, erguia-se vicejante colina, que se boleava graciosamente á maneira de um cúpula.

No cimo dessa colina alçava-se singela e alva capelinha, semelhando a pomba da arca da aliança, que depois de ter pairado longo tempo sobre as águas, veio pousar sobre os montes.

Em torno da capela algumas toscas e modestas vivendas formavam uma pequena aldeia habitada por pescadores.

A tarde corria tépida e tranquila; o mar balançava-se frouxamente pelas longas

---

<sup>1</sup> GUIMARÃES, Bernardo. *A Ilha Maldita*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1930.

<sup>2</sup> Os números entre colchetes indicam as páginas do livro original.

praias, e os pescadores, que voltavam da faina diurna, amarravam seus batéis mesclando coplas de amor e de saudade aos monótonos e compassados bramidos do oceano.

Em tais lugares e a tais horas quem, estando sozinho, não ficaria a cismar engolfando o pensamento nas profundezas do infinito ?

E quem não quisesse cismar, se poria a cantarolar alguma xácara melancólica, como faziam alguns pescadores.

E quem não quisesse cismar, ou não soubesse cantar, folgaria de ouvir algum desses contos fantásticos com que os velhos sabem embalar-nos a imaginação.

O rapazete de que falamos achava-se neste último caso; estava ansioso por ouvir alguma história bonita, principalmente a dessa ilha encantada que há muito tempo lhe preocupava a imaginação. Portanto apertava com o velho para que lh'a contasse,

– Meu filho, – respondeu por fim o velho pescador, já fadigado das importunações do filho – aquela ilha que tanto te dá que pensar é o *Castelo da sereia*, ou a *Ilha da maldição*. Aquele pequeno ponto que la vês nos confins dos mares, e que não é tão pequeno como daqui te parece, foi a fonte de muitas lágrimas e desgraças, e tem sido a causa de muitos desastres para os habitantes deste lugar. Melhor seria que nunca quisesse saber a história do que por lá se tem passado.

– Pois que mal faz sabê-la, meu pai?...

– Que mal!... Ah! Meu filho, és ainda muito criança, e a curiosidade, própria da tua idade, pode despertar em teu coração o desejo de lá ir, e te acontecerá o mesmo que tem acontecido a outros rapazes imprudentes.

– E o que é que lhes tem acontecido?

– Vão e nunca mais voltam.

O rapaz ficou pensativo por alguns instantes.

– Mas, meu pai, – prosseguiu ele, – eu não desejo por [005] pé nessa ilha; Deus me livre de tal. O que eu queria era ver de longe essa moça e ouvir-lhe a cantiga, como dizem que muitos têm visto e ouvido.

– Que dizes, menino?... Deus te defenda.

É certo que alguns têm-se avizinado da Ilha a ponto de ver essa moça e ouvir-lhe o canto; mas são bem poucos. O que é de crer é que nesse lugar malsinado mora uma sereia, fada ou alma penada, que anda a cumprir um fadário de maldição; e ai daquele de quem ela se agrada! Se cai na imprudência de aproximar-se da ilha, uma onda traiçoeira, que de certo obedece aos conjuros da maldita, arrasta o barco do infeliz, que lá vai esbarrar no rochedo fatal, onde fica para todo sempre.

– Mas eu bem podia ver a moça...

– A moça, tolinho?... Sabes tu o que ela é? se é mágica, feiticeira, serpente ou o próprio sataná?...

– Pois bem, meu pai; eu juro que nunca tentarei, lá pôr os pés; pelo contrário, fugirei dessa ilha o mais que puder. Mas se meu pai sabe essa história, que mal faz me contá-la? Deve ser bem bonita.

– Não sei se é bonita ou feia; só sei que é verdadeira. E em fim de contas, —

continuou o velho, depois de um instante de reflexão, — melhor é mesmo que t'a conte; é bom conheceres o perigo para saberes fugir dele. Mas, já te disse, fica certo que não é nenhuma história de carochinha como essas que em pequenino te contavam; é uma história verdadeira, acontecida aqui por desgraça e escarmento deste bom povo. Meu pai, que a ouviu de seu pai, a contou a teu pai, de cuja boca agora vais ouvi-la. Dá-me toda a atenção, meu filho, e ficarás sabendo que quando fores grande, e soltares teu barco ao mar, deves vogar bem longe da ilha maldita.

E ao bramido das ondas que se quebravam brandamente ao longo das praias, o velho pescador contava a seu filho a história que eu por minha vez vou contar-vos, ó leitores, não com essa linguagem tosca e singela, mas, por certo, pitoresca e animada, que empregaria o pescador, e que eu debalde procuraria imitar, mas revestidas dos andrajos que minha pobre musa vai lhe emprestar.

Portanto, os leitores não tenham este escrito como fiel reprodução do que dissera, o pescador, mas sim como tradução livre e ampliada da história que durante alguns serões contou a seu filho. [006]

## [007] CAPÍTULO 1 - UM CASAMENTO

— Não estás ouvindo, meu filho? — começou o velho pescador, — como estão alegremente repicando os sinos da capela?... é que amanhã é dia santo, dia de Nossa Senhora do Amparo, que nos defenda do canto da sereia, e de todos os malefícios diabólicos.

Em eras que já vão longe, corria uma tarde serena e formosa como esta, e ali mesmo na nossa aldeia, aqueles mesmos sinos repicavam, foguetes subiam ao ar, e o povo acudia de roldão á capela como para assistir a uma grande festa. Entretanto, o que ali se dava não passava de um simples casamento.

Quem visse esse extraordinário alvoroço e afluência do povo pensaria que os noivos eram alguns fidalgos ou magnatas, filhos de gente opulenta, que iam celebrar as bodas com grandes aparatos e vistosos festejos.

Não havia, porém, nada disso; eram simples e obscuros habitantes da aldeia que iam receber na capela a benção nupcial, com a maior singeleza do mundo. É verdade que os dois contraentes formavam o mais lindo e garboso par que talvez se tenha visto nesta terra; mas também não era a formosura e galhardia deles que atraía toda aquela multidão e excitava tanto alvoroço e curiosidade.

O que haveria, pois, de extraordinário naquele simples e modesto casamento, para torná-lo como uma festa popular, que arrancava de sua costumada tranquilidade toda a população em derredor?...

No correr desta história ficará patente a razão de semelhante fenômeno; desde já, porém, fica-se compreendendo que esse simples casamento era para os habitantes do lugar um acontecimento da mais subida importância.

Com o favor de Deus iam-se casar Aleixo, gentil marinheiro, vindo das terras de

além-mar, e Regina, formosa donzela, filha **[008]** das ondas, como costumavam apelidá-la. A noiva tinha sido batizada naquela mesma capela, e criada aqui á beira deste mar, entre nossos avós; mas ninguém sabia onde nascera ela, nem quais eram seus pais. Ainda muito menina, fora atirada a estas praias em uma noite de tempestade; devia ser uma pobre criança escapada milagrosamente de um terrível naufrágio; pelo menos assim pensou a boa mulher que a apanhou na praia, e a recolheu e criou em sua choupana. Mas o povo não quis acreditar em tal naufrágio, e tinha boas razões para isso. Não apareceu indício nem destroço algum de navio perdido em toda a extensão destas costas, e por mais que se indagasse, não houve depois notícia de embarcação alguma que por aquele tempo pudesse ter soçobrado nestas paragens.

Assim, pois, a origem de Regina andou sempre envolvida em dúvidas e mistérios. A extraordinária formosura da menina, a pasmosa vivacidade de espírito de que desde criança dava mostras, a voz encantadora com que sabia entoar as mais bonitas cantigas, enfim seu gênio trêfego, audaz e ardiloso como nunca se viu, a fizeram passar entre o povo como filha de uma fada do mar ou de uma sereia, o que vem a ser o mesmo. Os acontecimentos, que se seguiram, a vida estranha e singular que levava a menina, cada vez mais confirmaram o povo nesta sua crença.

O noivo, como já dito, era um forasteiro de além-mar, que voltara bastante abastado da costa da África, por onde andara em tráfico de escravatura. O navio em que vinha fundeara nestas praias para refrescar e fazer aguada. Desembarcando aqui, o moço viu Regina, falou-lhe e poucos dias depois estava contratado o casamento. O navio em que viera fez-se de vela a seu destino e ele deixou-se ficar.

O que, portanto, mais atiçava a curiosidade do povo não era, por certo, a procedência nem a riqueza desse mancebo; o que realmente o assombrava era ser ele – um forasteiro apenas ali chegado, – o noivo aceito por essa mulher inconcebível; era ele o único que até ali e em poucos dias, conseguira vencer a isenção da formosa e soberba Regina, dessa fada intratável que tinha feito naufragar desastrosamente as esperanças de tantos e tão guapos mancebos do lugar. De feito, muitos moço do lugar se haviam arrojado loucos de amor aos pés de Regina; mas sendo por ela altiva e desdenhosamente repelidos, tiveram quase todos o mais triste e lastimoso fim.

Não faltava quem dissesse que quem conseguira domar o orgulho **[009]** e ameigar o coração de Regina era por certo algum príncipe e príncipe encantado.

Apenas receberam a benção nupcial em face do altar, os novos desposados, rompendo por entre a multidão que em torno deles se apinhava sôfrega e curiosa, saíram da igreja e desceram a encosta, sempre escoltados por grande número de pessoas que quiseram acompanhá-los até à casa. Era esta uma pequena cabana singela e tosca, onde Regina sempre havia morado, situada aí à beira-mar, ao pé de um rochedo. Já era noite fechada, porém noite de luar e bonançosa.

A brisa apenas farfalhava: de leve nos matagais do mangue, e nos leques dos coqueiros; e o mar, espreguiçando-se pelas praias, enchia os desertos de seus solenes e monótonos bramidos.

Posto que simples, a casa de Regina era uma cabanazinha bonita e asseada, como devia ser o asilo de uma sereia, ou de uma ondina, mas tão pequena, que nela não podia caber mais ninguém senão os donos da casa.

Como não havia banquete, bailado nem folguedos de qualidade alguma, as pessoas que os acompanhavam se despediam cordialmente á porta da cabana, e se retiraram murmurando:

– Deus os guarde e os abençoe.

## **CAPITULO II – OS TRÊS IRMÃOS**

Enquanto se celebrava o casamento, o povo, cuja atenção estava toda absorvida na contemplação dos noivos, não havia reparado em três vultos, que de um canto da igreja assistiram também ao mesmo espetáculo, não com aquela curiosidade folgazã e descuidosa de que os outros se achavam animados, mas com certo ar sinistro, com certo olhar torvo e inquieto, que parecia relancear chispas de ódio e vingança. O crepúsculo, que começava, e a penumbra em que se achavam envolvidos, fizeram que não se prestasse atenção a esses três personagens, que, vistos á plena luz, teria excitado vivos receios e desconfianças. Eram três mancebos da mais gentil presença, de bem delineadas feições, e de altivo e garboso porte; mas ressumbrava-lhes da fronte torvada e do olhar ardente e tresvariado um não sei quê de sombrio e feroz, que faria estremecer a quem os encarasse com [010] atenção. Eram mui semelhantes e quase iguais na idade; via-se logo que deviam ser irmãos. O mais velho teria a rigor vinte e cinco anos; ao mais moço despontava apenas o buço da juventude.

Enquanto durou a cerimônia, permaneceram mudos e imóveis a um canto da nave, procurando isolar-se da multidão que se acotovelava em roda do interessante e formoso par; mas, se alguém de perto os observasse com alguma atenção, sentiria o ofegar ansioso que lhes empolava os largos peitos, o ranger de dentes, e o lampejo sombrio e feroz das pupilas, que pareciam dardejar fogo e sangue. Quando, porém, os dois esposos pronunciaram com voz clara e firme o sim que ia enlaçar para sempre seus destinos, um calafrio percorreu-lhes todo o corpo. Com a boca entreaberta, a respiração suspensa, o pescoço estendido, á maneira de serpentes que com o olhar ardente e fixo queriam atrair e devorar o feliz e descuidoso par, ouviram sem pestanejar aquela palavra tão simples, e que entretanto parecia queimar-lhes o sangue, e envenenar-lhes a existência. O mais velho, principalmente, cuidou morrer naquele instante fatal. O coração batia-lhe violenta e desordenadamente; faltava-lhe o ar, e teria baqueado por terra, se não se arrimasse ao braço de seu irmão imediato. Era-lhe preciso desabafar para não estourar de angústia e desespero.

Ah! meu irmão!... meu irmão! – murmurou ao ouvido deste, com voz surda e convulsa, enquanto uma lagrima ardente despontava-lhe na pálpebra, e secava-se imediatamente, queimada pelo fogo da paixão; – não sei que será de mim! se esse forasteiro logra gozar um instante aqueles mimos por que tanto em vão suspirei, eu morro, e morro desesperado como o precito em condenação eterna. Não, não há de ser assim,

maldito! – continuou, voltando-se para os noivos, de punho cerrado e gesto ameaçador; – esta noite deve ser a derradeira para ti, ou para mim!...

– Para ele só, Rodrigo, – replicou Roberto, o irmão imediato, com o mesmo tom de voz sinistra e abafada; – pobre irmão!... quanto sofres!... mas juro-te por minha alma; antes que as mãos daquele aventureiro possam tocar em um só dos encantos dela, hão de cair hirtas e frias...

– E antes que aquela boca, – interrompeu Ricardo, o mais moço dos três, – possa dizer-lhe uma só palavra de amor, tem de morder a terra, donde nunca mais se levantará senão para cair mais baixo ainda. **[011]**

A cerimônia estava terminada. O rumor; e remoinhar da multidão interromperam os terríveis desabafos e tremendas juras dos três irmãos, que, vendo-se envolvidos no turbilhão do povo, saíram da Igreja, e de envolta com os outros, foram também acompanhando os noivos. Não era, porém, um sentimento, de vã curiosidade, e muito menos de regozijo que os impelia a fazer parte do séquito. O ciúme e o ódio que lhes devorava o coração os levava com instintiva e irresistível atração a não perderem de vista o par afortunado que, tranquilo e descuidoso, ia descendo a colina, acompanhado de velhos, mulheres e meninos que os felicitavam e bendiziam.

– Este casamento é uma grande felicidade para eles, e sossego para nós, que temos filhos, – diziam as velhas.

– E para nós, que temos ou queremos ter maridos, diziam as moças.

– Abençoado seja esse moço que nos leva a filha do mar para sossego desta terra.

Deus os favoreça a ambos, – diziam todos.

Entretanto, o numeroso grupo que os acompanhava foi-se escasseando pouco e pouco. Como na pequena cabana dos noivos não os esperava festa nem folgado algum, muitos foram se ficando em meio caminho. Os três irmãos, porém, continuaram a acompanhá-los, e, deixando-se ficar um pouco atrás sem serem pressentidos, esconderam-se entre os rochedos que ficavam próximos á casa de Regina.

Já a noite ia avançando, quando os dois felizes esposos, despedindo-se, agradecidos, da boa companhia, abriram a porta da cabana, e entraram sozinhos no estreito aposento onde o mais afortunado dos esposos ia, com mão trêmula de ventura e de emoção, desatar a grinalda virginal da fronte pudibunda da mais sedutora e peregrina beleza que o sol alumia. Ficaram, pois, na mais completa solidão, solidão para eles propícia e agradável, pois tinham naquela estreita alcova e em si mesmos um mundo infinito de amor e de delicias. Como nada tinham a recear, deixaram aberta uma pequena janela que dava para o mar, e por onde entrava a luz de um esplêndido luar, única lâmpada que alumia sua câmara nupcial. Câmara não digo bem; essa palavra traz á ideia luxo e fidalguia, etiqueta e frieza. Ei-las em seu berço de amor as duas aves do mar, que, por algum tempo, tendo esvoaçado a esmo sobre as ondas, encontraram-se por, fim em seu adejo sem rumo, e voando de par a par, vieram **[012]** pousar entre os rochedos da praia, para ali tecerem seu ninho de primavera.

Deixemo-los ali, meu filho, entregues ás delicias do presente e aos sonhos do futuro,

sem saberem que bem junto deles vela o ciúme feroz estorcendo-se nos estertores da inveja e do desespero e planejando horrores. Deixemo-los ali, e vamos saber quem era essa Regina, e esses três irmãos, que com tão maus olhos encaravam seu casamento. Estás ouvindo com atenção, menino?...

– Estou, sim, senhor, – respondeu o rapazete bocejando.

– Parece que já estás a cochilar?!... quando quiseres dormir, fala-me, pois não estou para contar histórias às ondas e aos ventos.

Aqui o pescador fez uma pausa como para recordar o muito que ainda tinha por contar desta intrincada e maravilhosa história. O coitado nem sabia por onde devia começar para tornar bem clara a sua narração; mas, enfim, depois de ter acendido o cachimbo e puxado algumas fumaças, continuou a contar o que se verá nos capítulos seguintes.

### **CAPITULO III - A FILHA DO MAR**

Agora vamos saber quem era essa Regina, essa moça misteriosa que não tinha pátria, nem pais, nem parentes, donde veio e como aqui apareceu.

Felisbina era uma, viúva já idosa, que morava em um pobre ranchinho, ali á beira-mar; seu marido, valente pescador que nunca conhecera outra profissão, morreu de um desastre no mar, ainda, no vigor dos anos, sem deixar á sua viúva nem mesmo um filho para lhe servir de arrimo e consolação na velhice. Vendo-se tão sozinha no mundo, nem por isso desanimou a boa mulher. Vivia do fiar, tecer redes de pescaria, gorros e outros objetos que vendia aos marinheiros. Toda esta aldeia tornou-se então sua família, porque era ela uma santa mulher que a ninguém fazia mal; ao contrário, era em extremo prestativa, benfazeja e carinhosa para com todos. Amiga do trabalho, não lhe faltava o necessário, e como era mui caritativa, do seu pouco sempre lhe sobrava, para socorrer aos pobres e acudir aos enfermos. Posto que sozinha em sua cabana isolada, vivia tranquila [013] e satisfeita, pois nada ambicionada e nada tinha que recear no seu pequeno mundo, onde era tão benquista e respeitada de todos.

Um dia, pela manhã, Felisbina, tendo-se levantado muito cedo como era seu costume, saiu a percorrer as praias vizinhas. O dia amanhecera limpo e sereno, e o mar bonançoso; á noite, porém, fora de tormenta e mar encapelado. Grossos vagalhões, rebentando com fúria, tinham vindo quebrar-se junto á soleira da cabana.

Ao abrir a porta, o primeiro objeto em que Felisbina deu com os olhos foi uma criança estirada na praia, fria, exânime e hirta por tal forma, que parecia estar morta sem remissão.

Era uma menina, que poderia ter de três a quatro anos de idade, alva, linda e mimosa, que mais parecia ser uma figura de jaspe.

– Virgem Maria! – exclamou a viúva, lançando-se á criança e levantando-a do chão; – que será isto, meu bom Jesus!?!... uma criança!... uma menina!... atirada na praia!..., de quem será esta pobrezinha?!...

Assim falando, tomava a menina nos Braços, procurava aquecê-la aos seios

descarnados, afastava os finos e macios cabelos molhados que sê colavam ao rosto como algas marinhas pegadas a um crustáceo engastado de pérolas e corais; e soprando-lhe nas narinas e na boquinha, que entreabria com os dedos, procurava insinuar-lhe nos pulmões o alento vital.

– Coitadinha! continuava a boa velha, – tão mimosa, tão galante!... se está morta, que golpe para seus pobres pais!... Louvado seja Deus! – exclamou por fim, levantando os olhos ao céu; – está viva!... e pôde escapar. Benza-a Deus, como é mimosa e bonitinha!... mas de quem será esta menina, e como veio amanhecer aqui atirada na praia por este modo lastimoso?!... não é de ninguém que eu conheça, e entretanto, nesta redondeza conheço todo mundo, velhos e crianças. Será a da comadre Joaninha?... não; essa tem cabelos pretos, e os desta são cor de castanha. A da comadre Ponciana é mais crescida, e é morena, e esta é alva como as conchinhas da praia. Também não pode ser a da vizinha Gertrudes, que fez um ano outro dia, e esta já tem todos os dentes... e que lindos dentinhos, meu Deus!... que pérolas!...

Continuando sempre nestas e outras exclamações, a boa velha apertava ao peito com maternal carinho a "pobre criança asfixiada, e procurava chamá-la à vida, como querendo comunicar-lhe o calor de seu peito, o alento de seus pulmões, o [014] sangue de suas veias –, ao mesmo tempo que prorrompia em gritos de entusiasmo e admiração, ao passo que a examinava e descobria nela novas graças e perfeições.

– Está visto, continuou ela; não é de gente daqui. Ha de ser de algum navio que deu à costa nesta noite de tanta tormenta. Este mar! Este mar!.. tenho vivido sempre perto dele, e mesmo assim tenho-lhe medo!... mas Deus, que é de misericórdia, não quis que se perdesse nas ondas este tesouro de inocência e formosura, e envio-o para mim. E foi o mar, esse mar que me roubou meu bom marido, que agora teve dó de mim, e deu-me uma filha. Sim, foi Deus que m'a enviou; é minha filha.

Dito isto, a boa velha, delirante de júbilo, recolheu-se apressadamente á cabana, levando nos braços o seu precioso achado e, graças a seus socorros e solícitos cuidados, a menina em breve recobrou os sentidos e voltou á vida. Ninguém pôde avaliar o íntimo e pleno contentamento que ela sentiu, quando viu irem-se descerrando languidamente os lindos olhos da menina, e refletirem à luz do céu e da vida. Foi uma interminável explosão de exclamações delirantes de entusiasmo e alegria. Eram, com efeito, dois peregrinos e encantadores olhos verde-mar, tendo o centro das pupilas de um negro de azeviche.

– Que olhos, meu Deus! exclamava ela, – nunca meus olhos viram olhos assim!... parecem duas estrelas a se espelharem, no regaço cristalino de um mar de leite!... mas também como são vivos!... que esperteza! que fogo!... agora parece que despedem coriscos!... Santo Deus! que menina encantadora! ... uma criatura assim só nasceu para dar gostos.

É quase escusado dizer que Felisbina, apenas a menina se restabeleceu, andou com ela de casa em casa, mostrando o inapreciável tesouro que o céu lhe tinha dado, mais contente e ufanado que se tivera pescado a mais graúda e brilhante pérola do oceano. Todos em geral, homens e mulheres, velhos e meninos, ficaram embasbacados e



boquiabertos ao contemplar a rara perfeição e formosura, da interessante menina.

Se bem que revelasse vigor e vivacidade superior á sua idade, a filha do mar apenas balbuciava algumas palavras que ninguém compreendia, pelo que nunca mais se pôde saber quem era ela, nem por que fatalidade fora arrojada a essas praias. Acreditou-se, como era natural, que seria filha de pais estrangeiros, e por isso nada sabia da língua portuguesa.

Fosse como fosse, Felisbina adotou-a como filha, e **[015]** propôs-se a criá-la e educar com todo o amor, carinho e solicitude de uma verdadeira mãe. Ignorando se era ou não cristã, fê-la batizar pelo cura do lugar, serviu-lhe de madrinha e deu-lhe o nome de Regina, santa do dia em que a menina aparecera exposta na praia, junto á sua cabana.

Começou logo a desenvolver-se extraordinariamente a pequena Regina, quer no tamanho, gentileza e agilidade do corpo, quer na formosura do semblante e nas graças e prendas do espírito. Era o mimo da velha, e o enlevo e assombro de toda a gente destes arredores. À medida que ia crescendo, cada vez mais formosa e interessante, ia-se tornando esperta, inquieta e trêfega que nem uma sílfide; era isto próprio da idade; mas Regina tinha caprichos tão singulares, dava-se a travessuras tão livres e audaciosas, que traziam a boa viúva em contínuos sustos e inquietações. Aos dez anos nenhum rapaz de sua idade poderia competir com ela em viveza, audácia e agilidade. Galgava os píncaros dos mais altos rochedos, percorria as praias, rompia os mangues e matagais do litoral nas maiores distâncias. O mar não lhe inspirava o menor terror e parecia o seu elemento natural; nadava e brincava sobre as ondas as mais agitadas, risonha e tranquila como se estivesse sobre um berço de flores. A madrinha afligia-se sumamente com tais loucuras; ralhava, esbravejava, pedia, suplicava em balde; não era possível vencer a índole indomável da rapariga.

Quando a maré enchia roncando por esses areais, e vinha como uma montanha esbarrar na praia em altos escarcéus, era seu divertimento correr como doida pela praia avante ao encontro do vagalhão. Então o mar a tomava em seu dorso, como a mãe carinhosa toma o filho no regaço, e a menina lá ia boiando como alva conchinha suspensa na crista marulhosa, e voltava a pousar na praia confundida com as espumas da ressaca. E enquanto a boa madrinha, toda sustos, levando as mãos á cabeça, soltava gritos de terror e aflição, Regina, imperturbável e risonha, brincava, e cantava – balouçando-se sobre as águas como a garça do mar.

– Mamãe não costuma dizer que eu sou filha do mar?... – Objetava ela ás queixas e repreensões da velha; –pois sou mesmo, e se o mar é meu pai, dele não pode me vir mal.

– Quem sabe, menina?!... nunca é bom facilitar; o mar é traiçoeiro, não te fies muito nele. Meu bom marido, que Deus haja, lambem gostava dele, e nele perdeu a vida, e **[016]** entretanto era um homem possante e valente como poucos, e tu, uma fraca menina, queres zombar dele?...

– Eu não zombo dele, mamãe; quero-lhe bem, ele também me quer. Eu acho que sou sereia, mamãe; com minhas cantigas eu sei amansar ou embravecer as ondas do mar, conforme me parece. Quer ouvir como eu canto? vá escutando:

Viver aqui não desejo

Nem no vale, nem na serra;  
Eu não sou filha da terra,  
Eu sou sereia do mar.  
    Correi, ondas mansamente,  
    Correi, vinde me buscar.

Nasci no seio das vagas  
Numa gruta de cristal;  
... Em colunas de coral  
O meu berço se embalou.  
    Ondas levai-me convosco,  
    Que eu desta terra não sou.

O mar criou-me entre pérolas  
Sobre fúlgidas areias;  
Mago canto de sereias  
Meus sonhos acalentou.  
    Ondas, levai-me convosco,  
    Que eu também sereia sou.

Eu não sou filha da terra,  
Vivo triste nestas plagas;  
Embalada pelas vagas  
Só no mar quero viver.  
    Correi, correi, mansas ondas,  
    A meus pés vinde gemer.

No regaço cristalino  
Brandamente me tomai;  
Aos palácios de meu pai  
Vinde, vinde me levar.  
    Correi, ondas pressurosas  
    Levai a filha do mar **[017]**

E se alguém na terra ingrata  
Sentindo loucos amores  
Meus encantos e favores  
Insensato desejar,  
    Em torno a mim, bravas ondas  
    Vinde em fúria rebentar

Em solitário rochedo  
Batido pelas tormentas  
Ide, ó ondas turbulentas,  
Ide longe me ocultar.  
Rugindo ali noite e dia  
Guardai a filha do mar.

Enlevada com os acentos daquela voz a mais suave, fresca e argentina, que jamais ouviram ouvidos humanos, Felisbina depunha inteiramente suas cóleras passageiras, e seu rosto reassumia a risonha serenidade de costume.

– Que quer dizer essa cantiga, menina? – dizia-lhe entre risonha e enfadada; – quem te ensinou essas desastradas trovas?... até já queres passar por sereia?... doidinha!... melhor seria que cantasses o Bendito e a Ave-Maria, para que Nossa Senhora do Amparo te livre das ondas do mar.

– E dos perigos da terra, mamãe, que ainda são piores, – retrucou a menina.

E os pescadores, que em distância observavam as proezas de Regina, e ouviam-lhe a voz vibrante e harmoniosa, esconjuravam-se murmurando entre si:

– Cruz! que menina, santo Deus?... não ouviram o que ela estava cantando?... aquilo ou não é filha de gente batizada ou tem partes com o diabo!... se eu duvido que ela é mesmo filha de sereia, ou feiticeira do mar!... Queira Deus, tia Felisbina, queira Deus não te arrependas de ter-lhe dado criação e agasalho!...

#### **CAPÍTULO IV – A Ilha Encantada**

Por esse tempo já essa ilha malsinada que tanto dava que pensar, era o terror e o duende dos pescadores por toda a extensão destas costas. Corriam, desde tempos imemoriais, entre o vulgo lendas sinistras e aterradoras a respeito dessa ilhota que se apresentava como um rochedo medonho e inacessível, [018] erguendo cinco ou seis braços acima das ondas, liso e escarpado á maneira de barbacã denegrada e inexpugnável de um castelo roqueiro. As vagas se despedaçavam furiosas em torno dele, bramindo e refervendo em perpétua agitação, e ninguém até então tinha podido lobrigar-lhe por qualquer dos lados uma pequena enseada, uma ponta de rochedo, uma aspereza por onde se pudesse firmar o pé na maldita penedia. Uma tempestade eterna roncava-lhe entorno, cingindo-a de alvos escarcéus de espuma, que incessantemente, se arrojavam e recuavam em perpétua escalada contra as titânicas e inabaláveis muralhas, indo lambe-lhe até o alto das ameias. Era avistada ora em um ponto, ora em outro do horizonte, algumas vezes mais próxima á costa, outras em remotíssimas distâncias, ora formosa e risonha descoberta a todos os raios do sol, ora negreando envolta em carregados nevoeiros, como sombria e tétrica masmorra. Às vezes também desaparecia inteiramente destes mares para tornar a aparecer depois de alguns meses, e havia noticia que se apresentava em frente de outras terras situadas a enorme distância daqui. Alguns pretendiam fazer crer que era um monstro marinho de

espantosas dimensões; mas o que é certo, e que todos acreditavam e acreditam até hoje, é que aquela penedia é uma ilha que anda solta a boiar sobre os mares, e que é nada menos que o palácio flutuante de uma sereia, feiticeira ou fada marinha, a qual como poder de seu condão e de seus conjuros diabólicos a faz mover-se de um ponto a outro, e submergir-se ou surgir á tona da água conforme o seu capricho. Contavam mais que essa sereia ou fada, com a magia de seus cantares e artifícios satânicos, costumava atrair para lá alguns-pescadores dos mais jovens e formosos, e que lá os guardava para sempre encerrados em suas impenetráveis espeluncas. Alguns também, que tinham tido a rara fortuna de avizinhar-se da ilha sem lá ficarem para sempre detidos, referiram que pelas penedias que a cercavam ressoavam harmonias e cantares suavíssimos, e asseguravam mesmo ter visto sobre a crista dos penedos uma donzela de estranha formosura, dedilhando uma harpa de ouro engastada de pérolas, e entoando canções tão tristes e maviosas que faziam gemer de saudade os próprios rochedos. Sabia-se até o numero e os nomes das desestruturadas vitimas que tinham caído nas ciladas da maléfica e perigosa feiticeira dos mares.

Tolos os barcos de pescaria ou cabotagem que cruzavam por estas costas evitavam com cuidado; aproximar-se do rochedo maldito, e os barqueiros, ao avistarem-no, por mais distantes que **[019]** estivessem, o esconjuravam rezando o *credo* e benzendo-se três vezes.

Havia entretanto uma pessoa a quem a ilha encantada, longe de inspirar terror, excitava a mais viva curiosidade e o mais ardente desejo de vê-la de perto, de tocá-la com suas mãos, de pisá-la com suas plantas. Era Regina. Essa ilha, que para os outros era um fantasma sinistro, um covil de duendes e seres malfazejos, para ela se afigurava um regaço de mãe carinhosa, um berço de amores, um ninho de delicias. Era filha do mar, talvez de alguma sereia e á vista das maravilhosas historias que desde a mais tenra infância ouvira contar a respeito dessa ilha misteriosa, não hesitava em acreditar que esta não era de feito mais que o palácio encantado de sua mãe, que ela ali havia nascido, e que um desastre ou outro qualquer incidente, roubando-a a seus pais e á sua pátria, a tinha arrojado nas praias dessa terra onde vivia como exilada, e em que não podia achar encanto algum.

Por isso aquela ilha: tinha para seus olhos e para sua alma um misterioso e irresistível atrativo; por isso a viam muitas vezes solitária e triste sentada sobre um rochedo da praia, contemplando aquele objeto de seus fantásticos amores e entoando endeixas repassadas de saudade e melancolia. Dir-se-ia que tinha uma lembrança vaga de um mundo estranho em que passaria dias mais felizes, e lamentava no exílio a perda de uma pátria querida.

Nestas cismas passava horas e horas excogitando um meio de avizinhar-se e de aportar mesmo a essa ilha que, inóspita para os outros, estava persuadida que para ela abria seu seio acessível e franco, como se batesse ao limiar do lar paterno.

– Eu sei nadar e bracejar muito bem, – refletia consigo a menina; – para romper as ondas com denodo e vigor não tenho inveja a ninguém; mas não há de ser á nado que jamais poderei vencer tamanha distância. Oh! Se eu pudesse ter um barquinho com vela e remo!... um barquinho que fosse só meu, e em que eu sozinha pudesse me aventurar por esses mares à hora que eu quisesse!... E por que não hei de tê-lo?... Vou pedir à mamãe, e hei de pedir-lhe tanto, tanto hei de importuná-la, que ela por força há de me dar um

barquinho. Então sim; hei de ver aquela ilha, hei de por o pé nela, custe o que custar.

Contente com a lembrança que tivera, e firme em sua resolução, Regina correu imediatamente a fazer o seu pedido. Felisbina, a principio, arrepiou-se com tal ideia, e já com as armas da brandura, já com tom severo e imperioso, tentou demover a [020] menina de semelhante propósito, é impedir a realização dessa extravagante veleidade:

– Abrenuncio, minha filha! – exclamou ela; – nem me fales em tal!... eu dar-te um barco!... e deixar-te sozinha sair nele por esse mal a fora!... nem que eu fosse mais doida do que tu!... se mesmo sem barco, com tuas travessuras, me trazes em contínuos cuidados e aflições, que diremos se te pilhas em um barco por esse mar além!...

Não, minha sereiazinha de meus pecados, varre isso da ideia; não serei eu quem te há de dar azas para voares á tua perdição.

– Qual perdição, mamãe! replicava a menina – eu sou do mar; o mar para mim não tem riscos; e mamãe pensa que eu não sou capaz de manejar um remo, içar uma vela, e manobrar um barquinho por esse mar em fora?... Demais eu preciso desde já ir-me exercitando neste ofício. Se um dia mamãe me faltar, eu, que ficarei sozinha no mundo, de que hei de viver senão de pescaria?...

Enfim, Regina tanto rogou, instou, suplicou, tais promessas e seguranças deu de que não se desmandaria nem se deixaria perder, que forçoso foi ceder-lhe, e ela teve o seu batelzinho novo, esguio, lindo e ligeiro, digno enfim da mimosa e gentil ondina que tinha de governá-lo. Apesar de seus cuidados e apreensões, Felisbina não pôde deixar de extasiar-se ao ver com que vigor e destreza Regina, logo desde o primeiro ensaio, sabia dirigir seu pequeno e lindo batel.

## **CAPÍTULO V – Regina**

Já Regina contava mais de doze anos, e á medida que avançava em idade, cresciam-lhe também cada vez mais esplêndidos e luxuriantes os atrativos da figura e os encantos do espirito. Em vez; porém, de se tornar mais tímida e cordata ao aproximar-se a puberdade, seus caprichos e travessuras foram tomando proporções mais amplas, voos mais-arrojados, e bem pouca tranquilizadores para a pobre Felisbina.

Senhora de um barquinho, não tardou muito em aventurar-se ao largo em perigosas excursões que duravam às vezes [021] longas horas, deixando a madrinha entregue à mais ansiosa inquietação. Quando a branca velinha perdida entre as ondulações da vaga, mal se divisava ao longe, como um floco de espuma, e ia até sumir-se de todo nos remotos horizontes, Felisbina pensava que seu coração cessava de bater, e que a alma também se lhe ia fugindo do corpo, e perdendo-se pelos limbos da eternidade. Então prorrompia em lastimosas exclamações, praguejava, e maldizia mil e uma vezes suas fatais fraquezas e condescendências. Mas a velinha reaparecia no horizonte, e o prazer que sentia a boa velha ao ver de volta e livre do perigo a sua querida sereia, fazia-lhe esquecer as mágoas e sustos passados.

Assim Regina, como o passarinho novo que ensaia as asas que apenas lhe despontam,

ia pouco e pouco estendendo suas correrias marítimas, e dando longas voltas a fim de disfarçar seu intento aos olhos da solícita madrinha,, não deixava de avizinhar, quanto lhe era possível, da ilha maldita, que para ela era a ilha afortunada. Queria observar-lhe de mais perto a figura e os contornos para um dia poder a ela dirigir afoitamente a proa, e nela desembarcar.

Não tiveram, porém, de durar por muito tempo essas tímidas e cautelosas tentativas da donzela para reconhecer e desembarcar na ilha por que tanto suspirava. Passados poucos meses depois que Regina tivera o seu pequeno batei, Felisbina, vergada pelo peso dos anos, moléstias e trabalhos, foi repousar dos cuidados da vida à sombra da cruz no cemitério da aldeia. Apesar de seu gênio indócil, trêfego e livre como as auras do céu, Regina tinha coração sensível e grato, e chorou com lágrimas sinceras o passamento, de sua benfeitora. A velha, vendo avizinhar-se a hora extrema, lhe tinha legado, de viva voz, sua cabana com todos os seus pertences.

Ali, nessa singela choupana tornada desde então mais simples e solitária ainda, continuou Regina a viver sua vida singular e misteriosa.

– Agora que me acho sozinha no mundo, – pensou ela consigo, – pertenço toda ao mar; o mar foi o meu berço, ele será também o meu abrigo na vida, e minha sepultura na morte.

Algumas mulheres, compassivas e amigas da defunta, vendo a pobre órfã tão só e desamparada no mundo, a convidaram para sua companhia; Regina, porém, recusou obstinadamente todos os oferecimentos que lhe foram feitos.

– Depois da boa mulher que a morte me roubou, – dizia ela, – não devo, nem quero prestar obediência a mais ninguém. [022] Já sou grande, e saberei governar-me a mim mesma, e fazer-me respeitar. Não tive pai nem mãe na terra; parece que o mar me gerou de seu seio; a ele, pois, confio de hoje em diante o meu destino; viver só com ele, e livre como ele.

Assim o disse e assim o executou.

Às vezes, nas tardes serenas, via-se resvalando pela superfície das vagas, douradas pelos fulgores do sol poente, uma ligeira e esguia piroga que se alargava pelo mar avante até quase perder-se de vistam, demandando afoita o rumo da ilha malsinada que era o terror dos navegantes. Sobre a popa desenhava-se o busto de uma donzela de maravilhosa beleza, vestida de azul, tendo a fronte cingida de uma grinalda de alvos lírios, e os longos cabelos a flutuarem a mercê das virações do mar.

Quando a piroga ia ganhando o largo ouvia-se um harmonioso e suavíssimo canto que pouco e pouco ia morrendo em distância, entre o frêmito das vagas a se quebrarem ao longo dos areais.

Era Regina, era a filha do mar que lá ia em seu barquinho aventureiro. Que iria ela fazer, essa mimosa e delicada donzela, em uma frágil piroga? Que iria ela fazer naquelas perigosas paragens, para onde nem os mais robustos e destemidos barqueiros ousavam encaminhar-se?

Ninguém o sabia; mas todos a uma voz diziam benzendo-se: – É ela; é a filha da sereia

que lá se vai para sua ilha maldita!

E o povo cada vez se tornava mais firme na crença de que Regina não era uma criatura pertencente á humanidade, mas apenas uma linda e mimosa figura animada por um espirito diabólico; que não podia ser outra senão a sereia ou fada que morava na ilha flutuante, ou pelo menos filha dela. E todos, portanto, ao avistar a donzela, a despeito de seus encantos, sentiam o mesmo terror que lhes inspirava a sinistra penedia.

Regina, entretanto, bem poucas vezes se apresentava na aldeia, e quase nenhuma relações entrelinha com os habitantes daquelas costas. Sabia que formavam dela o mais desfavorável conceito, que a temiam e execravam como fada malfazeja que agourentava tudo em que punha os olhos.

Mas não lhe doía isso muito a alma, pois si bem que não nutrisse ainda sentimento algum de ódio ou malevolência como sereia que era, e filha do mar, tinha certo desdém e repugnância instintivos por tudo quanto era da terra.

Quando, porém; acontecia andar pela aldeia e entreter-se algumas horas com as famílias dos pescadores, era como uma visão [023] deslumbrante que em todos excitava o mais vivo interesse, curiosidade e assombro. Se sua beleza enlevava os olhos de todos, se suas cantigas arrebatavam, sua amabilidade lhana e desafetada, os encantos de seu espírito, a graça de sua conversação ganhavam todos os corações.

– Oh! não; uma menina assim não pode ser uma fada cruel e malfazeja; é mais fácil ser um anjo do céu, – diziam as mulheres, enquanto a tinham diante dos olhos. Quando, porém, se ausentava, não sentindo mais o prestígio daquela beleza fascinadora, daquela voz e maneiras adoráveis, recordando os sinistros mistérios e estranhas tradições que envolviam a existência de Regina, voltavam-lhes ao espirito todas as antigas cismas e prevenções.

– Forte pena! exclamavam então; uma tão linda menina, com tantas prendas e tão boas maneiras, e ter no corpo o espírito maléfico!...

– Mas ela é batizada, – ponderava um ou outro; – foi a tia Felisbina que lhe serviu de madrinha, é pôs-lhe na mão a vela benta. Talvez algum padre santo possa com esconjuros e orações tirar-lhe, do corpo o espírito mau.

– Não creiam nisso, – respondiam as velhas experientes; – o batismo não pode tirar o diabo do corpo de quem já nasceu com ele herdado de seus pais. As sereias não são criaturas de Deus, nem são geradas e nascidas como nós; nascem no mar por artifícios de Lúcifer, que lhes dá a figura de formosas donzelas e manda um demônio habitar no corpo delas para tentar e afligir a humanidade.

## CAPITULO VI – TERROR E ESCONJUROS

Regina era de fato uma criatura incompreensível; se não um ente extranatural, seria um enigma. Ou fosse pela auréola sinistra que circundava-lhe o nome, ou: por que fosse ela realmente um misto estranho de qualidades opostas, ao mesmo tempo que inspirava simpatia e amor causava terror e repulsão. [024]

No físico, não havia a notar-se o menor senão; era uma beleza ideal. Somente a natureza caprichara em formar dela um tipo das mais estranhas combinações. Era de esbelto e garboso porte, de ademanos singelos, mas nobres e graciosos por natureza. Às

vezes, com os olhos úmidos e fagueiros, com um meigo sorriso na boca entreaberta, dava ao seu talhe de fada as lânguidas e suaves inflexões de uma baiadeira; outras vezes, alçando a fronte altiva sobre o colo firme e ereto, cerrado o lábio severo, o olhar fixo e cintilante, parecia pitonisa inspirada a devassar com a mente os arcanos do porvir. Não poucas vezes tampem as pálpebras lhe descaíam lânguidas e melancólicas sobre a pupila desmaiada, e então era um anjo exilado chorando sobre a terra saudades do paraíso.

Os cabelos escuros eram bastos e macios como a seda, e ela os deixava debruçarem-se à vontade em redor dos alvos ombros em graciosas volutas que se enleavam como arabescos de ébano em relevo sobre um vaso de alabastro. Quando se erguia em pé sobre a popa do lindo batel a balouçar-se sobre as vagas, ombros e braços nus, e a ligeira roupagem ondulando ao sopro das aragens, juraríeis ter visto Vênus surgindo das espumas do mar.

Mas era sobretudo nos olhos, – nesses olhos verde-escuros de pupila negra, – que se concentrava como em um foco ardente todo o poder e magia da perigosa beldade. Se às vezes, banhados em suaves eflúvios, quebravam-se nos langores de vago devaneio, e astros de meiga luz faziam cismar de amor a quantos os viam, outras vezes revestindo-se de singular expressão de altivez e império, despediam lampejos magnéticos capazes de subjugar e abater as mais orgulhosas frentes. Por isso, ao lado do amor que inspirava, incutia também certo terror vago, certa repulsão inexplicável. A força atrativa porém prevalecia, e os mancebos que uma vez a viam, fitavam nela os olhos deslumbrados, e não os retiravam senão quando se ausentava. Ficava-lhes, porém, aquela imagem sedutora para sempre gravada n'alma em traços ardentes, como se fossem burilados com estilete de fogo.

– Foi um flagelo, – diziam os antigos, – essa moça que aqui apareceu e criou-se entre nós. Foi um monstro que o mar arrancou dos abismo do inferno e arrojou nestas praias. Foi como uma epidemia que lavrou nestas paragens, e nos roubou nossos mais belos e bem dispostos rapazes. Não sei que [025] grande falta cometemos para merecer do céu tão duro castigo?

As mães que tinham filhos adultos diziam-lhes de contínuo:

– Foge, meu filho, foge dessa mulher maldita, foge da filha do mar. A pobre Felisbina não soube que víbora acolheu em sua casa e aqui a deixou entre nós para desgraça nossa e de nossos filhos! Antes a tivesse levado consigo! Não creias que aquilo é criatura de Deus; não, meu filho; aquilo é filha do demônio com alguma bruxa do mar; não estás vendo as proezas e artes diabólicas que faz?... Quem é que jamais pôs o pé na ilha maldita, naqueles penedos excomungados, que lá não ficasse para sempre?... Entretanto, ela vai e volta quando lhe parece, e o certo é que essa ilha, que dantes andava a boiar por toda a extensão dos mares, não se arreda mais dacolá, depois que essa víbora daninha aqui apareceu, e nem se arredará enquanto ela aqui existir praticando malefícios; é o seu navio que ali está ancorado. Foge dele e dela, meu filho, como quem foge de sataná. Ai de ti, se ela te põe os olhos malditos!...

Depois, as velhas, para gravar bem fundo no espírito de seus filhos e netos o horror que queriam inspirar-lhes por essa mulher e esse lugar de maldição, começavam a contar-lhes histórias intermináveis da ilha nefanda, dos duendes, sereias e outros monstros e espíritos maléficos que nela habitaram desde tempos imemoriais. Não era, porém, de grande eficácia esse expediente; os temerosos contos não produziam senão passageira impressão no ânimo desses denodados e ardentes mancebos, criados no fragueiro ofício de pescadores em uma costa bravia, e avezados a todos os perigos e horrores do mar. Essa mesma proibição que lhes impunham era um estímulo de mais para incitá-los a ver a fada incompreensível, cujas admiráveis prendas e maravilhosa beleza era assunto de inesgotável



conversação em todos os serões. Ainda que tomados de certo receio e vagas apreensões, todos ansiavam por vê-la, e, por mais que ela se esquivasse, procuravam todos os meios de encontrá-la, e uma vez postos os olhos naquela prodigiosa formosura, que deslumbrava como um sol, e fascinava como serpente, lá se lhes ia a razão e a liberdade.

Quase todos os mancebos, os mais gentis e bem dispostos que por aquele tempo aqui existiam, caíram loucos de amor aos pés da peregrina e funesta beldade. Ela porém os repelia a todos, ora com um gesto frio e desdenhoso, ora com motejos e sarcasmos, e sempre com o mais terminante e inexorável [026] desengano. Da chusma de seus adoradores quase todos tiveram o mais lastimoso e miserando fim. Uns ficaram doidos varridos; alguns mais pacientes e resignados, procurando na ausência remédio a seus males, fugiram para bem longe, e nunca mais apareceram; outros, sucumbindo aos pesares, se extinguíram lentamente nas garras do desalento e da melancolia. Não poucos se despedaçaram nas pontas dos rochedos, ou apagaram para sempre no seio das ondas o fogo que lhes devorava o coração.

E apesar de tantas catástrofes que sem interrupção se sucediam umas às outras, a turba dos amantes não cessava de adejar em derredor da fatídica beleza, como um bando de mariposas, doudejando em volta do lume fatal que tem de devorá-las.

Houve todavia um que, mais pertinaz e audacioso que todos os outros, porfiou longo tempo envidando os últimos esforços para ganhar aquele coração tão livre e indomável como o oceano, tão inacessível como as rochas da ilha maldita.

– Estás ouvindo, meu filho?... – perguntou o velho pescador ao seu jovem ouvinte, que dava mostras de não estar ouvindo cousa alguma.

Foi debalde chamá-lo; o bom velho teve de sacudi-lo fortemente para despertá-lo.

O rapaz, já aborrecido e fatigado de escutar uma tão longa e fastidiosa historia que até ali nenhum episódio, nenhuma peripécia interessante apresentara, dormia profundamente, e fazia muito bem.

E agora vejo que eu também já me ia esquecendo do tal pescador que contava, a historia, e de seu filho, que a não escutava, e creio que o mesmo terá acontecido ao leitor. Portanto proponho é julgo melhor que daqui em diante nos esqueçamos inteiramente deles – e, dispensemos a sua companhia para não termos o trabalho de estar a todo momento, despertando o dorminhoco rapaz.

Ficaremos pois a sós eu e o leitor. Quando este tiver sono, o que não raras vezes lhe terá de acontecer no decurso desta nefasta e prolixa historia, feche o livro, durma a seu gosto, e, depois continue a leitura, se quiser, quando quiser. Isto é mais simples e razoável. [027]

## **CAPITULO VII - OS NÁUFRAGOS**

Poucos anos depois que Regina, arrojada à praia em uma noite de tormenta, fora recolhida semimorta à cabana de Felisbina, os azares do mar trouxeram também às mesmas praias quatro novos hospedes em condições não menos desfavoráveis.

Um grande navio, vindo da Espanha, trazia a seu bordo um velho fidalgo que por crimes políticos fora exautorado de seus foros e condenado a desterro perpétuo nas possessões espanholas. Trazia consigo três filhos, três belos e vigorosos adolescentes, únicos restos de toda a sua família. Um tremendo temporal assaltou o navio, o qual depois de ter lutado em vão contra a fúria dos elementos, soçobrou e foi a pique, não longe da costa em que se dão os acontecimentos desta historia. O velho, dotado de mais resolução e

presença de espírito que o resto da tripulação que se abandonara inteiramente ao desalento, lançou mão de um machado e, ajudado pelos três filhos que animava com as palavras e o exemplo, cortou o mastro grande e mais algumas pranchas que lhes servissem de remos, e sobre este frágil refúgio atiraram-se os quatro á mercê das ondas, enquanto o navio desaparecia para sempre nos sorvedouros do oceano.

Depois de terem boiado longo tempo, sem rumo e quase sem esperança, exaustos de fome, de sede e de fadiga, os naufragos conseguiram enfim arribar a essas praias, onde foram acolhidos pelos habitantes com a caridade e espírito hospitaleiro que lhes era usual. Convinha ao velho que tão cedo não se soubesse que ele e seus filhos tinham escapado ao naufrágio. Se os julgassem mortos ficavam livres da vigilância e suspeitas na metrópole, e poderiam viver com liberdade e independência em qualquer parte do mundo. Demais esperava que para o futuro, senão ele que já ia muito avançado em anos, ao menos seus filhos poderiam voltar á pátria e reclamar seus títulos e foros perdidos e seus bens confiscados. Portanto julgou prudente ocultar seus nomes e títulos, assim como o nome e a procedência do navio em que viera, e todas as mais circunstâncias que pudessem revelar quem era, e qual o seu destino.

Instalados naquela costa, pai e filhos viram-se forçados a entregar-se à [028] rude vida de pescadores – única indústria compatível com os recursos do lugar, – não só para terem de que subsistir, como para adquirirem algum pecúlio quando se lhes oferecesse favorável ensejo. O pai, acabrunhado mais pelos trabalhos e desgostos do que pela idade, faleceu poucos anos depois. Ao sentir próximo o termo de seus dias, deu longos conselhos e instruções a seus filhos, indicando-lhes qual devia ser seu procedimento no futuro para reaverem a herança paterna, e antes de cerrar para sempre os olhos fê-los jurar sobre suas mãos frias e descarnadas, que não descansariam um momento enquanto não se restabelessem com todos os seus títulos, honras e haveres no antigo solar de seus maiores.

Os três filhos, jovens, inteligentes e ativos, graças ao seu vigor e trabalho incessante prosperaram rapidamente e granjearam importância e consideração entre os habitantes do lugar. Decorreram alguns anos e já os três mancebos, cheios de esperança e resolução, se preparavam a partir saudosos da praia hospitaleira a que deviam uma segunda existência, em demanda de outras plagas onde pudessem dar começo à execução dos projetos que seu pai, moribundo, lhes insinuara, quando a fatal beldade, o monstro encantador que infestava estas paragens, veio atravessar-se em seu caminho.

Como inevitavelmente teria de suceder, Rodrigo, o mais velho dos três irmãos, encontrou-se um dia com a formosa filha do mar, essa gentil barqueira, que inflamava todos os corações, esse facho fatal e consumidor que fazia arder o juízo a todos os mancebos, queimando as asas a todas as esperanças. Já bastante prevenido contra as seduções da perigosa fada, Rodrigo confiava demasiadamente em si, e estava intimamente convencido de que não havia mulher alguma, fada nem anjo, que pudesse lhe inspirar um amor capaz de distraí-lo de suas preocupações e desígnios no futuro. A cruel experiência bem cedo mostrou-lhe quanto se enganava. O ardente mancebo não pôde resistir ao mágico poder dos olhos fascinadores de Regina, e teve de pagar o comum tributo de adoração á cruel e encantadora tirana dos corações. Desde então o seu viver alterou-se profunda e completamente. A tela do futuro, onde seu audaz e ambicioso espírito havia delineado com largos e esplendidos traços os mais brilhantes projetos, apagou-se inteiramente ante seus olhos, e até varreu-se-lhe da memória o sagrado é solene juramento que prestara sobre as mãos hirtas e geladas de seu pai agonizante [029]. Desde então, no mundo inteiro, para ele

só existia Regina, só nela pensava, só a ela procurava.

Seu barco balouçava ocioso amarrado á praia, enquanto ele vagava à toa pelos areais e rochedos da costa, seguindo a pista da feiticeira que o fascinara. Seus irmãos em vão o esperavam; em vão o procuravam para se entregarem ás ocupações cotidianas. Escondido entre rochas em algum recesso escuso, Rodrigo passava horas e horas, a espiar a piroga de Regina, que vogava pelos mares ou a seguia em distância ao longo das praias, reputando-se feliz quando podia contemplá-la mesmo de longe, ou escondido, ora nas moitas do matagal, ora no pino de um rochedo procurava ocasião de vê-la passar para poder por um instante pascer as vistas inflamadas e sequiosas nos inefáveis encantos de tão peregrina formosura.

– Que tens, Rodrigo, que há dias andas assim, triste, esquivo e taciturno? – perguntou-lhe Roberto, seu irmão imediato; – ah! meu pobre irmão!... está me parecendo que a maldita sereia deitou-te seu mau olhar.

– Não graces, meu bom irmão, – retorquiu-lhe Rodrigo em tom grave e melancólico. Disseste a pura e cruel verdade. Chegou a minha vez de ser sacrificado!... estou louco de amores por essa fatal beleza, o que quer dizer – estou para sempre e irremediavelmente desgraçado!...

– Desgraçado!... não digas tal!... desgraçado por quê? tu deliras, meu pobre irmão; isso não passa de uma fraqueza momentânea, uma alucinação passageira que em breve se dissipará...

– Não, meu irmão; prouvera a Deus que assim o fosse.... é uma paixão profunda, ardente, inextinguível como todas que essa mulher fatal costuma inspirar. Tu bem sabes que amar essa mulher é presságio infalível de desgraça e perdição; não ignoras a miseranda sorte de todos aqueles que têm tido a desventura de apaixonar-se por ela.

– Nesse caso, se essa paixão é inextinguível, se não podes bani-la de teu coração, trata de satisfazê-la. Uma vez satisfeita ela se extinguirá por si mesma, em vez de extinguir-te a ti, que nos és tão necessário para levarmos avante os planos que nosso pai nos traçou...

– Falas em satisfazê-la?!... acaso não sabes quem é Regina?!... esse coração duro e inacessível como os rochedos da ilha maldita!... não sabes quantas vítimas têm sido imoladas à sua bárbara Indiferença? **[030]**

– Bem o sei; mas quem têm sido essas vítimas?... por certo ainda não pensaste nisso. Uns pobres e toscos pescadores, desasados e grosseiros no trato, mal amanhados nas feições, no corpo e no traje, uns amantes aparvalhados e em tudo próprios para fazer recuar de tédio e de desdém uma linda e mimosa donzela, rica de encantos e prendas naturais, como dizem ser essa Regina.

– Então tu nunca a viste?...

– Eu nunca.

– Ah! é o que te vale, e pede ao céu que nunca a veja. Já não me admiro de que fales dela com essa indiferença e sangue frio, como quem fala de uma moça qualquer.

– E o que mais pode ser ela?... uma moça um tanto mais bonita que as outras, e que sabe cantar e remar admiravelmente, e nada mais. Mas como ia te dizendo, esses rudes barqueiros estão longe de possuir as tuas prendas, gentileza e galhardia; portanto não admira que ela, do alto de sua formosura, nem se dignasse de lançar um olhar de compaixão para a turba desses estultos adoradores que não sabiam e nem eram dignos de ser amados. Mas tu, meu irmão, tu um gentil-homem com todos os encantos próprios para seduzir nobres damas da mais alta fidalguia, tu perdes a esperança de conquistar o coração de uma simples barqueira?...

– Como te enganas, Roberto?... tanto caso faz ela de gentileza como de fidalguia, e esses pobres pescadores que tanto deprimas, ao menos alguns deles não eram tão indignos, como pensas, do amor dessa mulher. Acredita-me, meu irmão, Regina ou é um anjo que devemos adorar de longe e de joelhos, ou um demônio de quem devemos fugir às léguas.

– Não creias nisso; é uma simples mulher de carne e osso como qualquer outra. Só faltava agora também que as ridículas historietas e crendices dessa gente rude e boçal viessem transtornar-te o entendimento!... Diz-me cá, meu irmão, já lhe falaste?... Já lhe declaraste teu amor?...

– Ainda não.

– Então de que te queixas?... Por que esmorece tão depressa?...

– Tens razão, – respondeu Rodrigo reanimando-se depois de um momento de reflexão; não tenho motivo ainda para desesperar. **[031]**

## **CAPÍTULO VIII - O PRIMEIRO IRMÃO**

Roberto bem via que jamais lhe seria possível extirpar do coração de seu irmão a fatal paixão que lhe inspirara a fada dos mares, e, portanto, longe de procurar dissipá-la com ponderações e conselhos sempre inúteis e descabidos em tais circunstâncias, julgou mais acertado empenhá-lo a prosseguir com novos esforços a conquista da cobiçada beleza; em seu orgulho e altivez de fidalgo pensava ser isso não só possível, como até de suma facilidade. Vendo seu irmão em risco de esquecer seus compromissos e faltar a um juramento sagrado, sentia cruéis angústias e inquietações.

– Uma paixão desgraçada e sem esperanças, – pensava ele com muita razão, – nos acabrunha e aniquila, nos inutiliza para tudo; mas um amor feliz e retribuído, quando não se extingue, ao menos arrefece, e nos deixa o espírito tranquilo e livre para cuidarmos de outros interesses.

Eis aí com que intuito Roberto usou para com seu irmão da linguagem que vimos no precedente capítulo. De feito Rodrigo, alentado de novas esperanças e cômico de quanto se avantajava em prendas do espírito e do corpo a quantos até ali tinham requestado a formosa e insensível donzela, resolveu empregar novos e pertinazes esforços para ganhar-lhe o coração.

Vagando pelas praias arenosas dias inteiros, seguia as pegadas da fugitiva beldade, a qual, adivinhando-lhe o intento, o evitava cautelosa como a tímida corsa se esquivava á perseguição do jaguar. Mas era embalde; o ardente e apaixonado mancebo achava sempre ensejo de atravessar-se em seu caminho, arrojava-se a seus pés, e com a eloquência animada e quente do fogo do coração, declarava-lhe todo o ardor da paixão que o consumia, e em vão lhe pedia uma palavra, um gesto, uma tênue esperança. A filha do mar parecia possuir um talismã que a preservava de toda e qualquer paixão; seu coração resistia ao embate das mais provocadoras seduções, como as rochas da ilha encantada resistiam ao choque perene das ondas enfurecidas.

Às palavras inflamadas do mancebo respondia ela sempre fria e severa, mas sem enfado, nem desdém:

– Perde seu tempo, moço; eu não sei e nunca hei de saber o que é amor. Meu único amor ali está e, com gesto altivo, **[032]** apontava para o oceano; – sou filha do mar; não tenho outro pai, nem outra mãe; e nunca hei de ter outro amor. O mar é livre; meu coração também é e há de ser sempre livre como ele.

Ditas estas palavras, esquivava-se ligeira como um silfo aéreo, deixando o mísero

amante com o coração despedaçado de angústias, o orgulho esmagado, mordendo as mãos e arrancando os cabelos em contorções de desespero.

– Não! – pensou ele por fim, depois de reiteradas tentativas em que baldou súplicas e lágrimas, juras e protestos. – Não; não há de ser com palavras, mas sim com ações que devo mostrar-lhe que este amor que me devora é imenso como esse mar que ela adora tanto, ardente como esse sol que nos queima.

Uma tarde, como era seu costume, Regina fez resvalar sua esguia e ligeira piroga sobre as vagas douradas pelos fulgores do sol no ocaso e ganhou o largo. Sentada á popa, abriu a branca vela ao sopro do terral que a impelia com rapidez através das campinas ligeiramente encrespadas do oceano.

O vento brincava-lhe com os cabelos soltos, que refulgiam aos raios do sol poente, como serpentes de matizes cambiantes. Reclinada à popa, arrimava o braço nu e perfeitamente modelado á borda do barquinho, tendo a face encostada a uma das mãos, cujos dedos se embebiavam como um pente de marfim entre os anéis escuros da opulenta madeixa, enquanto com a outra manejava o leme com admirável destreza e segurança. Os róseos reflexos do ocidente davam-lhe ao rosto, ao colo e aos braços descobertos uma transparência e matiz ideal. Se a vissem os gregos de outras eras, jurariam ter visto Anfitriote percorrendo os domínios de Netuno em sua concha de ouro e nácar arrastada por delfins.

Rodrigo, que escondido em distancia tinha seu barco amarrado em um recesso da praia e a contemplava, ou antes a devorava com a vista ansiosa, não pôde conter-se; soltou também o seu barco, e á força de remo e velas em breve se pôs no esteiro da gentil barqueira, que se atirava detidamente através das vagas encrespadas. A viração fresca que soprava de terra a impelia rapidamente para o largo, e as vagas, retouçando marulhosas em volta do pequeno batel, o cingiam de um velo de espumas, no meio das quais apenas se via o busto admirável de Regina, á semelhança de gentil nereida brincando e saltitando a flor das ondas. **[033]**

O audaz e resoluto mancebo, por seu lado, também impelia com todo o vigor o seu esguio e veleiro batel, que galgava as ondas uma após outras como poldros bravios, vencendo aos saltos os rochedos de alpestre serraia.

– Quero falar-lhe de amor no meio das ondas, – ia ele pensando consigo. – Esse mar, de quem ela se diz filha, talvez seja mais propicio que a terra a meus amores. Minhas queixas, meus suspiros amorosos misturados ao ruído destas vagas que tão grata harmonia tem a seus ouvidos, talvez despertem-lhe nos seios d’alma benignos ecos, e lhe influam sentimentos de ternura e compaixão. O mar, que ela tanto ama, o mar deve ser o único confidente dos ardores que me consomem.

Lançando os olhos pelo oceano, Rodrigo logo compreendeu que a temerária barqueira demandava resolutamente o rumo da ilha maldita, mas nem por isso se acovardou, nem arrepiou carreira, antes com mais ardor e denodo ainda prosseguiu sua derrota no enalço da fugitiva ondina.

– Que importa onde ela vai! – dizia ele consigo; – segui-la-ei por toda parte... A sereia tem o seu ninho no mar; só quem ousar acompanha-la até lá poderá ser digno dela. Segui-la-ei ainda que vá até os confins dos mares.

A piroga de Regina, porém, resvalando ligeira como a asa da gaivota que apenas roça pela superfície das águas, conservava-se sempre á mesma distancia e não se deixava apanhar.

Rodrigo redobrou de esforços, e no fim de algum tempo conseguiu avizinhar-se do barco de Regina a ponto de poder ser ouvido.

– Regina!... Regina – bradava ele com toda a força do seus pulmões, – espera-me!... escuta-me!... – Seus clamores perdiam-se sem resposta entre o frêmito das vagas, como os gritos do naufrago por mares ermos implorando em vão socorro.

## **CAPITULO IX - O CANTO DA SEREIA**

Rodrigo, jovem de alma sensível e romanesca, gostava de música e sabia mui lindas e maviosas canções e barcarolas que desde a infância aprendera com os barqueiros de Cádiz, sua terra natal. Lembrou-se, pois, de cantar e ver se por esse meio conseguiria atrair a atenção da esquiva ondina. Ela, que tanto se aprazia em encantar os ecos com os acentos de sua [034] voz incomparável, não se dedignaria também de prestar ouvidos aos cantares dos outros, e talvez que, levados nas asas da harmonia as lástimas, e queixumes de um amor desventurado, conseguissem ameigar-lhe algum tanto o frio e insensível coração. Portanto, com um timbre de voz valente e maviosa a um tempo, dominando o frêmito das vagas, começou a cantar as seguintes coplas:

Por que foges, branca fada  
De formosura sem par?  
Por que me escondes teu brilho,  
Formosa estrela do mar?  
    Ronca em torno a tempestade,  
    Meu barco vai soçobrar.

Só tu podes no meu peito  
Uma esperança plantar;  
E as tormentas, que me cercam,  
Com tua luz aplacar.  
    Nestes medonhos abismos  
    Não me deixes soçobrar.

Ferve o mar, o céu em chamas  
vem abismos aclarar;  
Nestas águas desastrosas  
Vai meu barco soçobrar.  
    Vem salvar-me por piedade,  
    Formosa estrela do mar!...

Calou-se o mancebo, e após instantes ouviu os ecos de rima voz de mulher, voz pura, argentina, suavíssima, mas ao mesmo tempo de tão sonora vibração, que se fazia ouvir distintamente por entre o marulhar das ondas agitadas, e as brisas do mar levavam aos ouvidos de Rodrigo, moduladas com inefável melodia, as seguintes endeixas:

Eu sou pérola das vagas,  
Que não sei, nem quero amar;  
O meu peito é como a rocha,  
Onde em vão esbarra o mar. [035]  
    Mancebo, vai noutra parte

Teu amores suspirar.

Do que existe sobre a terra,  
Nada me pôde encantar;  
Só amo a Deus, nas alturas  
E a liberdade no mar.  
Mancebo, vai noutra parte  
Teus amores suspirar.

E a voz da sereia, ondulando em puras e suaves modulações, enchia o espaço de indefinível encanto; as ondas pareciam bolear-se mais mansas, e as brisas como que amainavam seu sopro para não dispersarem os acentos de tão maviosa e enlevadora canção.

Rodrigo, deixando escapar o remo das mãos, escutava absorto os acentos desse inefável e estranho cantar, do qual cada nota lhe varava o coração como uma lâmina envenenada. Ao passo que o encanto dessa voz tão pura e suave parecia querê-lo arrebatá-lo ao céu, as cruéis palavras que cantava lhe vertiam n' alma todas as torturas do inferno. Nas asas de ouro da mais encantadora melodia a fada implacável lhe mandava o fel do mais acerbo desengano.

E a piroga de Regina resvalava ligeira pela superfície dos mares, e o canto maviosíssimo se perdia ao longe entre o bramido das vagas, como os arrulhos do alcyon, que sobre o ninho flutuante diz adeus ás praias, que abandona.

Rodrigo só despertou do cruel delíquio que o esmagava, quando as ondas, balouçando-se com violência, começaram a sacudir-lhe o batei em movimentos desencontrados. Procurou com os olhos a piroga de Regina, e a custo pôde avistá-la balouçando-se horivelmente entre os escarcéus medonhos que rugem de contínuo em torno, dos cachopos da ilha maldita. Apenas por momentos divisava a branca vela que se alçava tremendo sobre a crista de um vagalhão como "a grimpá de uma torre, para imediatamente sumir-se de chofre, como engolida por um sorvedouro. Diante de seus olhos, a poucas amarras de distância, erguia-se a prumo a lisa e pavorosa penedia que circunda a ilha sinistra. Ali as ondas, rebentando furiosas, de encontro aos rochedos escarpados que a cingem por todos os lados, se despedaçam e fervem entre horrísonos bramidos, como um bando de monstros marinhos que porfiam por devorá-la. [036]

Entretanto a frágil e leviana piroga de Regina lá se ia costeando a pouca distância a horrenda penedia, e, violentamente sacudida pelas vagas revoltas desse mar horivelmente cavado, parecia a cada momento em risco de submergir-se nos abismos, ou despedaçar-se de encontro aos rígidos penedos.

Rodrigo estremeceu, e o coração gelou-se-lhe de susto ao encarar o eminente e tremendo perigo que ameaçava a fada de seus amores. Era para ele evidente que naqueles broncos e inacessíveis cachopos seria impossível um desembarque, e não podia compreender por que fatal loucura a temerária moça se afoutava a arrojá-lo seu batel por tão temerosas e desastradas paragens, e persuadia-se que sua morte seria inevitável se alguém não corresse a socorrê-la.

Salvá-la, ou morrer! – foi o pensamento único do mancebo, á irrevogável resolução que tomou naquele instante supremo. Largou todo o pano, travou, do remo, e com indomável vigor e resolução atirou seu barco através dos escarcéus. Nunca mais, porém, pôde avistar nem vela, nem barco, nem Regina; tudo havia desaparecido no eterno e

tempestuoso turbilhão que circundava a ilha. Desesperado e louco de raiva, Rodrigo tentou ainda esforços supremos para avizinhar-se dos penedos em direção ao lugar onde havia perdido das vistas a piroga da fada inflexível. Queria ir também quebrar o seu batel de encontro aos penedos malditos e sepultasse para sempre nas mesmas águas que serviam de túmulo a Regina. Mas, a despeito do vento favorável, que lhe enfunava rijamente o pano, a despeito do infatigável vigor e celeridade com que manobrava o remo, depois de algum tempo de inútil porfia percebeu que não tinha avançado nem uma braça. Parecia que, ou o seu barco se conservava imóvel, ou que a ilha fugia, constantemente diante dele. Entretanto, cousa estupenda!, não obstante o pavoroso estampido da ressaca abalroando nas penedias, cuidou ouvir ainda os ecos maviosos de uma voz de mulher repetindo o mote execrável da odiosa canção:

Mancebo, vai noutras partes  
Teus amores suspirar.

Por fim, exausto de forças, e quase desfalecido, Rodrigo, entregue ao mais profundo e sombrio desalento, deixou-se cair no fundo do barco, que deixou ir á mercê dos ventos e das [037] ondas... Assim vagou por longo tempo, aturdido e aniquilado pela fadiga e pelo embate de tão dolorosas e pungentes impressões, e só deu acordo de si quando a proa de seu batel esbarrou encalhada nos areais da costa. A maré, que enchia, e os ventos, que sopravam ponteiros de sul-este, o tinham trazido, sem que ele o sentisse, quase ao mesmo ponto donde algumas horas antes havia partido no encalço da fatal beleza que o trazia fascinado!

## CAPITULO X – DESENGANO

Já a noite ia avançada; Rodrigo saltou automaticamente fora da barca, e a passos indecisos, cambaleando como um ébrio, dirigiu-se para a casa. Seus irmãos, afeitos ás suas longas e continuadas ausências, já dormiam; não quis despertá-los, e passou noite febril entre sonhos sinistros e angustiosas vigílias. Tinha como certa a morte de Regina; essa gentil inimiga a quem tanto adorava havia sucumbido a seus olhos, devorada por esse traidor oceano que ela amava tanto, e ele não pudera salvá-la, nem oferecer-lhe o mínimo socorro!... Entretanto era ele o único, responsável por tamanha desgraça, ele, que com suas loucas e importunas perseguições a tinha forçado a arrojarse desatinadamente por aqueles mares revoltos onde em cada vaga a morte rugia ameaçadora. Este horrível pensamento escaldava o cérebro ao mancebo, e ralava-lhe o coração, até que a fadiga lhe vinha cerrar os olhos em um sono febril e agitado. Então Regina lhe aparecia naufraga, lutando sobre as ondas em ânsias de desespero, e estendendo-lhe os braços convulsos a pedir socorro; mas ele, pregado em seu barco imóvel, fazia em vão desesperados esforços para correr a salvá-la; seus membros, inertes e pesados como chumbo, não queriam mover-se e parecia terem-se petrificado. Depois a ia encontrar morta estendida sobre a praia, hirta e gelada, extinta a luz nos olhos vidrados, lívidos e mudos para sempre aqueles lábios formosos, donde se desprendiam tão doces canções e sorrisos fascinadores. Afrontado então de horrível pesadelo acordava, saltava do leito hirto e a tremer, os cabelos a pino, a fronte banhada em suor gélido. Ah! a realidade surgia então em seu espirito, tão medonha como esse sonho que não fora mais que um reflexo da verdade. Só faltava ter diante [038] dos olhos, o cadáver de Regina, o qual estava certo que ao romper do dia iria encontrar estirado na



praia, tal qual o tinha visto em sonho, e novas e mais pungentes angústias vinham ralar-lhe o coração.

De novo adormecia, em um febril letargo, e sonhava que havia salvado das ondas a moça semimorta, e a recolhera em seu barco, donde ela, recobrando os sentidos com um meigo sorriso, o apertava nos braços, e entre caricias e beijos lhe protestava eterno amor. Acordava, e caía precipite do ápice do mais delicioso sonho aos abismos dá mais cruel realidade, como os anjos rebeldes fulminados pela cólera de Deus outrora haviam caído de chofre dos esplendores do empíreo no reino da dor e da escuridão eterna.

Apenas os primeiros clarões da nascente aurora penetraram pelas fendas de sua habitação, Rodrigo saiu para a praia, e começou a percorrê-la. Esperava deparar o cadáver de Regina arrojado á praia, ou pelo menos os destroços de seu batel boiando sobre os mares. Nem uma, nem outra, coisa avistou. A manhã estava esplendida e serena; o mar, bonançoso, arfava em languidos balanços pelas alvas areias do litoral, e ao longe, no horizonte luminoso, surdia de entre um anel de brilhantes espumas a massa escura da ilha malsinada, como ametista encravadaentre folhados de prata.

Rodrigo esteve por longo tempo a pairar as vistas inquietas já pelos longos areais da praia, já pelas solitárias e infindas planícies do oceano, sem avistar coisa alguma que pusesse termo ás suas incertezas e ansiedades. Enfim divisou uma branca velinha que mal bruxuleava no horizonte, e que fronteando com a ilha maldita, singrava rapidamente com direção á costa; o coração pulou-lhe sobressaltado. Daquele lado e a tais horas, qual outro batel poderia partir senão o de Regina?... Cravou nele os olhos e esperou longo tempo; antes, porém, que pudesse reconhecê-lo, Rodrigo ouviu distintamente, com surpresa e assombro, uma argentina e sonora voz de mulher, que entoava ainda aquele estribilho fatídico tão odioso a seus ouvidos:

Mancebo, vae noutra parte  
Teus amores suspirar.

Já não podia haver dúvida; era Regina; era a inconcebível fada dos mares que lá vinha viva e ilesa em seu barquinho aventureiro. [039]

Rodrigo, que então formara o propósito inabalável de disputá-la viva ou morta ao oceano, ou para sempre submergir-se com ela nessas ondas malditas onde a julgava sepultada, sentiu ao avistá-la súbita alegria alvoroçar-lhe o coração; mas foi apenas um lampejo fugaz como o relâmpago que alumia as trevas para torná-las de chofre mais medonhas e profundas. Nas melodiosas notas da canção fatídica chegavam-lhe aos ouvidos os ecos lúgubres de sua condenação.

– E portanto ela vive! – murmurou soluçando o desventurado mancebo; – e com ela, revivem os meus tormentos de todos os dias!... (Ela vive para continuar a zombar de meu amor, como zomba dos temporais e dos cachopos de sua ilha abominável!... Folga e ri com as tempestades do mar; folga e ri também com as tormentas que concita no coração dos homens. Ah! é bem certo o que dizem; não é uma mulher; é uma filha das trevas, uma fada malfazeja; é o gênio do mal que na figura de um anjo veio ao mundo para torturar os corações. Sou uma de suas vítimas; a sentença é irrevogável, tenho de morrer por ela!

Poucas horas depois Rodrigo dizia a seu irmão Roberto, confidente único de seus mal-aventurados amores:

– Roberto, meu caro irmão, estou irrevogavelmente condenado!... apagou-se minha última esperança, e no futuro só vejo angústias, desespero e morte. Já tenho a morte

n'alma; o corpo em breve também sucumbirá. Eu devera despedaçá-los aos olhos desse ídolo feroz; seria para ela um prazer indefinível banhar-lhe os pés no sangue de sua vítima!... mas não; não quero dar-lhe mais esse regozijo... irei, para bem longe, matar-me, ou finar-me lentamente, entregue á angústia e á desesperação.

– Que lastimosa e fatal fraqueza entrou-te pelo coração, meu pobre irmão! – replicou Roberto. – Por uma simples barqueira, que não tem outros merecimentos mais que a beleza e a mocidade, desprezas um futuro brilhante, esqueces um juramento...

– Basta, Roberto, basta, – interrompeu o moço com voz suplicante; – bem sei o que me vais exprobrar. Poupa-me esse desgosto. Que hei de eu fazer!... Uma força sobrenatural, um poder inflexível e tirânico a que não posso resistir escravizou minha vontade. Acredita-me, Roberto, essa mulher verte dos olhos malditos um eflúvio satânico que enerva e envenena os corações, e quebranta as mais poderosas energias. Ela tem em seu poder minha alma e minha vida, e é desejo dela perder minha alma, [040] e arrancar-me a vida. Foge de mim, Roberto; estou perdido, sou um precito!... Foge dela também; não creias que é uma mulher; não!... é o espírito das trevas que se incarnou naquela figura de maravilhosa beleza, para arrojarnos no abismo da eterna perdição!...

Ó Regina!... Regina!... , tu, que podias ser um anjo para nos abrir as portas do céu, porque te convertes em fúria para nos levar ao inferno!...

Pronunciando estas frases com voz convulsa e louca, as feições transtornadas, os lábios espumantes, desvairado e em fogo o olhar, Rodrigo parecia um possesso atormentado pelo espírito do mal. Roberto olhava consternado para seu irmão, e, abalado pela mais profunda comiseração, não sabia o que dizer-lhe.

– Que desgraça, meu irmão!... que fatal cegueira! – exclamou enfim depois de largo silêncio. – Um moço como tu és, ágil, valente, cheio de prendas e galhardia, raça de ilustres e esforçados fidalgos, tu te resignares a morrer ignobilmente por amor de uma obscura mulher, só porque é bonita e sabe volver um leme e entoar bem uma cantiga?!

Valha-te Deus, meu irmão!... pois faltam mulheres bonitas neste mundo?...

– Certo que não; mas aquela, Roberto, aquela não é uma mulher; é uma fada, um anjo, uma sereia, um demônio, um misto monstruoso de tudo quanto há de formoso, celeste e adorável, e de tudo quanto há de abominável e infernal. Eu parto, meu irmão, não sei para onde; o ar destas paragens me abafa e me envenena as entranhas. Se eu não voltar dentro de um anuo, fica certo que nunca mais verás sobre a terra teu desgraçado irmão.

## **CAPITULO XI - MAIS UMA VÍTIMA**

– Deixa-te desses sinistros pensamentos, meu caro irmão; cuidemos antes em nossa vida, nos interesses de nosso futuro. Queres que conosco se extinga a valente e ilustre nossos avoengos? tratemos de trabalhar para comprarmos um navio que nos tire destas áridas e mesquinhas praias, e nos transporte para regiões mais felizes e civilizadas, onde não nos faltarão riquezas, honras, prazeres e mulheres. [041]

– Honras, riquezas, prazeres!... hoje tudo isso para mim são vãs palavras; nada disso tem valor, para minha alma, que sem Regina não pôde compreender o que seja felicidade.

E Regina é a flor que nasceu no rochedo inacessível, a estrela que luz nas profundezas do firmamento, ou a pérola do abismo a que mãos humanas não podem tocar!... Adeus, meu irmão, levo á morte no coração e quero morrer longe destes lugares e dos olhos dela. Tu e Ricardo sois mais fortes que eu, e bem podeis sem mim levar avante os projetos e conselhos de nosso pai! Ah! possa ele lá no céu, onde se acha, lançar-me um

olhar de compaixão e perdoar a este seu indigno filho!...

– Bem! já que essa é a tua vontade irrevogável, vai-te, meu irmão; vai-te em paz, que eu cá fico para vingar-te...

– Vingar-me?! Como? Pode alguém vingar-se de uma dama porque não nos quer?... Ofender a mulher é indigno de um cavalheiro.

– Não te dê isso cuidado; eu não tocarei em um só fio de seus cabelos.

– Então qual a vingança que pretendes tomar?

– Muito simples; hei de quebrar o encanto a essa intratável e maldita fada; hei de abater-lhe o orgulho, fazendo-a sofrer o mesmo que hoje sofres; há de amar e não há de ser amada.

– E a quem amará ela?

– A quem?... a mim mesmo; hei de vê-la rendida a meus pés, há de adorar-me, e eu...

– E tu que farás?...

– Hei de fazer com ela o mesmo que ela faz contigo ou pior ainda.

– Um sorriso de incredulidade, sorriso amargo e triste como um raio de sol de inverno, pairou ligeiro pelos lábios de Rodrigo, que, abanando a cabeça, murmurou:

– Ah! Roberto! Roberto! pensa bem no que vais fazer!... é uma loucura de que tarde terás de te arrepender. Vais brincar com uma serpente, e queira Deus não saias, como eu, com o seio mordido e o veneno no coração!...

– Não tenhas o menor receio; poderei não conseguir domá-la, mas asseguro-te que hei de sair-me do combate tão ileso e são como agora aqui me acho.

– Por demais confias em ti, Roberto. Tu és belo e ela formosíssima... se ficardes morrendo um pelo outro... considera quão doloroso seria para mim vê-la em braços de outro, [042] embora fosse um irmão. Ah! por cousa nenhuma dessa vida eu quereria odiar-te!

– Tal receio nem de leve te deve passar pelo espírito. Ainda mesmo que eu tivesse a desventura de render-me aos encantos dessa; mulher, embora ela me adorasse também, meu irmão, – eu te juro pelas cinzas de nosso pai que ali jaz sepultado no adro da capela, – teu irmão jamais se entregaria àquela que é objeto do teu amor.

– Pois bem; se essa é a tua vontade inabalável, confio em ti, meu irmão; faze o que entenderes. Adeus! se dentro de um ano eu não voltar aqui, reza por minha alma.

– Em menos de um ano saberás que estás vingado.

Desde esse instante Rodrigo, o mais velho dos três irmãos, desapareceu do lugar, e ninguém, à exceção de seus dois irmãos, soube o que fora feito dele. Alguns entenderam que havia naufragado em alguma dessas perigosas excursões que empreendia no encalço da fada intratável que o tinha fascinado. Tinham encontrado um escaler encalhado na praia, sem remo e com o leme despedaçado, entenderam que era o seu barco, e que o seu dono fora devorado pelos abismos do oceano. Outros mais avisados consideraram que o moço, hábil e vigoroso barqueiro como era, ele, que tantas vezes zombara de escarcús medonhos e dos mais revoltos temporais dirigindo seu barco como o gaúcho guia o poldro bravio pelas savanas do deserto, não se deixaria perder no meio dessas ondas que tanto conhecia. Concluíram, portanto, que o desventurado mancebo quebrara de propósito seu barco, sua esperança e sua vida de encontro às penedias, a fim de extinguir para sempre no seio das tempestades do oceano a eterna tempestade de sua alma.

## **CAPITULO XII - O SEGUNDO IRMÃO**

Roberto, pois, tão gentil, esbelto e vigoroso como seu irmão, porem de índole talvez ainda mais fogosa, audaz e resoluta, concebeu o singular projeto de quebrar o encanto da orgulhosa e intratável Regina, e vingar seu irmão e todas as demais vítimas que o tinham precedido, inspirando a essa fatal beldade um amor que nunca, seria correspondido. Insensato e extravagante projeto que só poderia germinar na proterva e **[043]** louca fantasia de um fidalgo de vinte anos, possuindo em alto grão todos os predicados que podem encantar a mulher: mocidade, beleza, elegância e audácia. Não tinha riqueza, é verdade, mas também de que valeria a riqueza aos olhos de uma fada, de um ente misterioso inteiramente fora das condições da vida ordinária?

Roberto, porém, não partilhava a crença vulgar a respeito de Regina, nem acreditava em influências sobrenaturais de fadas nem sereias. Tinha ele a fada do mar em conta de uma mulher ordinária. O que em seu entender dava extraordinário realce aos encantos de Regina, era o fato de existir ela, mimosa, gentil e interessante criatura, no meio de toscas e desairosas pescadoras grosseiramente trajadas, e inteiramente destituídas de todo e qualquer atrativo. Todo esse prestígio, pois, que a fazia passar por uma criatura sobrenatural, em sua opinião resultava somente da força do contraste.

Julgando-a por essa forma, e vendo os infortúnios e catástrofes de que era causa, Roberto, sempre extremado em seus juízos, não podia deixar de considerá-la como um monstro de orgulho e perversidade que folgava com as lágrimas e desgraças de seus adoradores. Doía-lhe no fundo da alma a sorte miseranda de tantos mancebos que haviam tido o mais funesto fim por se terem rendido ao encanto dessa inflexível e fatal beleza. Por isso, sem conhecê-la ainda, concebera por ela o mais vivo despeito, e votava-lhe íntima e profunda aversão, como a uma serpente maldita.

Quando, porém, o irmão, que tanto amava, tornou-se a seu turno vítima da insensibilidade e orgulho dessa mulher, seu despeito subiu de ponto, e jurou desfazer o encanto da execrável fada que só sabia derramar em torno de si luto e desastres, desespero e morte. Quebrando-lhe de uma vez a isenção e o orgulho, esperava assim reduzi-la a suas verdadeiras proporções de frágil criatura humana, e evitaria para o futuro novas deploráveis catástrofes.

Não tinha Roberto ainda visto senão de relance e em distância a gentil causadora de tantas desventuras, e nem tão pouco haviam trocado uma palavra, um olhar sequer; do contrário talvez não se tivesse abalancado a tão louca e temerária empresa. Contando com as vantagens de sua figura, com os recursos de seu espírito, e julgando-se com um coração superior às paixões, o inexperiente mancebo, certo da vitória, arrojou-se denodado ao desempenho de seu extravagante desígnio. Como **[044]** ela a todos evitava, força lhe foi procurá-la, e foi bastante vê-la uma só vez por momentos para que imediatamente tivesse a amarga convicção de quão insensata e desastrosa era a tentativa em que se empenhar!...

Corria uma serena e formosa manhã de Julho, com seu bafejo de tépidas e perfumadas aragens; o mar espreguiçava-se soluçando ao longo das praias solitárias, e um diáfano vapor de ouro e rosa mitigava os ardores do sol suspenso sobre o oceano nas orlas do horizonte. Regina estava sozinha á beira-mar, sentada sobre uma lasca de rochedo, com a face encostada a uma das mãos, e olhando ao longe pelos vastos mares. Os cabelos soltos caíam-lhe caracolando pelas alvas espáduas que os raios do sol iluminavam com reflexos de âmbar e rosa. A boca, entreaberta, conservava uma expressão entre risonha e melancólica; e os lábios, vermelhos como bagas de romã, agitavam-se levemente como que murmurando palavras misteriosas.

Os pés e as pernas, encruzadas, lhe apareciam até o meio da tíbia sob a túnica ligeiramente arregaçada, semelhando nítidas colunas de primoroso lavor cambiando á luz do sol as cores do nácar e do lírio. Amarrando á praia o barquinho, único e inseparável companheiro seu dormia arfando indolentemente á mercê da ressaca, como o cão fiel ressonando aos pés de seu dono.

Evidentemente ela cismava. Em quê? Ninguém saberia dizê-lo. Amores?... nunca os tivera. Saudades?... de que, se ela não tinha pai nem mãe, pátria nem família?...

Embebia-se por ventura em sonhos ideais, em místicas e celestes aspirações?... Ou elaborava no crânio maquinações infernais para perder as almas incautas e juvenis?... Podia ser uma ou outra cousa, pois que essa mulher inconcebível tinha uma dupla natureza, e parecia reunir em si tudo quanto ha de belo, puro e adorável nos seres angélicos, e o que ha de mais monstruoso e execrando nos espíritos infernais, sem estar sujeita a nenhuma das fraquezas da humanidade.

Enlevada naquele êxtase etéreo, parecia uma criatura incorpórea, diáfana, impalpável, um fantasma de luz absorvendo em si tudo quanto há de belo, de puro, de harmônico e beatífico na terra e no céu. Na pureza ideal do perfil e das formas, na singeleza do nobre e gracioso porte, na serenidade e candura que lhe respirava em toda a fisionomia, era um querubim. Pelo suave langor dos olhos, pela sedutora expressão dos lábios úmidos e nacarados, pelo mimo, frescura e transparência do colorido, [045] pelos mórbidos e voluptuosos contornos do colo, braços e ombros nus, a julgareis uma *houri* uma nájade, uma Vênus Afrodite.

Roberto, que a divisara em distância, avizinhou-se cautelosamente; pareceu-lhe ter diante dos olhos uma visão, celeste a respirar luz e perfumes, amor e beatitude. À medida, porém, que, se já aproximando e que pôde observar mais distintamente aquele tipo de inefável formosura, um sentimento indefinível de assombro e de terror foi-se apoderando do seu espírito. Por mais que se esforçasse para recuperar seu sangue frio e sobrançeria habitual, cada vez mais se perturbava. Tentou em vão desviar dela os olhos deslumbrados; seus olhos se conservavam cravados sobre aquela imagem radiante de beleza, como em um foco de irresistível atração. Parou, enfim, a alguns passos de distância confuso, enleado, estático. Quis falar-lhe, porém, que lhe diria ele? Onde sua língua entorpecida pelo pasmo poderia achar sons que exprimissem o que sentia?... Amedrontado como por uma visão sobrenatural, tentou fugir; mas os pés recusavam-se ao seu desejo, e como que tinham criado raízes que se entranhavam no solo. Assim, por largo tempo permaneceu como petrificado até que Regina, voltando-se casualmente, deu com os olhos nele.

– Que é isto, meu Deus!... – exclamou ela sobressaltada – quem sois? Que fazeis aqui?... Pensei que estava sozinha!

– Gentil pescadora, – respondeu Roberto, confuso e balbuciando, – eu... nada mais fazia... do que... admirá-la.

– Ah! Era só isso! – replicou a fada com um tom mais indiferente do mundo; – bem pouco tem que fazer então. Não é bom costume esse de vir surpreender a gente quando se está só.

Dizendo isto Regina ergueu-se altiva e desdenhosa, e, sem ao menos olhar para o mancebo, dirigiu-se para o seu barco, saltou dentro e fez-se ao largo.

Roberto ali conservou-se por largo tempo na mesma posição, mudo, imóvel, aniquilado, com os olhos fitos na barquinha que, lesta e veloz, lá ia conduzindo a inflexível beldade através das ondas ligeiramente encrespadas pelas auras matinais. Assim, pois, desde o primeiro encontro com a inimiga que em seu louco orgulho esperava ver abatida a

seus pés, viu-se vencido sem combate, humilhado e perdido, para sempre. Não levou muito tempo a chegar-lhe aos ouvidos o formidável estribilho da canção de Regina: **[046]**

Eu sou pérola das vagas,  
Que não sei, nem quero amar  
O meu peito é como a rocha,  
Onde em vão esbarra o mar.

Mancebo, vai noutra parte  
Teus amores suspirar.

Esse pungente sarcasmo, envolto em ondas da mais suave e angélica melodia, vibrado por uma voz do mais argentino e delicioso timbre, ecoou no coração de Roberto como lúgubre sentença do mais acerbo desengano.

A despeito, porém, de tão rude revés em sua primeira tentativa, o fogoso mancebo não recuou e, arrastado por uma atração irresistível, prosseguiu com implacável pertinácia no louco propósito de render o coração da inflexível donzela.

Já não o impelia mais o desejo de libertar os habitantes daquele lugar da funesta influência de Regina, nem o insensato plano de vingança; tão pouco não era uma paixão ardente e voraz como um incêndio, impetuosa e desvairada como as tormentas do oceano. Desde que pusera os olhos em Regina, todo o despeito e rancor que lhe votava se havia convertido de chofre no mais violento e cego amor, na mais fervorosa e fanática adoração. Longe de quebrar á sereia o seu encanto fatal, foi ele quem ficou para sempre encantado e preso na rede inextrincável dos atrativos da filha do mar.

Todavia a despeito desse afeto ardente, cego, imenso que lhe protestava, a despeito de sua gentil figura e garboso porte, e tantas outras prendas que lhe adornavam o corpo e o espírito, o moço jamais pôde conseguir da inexorável fada uma palavra ao menos de dúvida esperança, um olhar menos indiferente, um gesto de complacência. Às suas palavras de fogo respondia ela como já respondera a seu irmão, glacial e severa, mas sem enfado nem desdém:

– Perde seu tempo, moço; eu não sei, e nunca hei de saber o que é amor,

Vitima da mais tirânica e indomável paixão, Roberto achou-se colocado na mais horrível e angustiosa situação que se pôde imaginar. Mais desgraçado ainda que seu irmão, via-se arrastado por um poder fatal e irresistível pelo rápido declive da ignomínia e perdição; ia ser duas vezes perjuro: desleal e perjuro para com seu irmão, perjuro e sacrílego para com os manes de **[047]** seu pai. Se Regina jamais quisesse retribuir-lhe o inextinguível amor que o devorava, a dor o levaria aos extremos da desesperação e da loucura, e morreria como um precito sem salvação possível neste nem no outro mundo. Se, porém, um dia a fada se rendesse, oh! como poderia ele resistir-lhe?... Não teria forças para tanto e então seria pior que um precito, seria um monstro digno de todas as maldições do céu é da terra.

Em momentos de alguma calma e lucidez de espírito fazia fervorosas suplicas ao céu para que lhe arrancasse do seio sua funesta paixão, ou pelo menos jamais permitisse que Regina correspondesse ao seu afeto. Só assim poderia ainda salvar-se da medonha voragem que ameaçava tragar-lhe a vida e a alma. Mas esses votos eram para logo abafados pelos indomáveis impulsos da paixão que assoberbava-lhe a vontade e o entendimento, e o mísero mancebo corria como louco em procura da intratável beldade, e arrojava-se aos pés

dela entre súplicas e lágrimas a lhe pedir amor.

Um dia, como já fizera seu irmão, vendo a moça soltar sua vela aos ventos e fazer-se ao largo, manobrou também seu batel em seguimento dela. Mas a rápida piroga da sereia voava sobre as ondas, e zombava dos esforços que fazia Roberto para alcançá-la. Todavia, a foi acompanhando sempre até que o barco da moça, empegando-se nas águas da ilha maldita, sumiu entre os alterosos escarcéus que a cingem de uma toalha de espumas revoltas e rugidoras.

Roberto ficou transido de terror ao ver o frágil batel sacudido pelas ondas furiosas, ora abrolhar tremendo como seca folha, no píncaro espumoso de um vagalhão, ora precipitar-se a pino pelas medonhas voragens do oceano.

Convencido de que seria inevitável a perdição de Regina, empregava esforços supremos para correr em seu auxílio. – Salvá-la, ou morrer com ela! – assim pensou ele; assim também havia pensado seu irmão em circunstâncias em tudo idênticas. Mas não o consentiram as ondas que ali ferviam em perenal tormenta, quebrando-se em revoltos e desencontrados movimentos, e que noite e dia galopavam bramindo em volta da ilha maldita, como um bando de dragões furiosos vedando o seu acesso a todo o barco que não fosse o de Regina.

Exausto, enfim, de forças, arquejante de fadiga, angústia e desespero, Roberto, para cúmulo de tormento, sentiu cheio de pasmo chegar a seus ouvidos os acentos de uma voz suave e maviosa, porém de tão valente e sonora vibração, que se fazia ouvir [048] distintamente entre o rugir das vagas rebentando nos cachopos. Era a voz da filha das ondas, que dentre os escarcéus em que seu barco se debatia soltava ás virações do mar o inexorável estribilho de sua canção:

Mancebo, vai noutra parte  
Teus amores suspirar.

Roberto caiu desfalecido no fundo de seu barco. Quando voltou a si, este se achava encalhado na areia da praia para onde a maré o havia trazido, não longe da cabana em que morava.

### **CAPITULO XIII - O SONHO**

– Meu irmão, – disse ele no dia seguinte a Ricardo, o mais moço dos três irmãos, – de hoje em diante vais ficar só nesta cabana...

– Que estás dizendo, Roberto? – replicou surpreendido o irmão – pois tu também vais deixar-me?...

– Sim, meu irmão, pois que não ha outro remédio.

– Que te aconteceu?... Que te obriga?...

– O mesmo que o nosso irmão mais velho; sou vitima de uma paixão; sou mais um desgraçado a quem essa maldita fada que há tempos anda malsinando estes lugares arroja para sempre no abismo da perdição e do infortúnio.

– Oh! meu Deus! meu Deus! – exclamou o adolescente, cheio de angustia e consternação; – ainda essa mulher! essa mulher fatal!... até quando permitirá o céu que ela fique nesta terra para flagelo e perdição de tanta gente!...

– Foge dela, Ricardo; foge dessa beleza fatal como quem foge de um espectro sinistro, de um dragão que nos quer devorar; como quem foge do espírito das trevas que

nos quer arrastar para o seu reino de eternas dores. Não creias que é uma mulher; debaixo daquele aspecto de anjo se esconde uma serpente que te morderá o seio, e te infiltrará no coração sutil veneno e devoradora chama.

Vendo assim falar Roberto, com o peito ofegante, o gesto abatido, o olhar sombrio e desvairado como quem se achava debaixo da impressão de um terror sobrenatural, Ricardo [049] compadeceu-se íntima e profundamente de seu irmão, como este outrora se havia compadecido de Rodrigo em idênticas circunstâncias.

– Bem sei, Roberto, – replicou ele depois de curto silêncio, – bem sei quem é essa funesta beldade, posto que nunca a tenha visto; nem era precisa que me avisasses. De há muito tenho medo dessa mulher fatal, e fujo de seu encontro como quem evita os escolhos da ilha maldita. Posto que ainda muito jovem, a experiência dos outros, e principalmente a tua e a de nosso irmão mais velho me fazem arrepiar de horror.

Mas para onde vais?... que pretendes fazer, meu caro irmão?... Por que me deixas aqui tão só... Eu, tão moço ainda, fraco e sem experiência, que poderei fazer abandonado a mim mesmo nestas broncas praias?

– Ah! Meu querido Ricardo!... Perdoa-me! Não podes avaliar quanto me custa o deixar-te, que atroz e pungente mágoa me aperta o coração ao dizer-te este adeus... Talvez eterno!... Mas de que te serviria eu ficar junto de ti?... Eu já não vivo, Ricardo, sou um fantasma errante que ando a arrastar entre os vivos o manto pesado de meus tormentos, e se tenho ainda uma alma é só para sentir os contínuos e desapiedados golpes da dor que me flagela o coração. Não, não me é possível viver na terra em que existe Regina. O ar que ela respira me envenena; o chão em que pisa abrasa-me os pés; e estes mares que ela sulca rindo e cantando, estão sempre a murmurar a meus ouvidos um cântico de feroz escárnio!... Oh!... Não, não posso ficar!... Se eu ficasse, Ricardo, terias em breve o desgosto de me ver expirar do modo o mais lastimoso entre as torturas do desespero!... Tu ficas, e vive meu irmão; és forte, audaz, inteligente, e por ti só poderás fazer muitas e nobres cousas que uma desastrada estrela impedia teus desgraçados irmãos de levarem ao cabo.

Lembra-te que agora és o único representante de uma nobre e desditosa família, e o último depositário de uma herança sagrada.

Porém, cuidado, meu irmão!..., trata de evitar esse terrível escolho onde eu, teu irmão e tantos outros tivemos a desgraça de naufragar. Evita a mulher maldita, e tudo te correrá bem. Se Rodrigo e eu sucumbimos, a ti cumpre viver para perpetuar nossa geração. Adeus, meu querido Ricardo!

– Adeus, meu irmão!...

E o segundo irmão desapareceu também daqueles lugares, sem que alguém soubesse ao certo que destino levara. Todos, porém, acabaram por convencer-se que tivera o mesmo fim de [050] seu irmão mais velho, e, por esse motivo, as mães tiveram mais um caso sinistro a registrar na memória para contarem a seus filhos e netos, e mais uma ocasião de esconjurar a sereia maldita, causa de tantas desgraças e calamidades.

Ricardo, vendo-se sozinho, e abandonado por seus irmãos naquelas broncas regiões, conserva-se longos dias entregue á mais triste e desanimada inação. Cismava de contínuo nessa mulher de fatal e estranha formosura que assim o privava da companhia de seus caros irmãos, reduzindo-o á mais precária e desoladora situação. Se bem que lhe votasse profunda antipatia e entranhado rancor, pensava consigo que bem extraordinária devia ser a beleza dessa mulher que tinha o funesto condão de alucinar quantos mancebos tinham a desgraça de enxergá-la. Todavia, como nunca a tinha visto, não podia conceber como uma mulher, por formosa e sedutora que fosse, tivesse o poder de cativar a tal ponto a vontade



e subverter as ideais de um homem. Não desejando encontrar-se com ela, todavia não a evitava, e sentia mesmo pungir-lhe interiormente uma secreta curiosidade de ver de perto tão extraordinária mulher que devia ser um assombro de formosura. Em sua alma ingênua e virgem o adolescente julgava-se ao abrigo de qualquer remoção amorosa, e pensava que afrontaria com toda a calma e seguridade os perigos de um encontro com a sedutora fada.

Um dia, com a alma acabrunhada de tédio e melancolia, – coisa tão imprópria de seus verdes anos,– Ricardo, depois de ter corrido longas horas pelas praias ermas, ora lembrando-se com viva saudade de seus infortunados irmãos, ora concentrando toda a força do pensamento nessa mulher singular que evocava no espírito revestida de todos os seus terríveis encantos, reclinou-se junto a um rochedo que se debruçava sobre a praia formando como um toldo de granito e derramando sobre a fina areia fresca e deliciosa sombra.

O sol do meio-dia, reverberando nos areais, produzia calma intensa e opressora.

Ricardo adormeceu e sonhou. Divinos acordes de uma voz melodiosíssima ecoaram a seus ouvidos, banhando-lhe o coração em eflúvios de inefáveis delícias. Esse cantar mavioso parecia partir do seio de uma nuvenzinha branca que, á semelhança de um tufo de alvinitente arminho, vinha boiando sobre as vagas a demandar a praia. Essa nuvem, que gradualmente se adelgaçava, se foi desmanchando-se róseo e diáfano vapor, no seio do qual se foram pouco a pouco desenhando as formas esbeltas e [051] graciosas de uma virgem de esplêndida e deslumbrante formosura; uma auréola de luz meiga e serena circundava-lhe toda a figura, que se destacava como em um camafeu do mais rico e primoroso lavor. A virgem continuava a cantar, enquanto seus róseos braços, manobrando com gentil donaire um remo de marfim, fazia resvalar serenamente à flor das ondas um leve e elegante barquinho.

Súbito parou de remar e de cantar; fitou ao mancebo os grandes olhos cheios de comoção e sobressalto e encarou-o por alguns momentos. Um leve sorriso de afetuosa expressão roçou-lhe os lábios; mas esse sorriso, fugaz como um relâmpago, apagou-se logo em uma sombra de tristeza que enturvou-lhe toda a fisionomia. Moveu de novo o remo, e, virando de bordo, outra vez demandou o largo. À medida que se afastava, o tênue vapor alvirróseo que a circundava foi rapidamente se condensando e avolumando, e em breve se converteu em vasto e pavoroso negrume que se estendeu por toda face ido oceano. As ondas, até ali tão plácidas e bonançosas, começaram a empolar-se em desmesurados vagalhões, no meio dos quais o frágil batel da donzela doudejava às tontas em boleo descontraídos. Transido de pavor, Ricardo queria gritar, mas o peito comprimido mal podia soltar uns sons cavos e abafados; tentava arrojarse ao pego e atirarse nadando em seu socorro, mas seus braços estavam inertes e paralisados, seus pés não podiam arrancar-se do solo em que se achavam. Um trovão horrendo abalou as esferas, um raio rasgou as nuvens, e dois enormes vagalhões coloridos de fogo e sangue, ruindo um contra o outro, iam quebrar-se sobre o mísero barco da donzela...

Ricardo acordou, enfim, arquejando entre as ânsias de afrontoso pesadelo e abriu os olhos. Que viu?... Uma formosíssima donzela, de rosto e porte em tudo semelhante á de seu sonho, achava-se em pé diante dele, e o contemplava com um meigo e afetuoso sorriso.

#### **CAPÍTULO XIV - TERCEIRO IRMÃO**

Era Regina.

Sulcando as ondas ao som de uma de suas canções favoritas, por acaso dirigira para

ali a proa de sua piroga, e, saltando à praia, avistou o jovem que dormia ou antes que se agitava e gemia nas ânsias de um sonho atribulado. Contemplou-o por [052] instantes: era a primeira vez que pousava olhos complacentes sobre a figura de um homem.

Era Ricardo um jovem de formosura e galhardia sem par; na flor da adolescência, ligeiro buço mal lhe ensombrava o lábio superior, e ao ver-lhe o busto tomá-lo-eis pela mais formosa filha dos pescadores daquelas paragens, se não fora um que de másculo e resoluto que lhe ressumbrava de toda a fisionomia, e nele revelava o homem e homem de vigorosa têmpera. Os cabelos, castanhos, compridos e anelados lhe contornavam o rosto e o torso soberbo, perfeitamente modelado. A cabeça repousava sobre o braço recurvado, enquanto o corpo, esbelto e admiravelmente talhado, se estendia pela areia que lhe sorvia de leite. Os lábios rubros, que fariam inveja á mais mimosa donzela, lhe tremiam agitados no ofego de sonho penível. Na Grécia antiga o teriam tomado por Endimião ou Adônis, Hipólito ou Antínoo.

Regina contemplou por um momento o donoso semblante e as formas esbeltas mas vigorosas do mancebo, e um vago sentimento de interesse e ternura, assomando-lhe do coração, banhou-lhe os lábios em um meigo sorriso. Percebendo que o moço se debatia nas ânsias de um sonho opressivo, ia despertá-lo, mas antes que pudesse fazer, Ricardo havia aberto os olhos a tempo de ainda surpreender nos lábios da moça aquele meigo sorriso de ternura que para logo se esvaeceu. Foi Regina quem primeiro quebrou o silêncio.

– Que tendes, moço? – perguntou friamente; pareceu-me que tínheis um mau sonho.

– Oh!... Sim!... – respondeu Ricardo, atônito e perturbado; – um lindo sonho... Um sonho horrível... Mas agora... Será ainda um sonho?

– Não foi nada; era o sol que vos castigava a cabeça, e vos aquetava os miolos; por isso tivestes um pesadelo.

De feito, os raios do sol, que ia declinando, começavam a penetrar na meia gruta em que o moço se abrigara, e batiam-lhe em cheio sobre a fronte descoberta.

A resposta indiferente, prosaica e glacial da moça, que nem de leve manifestou curiosidade de saber qual fora o sonho de Ricardo, o calcou de chofre no abismo do mais cruel abatimento.

Ditas aquelas palavras acenou-lhe com a fronte um leve [053] adeus, e em poucos instantes desapareceu por entre uns rochedos vizinhos.

Fosse prevenção ou realidade, Ricardo notou que ao voltar-lhe as costas, a moça empalidecera, e que ao ligeiro sorriso que lhe ornava os lábios sucedera uma sombra de tristeza que lhe envolveu como um crepe toda a fisionomia. Gélido e mortal desalento filtrou-se-lhe no âmago do coração. Esse sonho, seguido da visão real que tão fielmente o interpreta, ou antes reproduz, aquele canto suave, aquela aparição risonha e fagueira que depois se abisma entre os horrores de pavorosa borrasca, enfim, ao despertar, aquela fada, aquele anjo radiante de beleza, que um momento o afaga com um sorriso para depois voltar-lhe as costas com indiferença, e enfado, tudo isso lançava-lhe no espírito indizível perturbação. A alma do mancebo estorcia-se sob o peso da poderosa fascinação; o formidável olhar da fada dos mares lhe havia traspassado o coração como um farpão, ervado, e nele coara o veneno dessa paixão profunda, infrene, inextinguível, que soía inspirar a todos que a contemplavam. Desde então o destino inscreveu também o nome de Ricardo no livro negro das numerosas vítimas da fatídica beldade.

Ricardo afastou-se, ou antes arrastou-se a passos lentos daquele sítio fatal. Já não era o mesmo adolescente de semblante calmo e plácido, de senhoril e nobre porte; poucos

momentos bastaram para transtornar-lhe inteiramente o gesto e o aspecto. A cabeça, curvada para o chão, ardia-lhe em mil delírios; o coração, ora lhe pulsava alvoroçado em vagas e insensatas aspirações e sonhos de inefáveis delícias, ora como que todo lhe parava abafado entre as garras do mais profundo desalento. E assim foi andando, trôpego e arquejante como o veado novo que escapou lacerado e sangrento das garras da pantera, até chegar à cabana agora solitária onde outrora passara dias tão alegres e felizes em companhia de seus irmãos. Parou diante da porta, e, cruzando melancolicamente os braços:

– Não! Não!... Exclamou com voz lúgubre e abafada; – aqui não devo entrar mais senão em companhia de meus irmãos!... Um naufrágio nos arrojou nestas praias selváticas, outro naufrágio pior ainda nos dispersa e nos expelle delas. Não, não podemos, não devemos nos separar. Tínhamos vivido sempre juntos até aqui; a mesma estrela funesta ou propícia, sempre sem discrepar, tem dirigido nosso destino pelos mesmos trilhos. **[054]** Naufragamos sempre no mesmo escolho: temos de morrer juntos e vítimas da mesma desgraça; é esse o nosso fado!... tem de cumprir-se!

E Ricardo, o mais moço dos três irmãos, também desapareceu daquele lugar, e ninguém mais soube novas dele.

– Não há dúvida, – disseram todos, – foi Regina que o matou. É mais uma vítima, da maldita sereia, e queira Deus que seja a última!

## **CAPÍTULO XV - O JURAMENTO**

O leitor deve estar lembrado que no começo desta encantada e encantadora história de encantamentos assistimos ao casamento de nossa heroína, a filha do mar, com um navegante de além-mar, gentil e guapo mancebo que aportara àquelas praias em um navio mercante, e que diziam também possuir boa fortuna.

Como esse moço dela se enamorou, não hesitou em tomar por esposa uma pobre barqueira sem outros dotes mais que a incomparável formosura e sedutoras graças de que a ornara a natureza, e como por seu lado a intratável donzela depôs o seu condão de fada e desceu de seu aéreo e misterioso trono para desposar um simples mortal, são contos largos, que por agora não vem ao caso relatar. O certo é que viram-se, amaram-se e casaram-se, negócio este que se planejou e efetuou dentro de poucos dias.

O leitor, por certo, deve ficar maravilhado, com muita razão, ao ver essa altiva e inflexível beldade que até ali tinha resistido com orgulhoso desdém e glacial indiferença às mais pertinazes e provocadoras seduções render-se assim tão fácil e prontamente a um forasteiro desconhecido, e aceitar-lhe a mão com tanto desembaraço e açodamento.

É esse também um dos singularíssimos fenômenos desta estupenda historia, de que por enquanto não podemos dar razão e que o leitor a seu tempo verá explicado, se quiser ter a paciência de ler os maravilhosos e inauditos sucessos que se vão seguir.

Com a nova desse casamento, que se derramou logo por toda a **[055]** aldeia e seus arredores como um acontecimento surpreendente e da mais subida importância, as mães, que tinham filhos crescidos, e mesmo as esposas e as irmãs exultaram de contentamento. A filha do mar ia enfim tomar um destino, e talvez abandonar para sempre aquelas paragens que com sua fatal presença tornara um lutuoso teatro de lamentáveis calamidades. Eis a razão da imensa concorrência que acudiu à Igreja, dos repiques de sino, foguetes, e mais sinais de alegria com que o povo espontaneamente festejou esse propício acontecimento.

Entretanto a gentil donzela não tinha mau coração; ao contrário era afável, benfazeja e carinhosa para com todos que não lhe declarassem amor. Se bem que pouca

convivência entretivesse com os demais moradores do lugar, não deveria incorrer no desagrado senão de alguma invejosa rival a quem sem querer tivesse transviado o amante, ou de algum cego adorador que ainda não tivesse morrido por amor dela. Seu único, seu grande defeito era esse condão de maravilhosa beleza, esse mágico e fascinador poder do olhar e do gesto com que, sem ela o querer e mesmo sem o saber, derramava em torno de si a inquietação, a angústia, o luto.

Mas assim não o pensava o povo, que a tinha em conta, não de criatura humana, mas de espírito satânico encarnado em corpo de fada, entidade malfazeja, produto talvez de monstruosa união de algum homem com a sereia, e atirada sobre aquela terra pela cólera divina para castigo talvez de um grande pecado daquele povo. Portanto não auguravam bem aquele casamento, e já de antemão lastimavam a sorte do mal-aventurado forasteiro.

Uma vez, porém, que por intermédio dele iam se ver livres da ominosa presença dessa mulher, não deixavam de folgar e de felicitar-se por este auspicioso acontecimento.

Como também já sabemos, três vultos embuçados e de sinistra catadura assistiram à cerimônia do casamento, murmurando frases de ódio e vingança, e formaram parte do séquito até as proximidades da simples mas asseada cabana a que se recolheu sozinho o gentil e afortunado casal.

No meio do tumulto do povo, embebido como estava exclusivamente na contemplação do noivado, e como já caíam as sombras do crepúsculo, ninguém atentou neles, nem se lembrou de indagar quem eram. Se não fora isso, facilmente teriam reconhecido essas nobres e enérgicas fisionomias, e no esbelto e altaneiro porte que lhes eram tão conhecidos, os três irmãos de que tão longamente nos temos ocupado nesta história. **[056]**

Eram já decorridos cerca de seis meses depois que Ricardo, o mais moço dos três irmãos, ferido no coração pelo mesmo golpe que infortunara os outros dois, desaparecera daqueles lugares. Ninguém mais soubera notícias dos três irmãos; todos os supunham mortos, ou pelo menos para sempre exilados das praias onde a funesta beleza de Regina, como a tantos outros, lhes havia para sempre amargurado a existência.

Na mesma noite do casamento, – seriam dez horas – a lua passeava pelo céu sem nuvens, e o mar refletia-lhe a imagem no regaço bonançoso; as ondas, boleando-se mansamente ao longo das praias, vinham morrer com brandos frêmitos junto à cabana que ocultava em seu seio as misteriosas e inefáveis venturas de uma noite nupcial.

Súbito um grito agudo, sinistro, lamentoso troou pela extensão das praias ermas.

O vulto pálido de uma formosa mulher assomou à porta da cabana. Estava vestida de branco e trazia na fronte uma grinalda de flores de laranjeira. Tremiam-lhe os lábios descorados, e nos olhos chamejavam-lhe luz torva e ameaçadora.

– Assassinos! – bradou a donzela com voz rouca e sinistra, levantando a destra para o céu – mataram meu marido no momento em que ia desatar-me da fronte esta grinalda!... Pois bem!... Aqui a conservarei para sempre!... Malditos... Malditos para sempre! Juro pelo sangue e pela alma desse infeliz que vós todos três haveis de ter a mesma sorte!... Juro, juro, três vezes juro!...

E esse grito de angústia, e essas frases sinistras ninguém as ouviu senão o céu e o oceano, que guardaram consigo o segredo da tremenda jura.

Alguns minutos depois um leve barquinho sulcava tranquilamente as ondas do mar sereno e silencioso, banhado pelos esplendores de um magnífico luar. Dentro via-se uma única pessoa. Era uma esbelta e gentil donzela vestida de branco, e tendo na cabeça uma

grinalda de flores de laranjeira! Dirigia o batel com admirável destreza e segurança e demandava o rumo da ilha maldita. Um ou outro que na aldeia acaso ainda velava contemplando o céu e a lua a resvalar seus plácidos fulgores pela imensa superfície dos mares, ao avistar aquela velinha solitária sulcando **[057]** os mares a tais dez horas, fechou bruscamente a janela, e recolheu-se, benzendo-se e murmurando:

– Cruzes! Credo!... Lá vai a bruxa dos mares para sua ilha amaldiçoada!... Pobre marido, em que mão caíste!...

O barquinho, que rapidamente se fazia ao largo, em breve tempo sumiu-se ao longe no horizonte entre o marulho dos escarcéus que fervem de contínuo rebentando nas penedias que circundam a ilha.

A misteriosa barqueira, porém, que parecia familiarizada com todos os perigos daquelas temerosas paragens, continuava imperturbável e calma sua derrota através das ondas revoltas, e, bordejando a certa distância os rochedos, passou algum tanto além da ilha. Depois, tirando de bordo, dirigiu de novo para ela a proa de seu batel, procurando pelo lado oriental a única e quase imperceptível abertura que dava ingresso á misteriosa mansão da fada dos mares. Ali os rochedos se tendiam a prumo como duas pilastras titânicas servindo de vestibulo àquele alcácer encantado, defendido pelo furor das ondas e pela rigidez de penedos inacessíveis, e davam entrada por um canal oblíquo e estreitíssimo ás aguas do oceano, que iam expandir-se no interior da ilha em uma linda, espaçosa e mansa baía, inteiramente abrigada dos ventos, das ressacas e até das vistas do exterior.

Logo que se achou fronteando a face oriental da ilha, as ondas como que tomaram complacentes sobre os ombros o batel da donzela, que, suavemente e sem esforço, como se fosse levado por uma torrente, ganhou a penedia e entranhou-se no canal. Se alguém naquele momento estivesse em distância observando a pequena piroga, não vendo e nem podendo compreender por onde e por que modo havia desaparecido, juraria que se havia sumido por encantamento.

Apenas se achou na enseada interior, a donzela atracou a ama das margens, largou o remo e, debruçando-se sobre o fundo do barco, ergueu nos braços um volumoso fardo: era um cadáver. Não sem nenhuma dificuldade, mas com um vigor e agilidade para admirar em tão delicada criatura, saltou em terra, tendo sempre nos braços o sinistro fardo.

Sobre a praia arenosa erguia-se um grupo de rochedos esparsos, negros e aprumados como restos de uma arcada gigantesca desmoronada pelo tempo. Pelo vão de dois desses penedos, **[058]** que se inclinavam um sobre outro como pilastras de uma abóbada quebrada, entranhou-se Regina conduzindo sempre nos braços o cadáver, como uma mãe, carregaria o filho adormecido. Chegando á base solapada de um desses monólitos que pendia formando ampla cavidade sobre um chão de alva e finíssima areia parou, depôs no solo é cadáver, e tirando do selo um punhal com ele começou a cavar a areia.

Cavou pacientemente e por largo tempo sem murmurar uma palavra, sem exalar um suspiro, até que conseguiu abrir uma cova assaz profunda, depôs nela o cadáver, e cobriu com a areia removida.

– São três!... bem os conheço! – murmurou ela enfim, arrancando um suspiro, antes bramido de leoa enfurecida. – Juro pelo sangue desse infeliz que ali repousa!... Juro por estas ondas amigas que me serviram de berço!... Juro por este punhal ensanguentado com que lhe vararam o coração, e que nele deixaram ficar para ser seu vingador!... Sim, punhal vingador, não sairás de meu seio enquanto aqui mesmo, sobre esta sepultura, não te embeberes nos pérfidos corações dos três assassinos! Como esse mísero que aí jaz, eles também um dia serão precipitados do cume do mais delicioso sonho de amor no abismo

dos eternos sofrimentos. Juro, juro, três vezes juro!...

Proferido esse tremendo juramento Regina, com mão frenética e convulsa, agitou o punhal sobre a cabeça, e, pálida e fremente como uma eumênide, entranhou-se a passos precipitados pelas penedias esparsas, e desapareceu no interior da ilha.

No dia seguinte ao do casamento em vão se procurou Regina e seu esposo. A cabana, com as portas e janelas abertas, estava completamente deserta. O batel da donzela também desaparecera da praia. Que fora feito dos dois desposados da véspera?!!!

Confirmou-se de uma vez a crença em que todos estavam de que Regina era uma sereia maligna, uma fada de espírito diabólico, que, depois de ter feito todo o mal que pudera, se apoderara enfim daquele último e desventurado amante, e o levava consigo para os abismos do mar, ou para os rochedos da ilha sinistra, sua habitação favorita, da qual faziam mil votos ao céu para que nunca mais saísse. [059]

## CAPITULO XVI - OS PESCADORES

Alguns anos, não muitos, já são passados depois dos sinistros e extraordinários acontecimentos que acabamos de narrar. Os habitantes daquela costa ter-se-iam já esquecido de Regina, das desgraças que causara, de seu desaparecimento misterioso; sua existência iria já passando para a ordem das lendas populares, se não fora a ilha maldita, pavorosa realidade que lá surgia diante de seus olhos nos confins do oceano. Com efeito, essa ilhota maravilhosa, esse anel de rochedos em torno dos quais as ondas revolteavam em perenal borrasca, esse cachopo inacessível a que nenhum barco ainda à exceção do de Regina conseguira aportar, ainda lá campeava na orla do horizonte, cada vez mais inexplicável com seus mil encantamentos, dando que cismar ao povo e alimentando mil crenças extraordinárias e sobrenaturais. Ele lá se erguia ainda, torvo e sinistro espectro, ameaça viva enchendo de receios e pavor as pobres e solícitas mães temerosas pela sorte futura de seus filhos.

Às vezes a viam envolta em um nevoeiro diáfano, circundada de penedias dependuradas, sobre o mar, coroadas de viçosos vergéis, magnífico terraço, jardim pênsil construído sobre as vagas. Atraídos pela esplendida perspectiva, um ou outro pescador mais audacioso afoutava-se a dirigir para lá o seu barco a toda força de remo e vela. O nevoeiro se dissipava; as ondas apareciam ermas, e a ilha encantada surdia além sobre outro ponto do horizonte como um cachopo estéril, bronco, açoitado pelas ondas enfurecidas.

Outras vezes era uma colina azulada que emergia das vagas com suas risonhas encostas mosqueadas de moitas de verdura, de coqueiros, mangueiras e outras árvores frondentes, e a viste penetrante de alguns pescadores julgava por lá divisar alguma cabana, animais, e um ou outro vulto humano vagueando pelas praias. Mas se alguém para lá endireitava a proa, via todos aqueles encantos irem-se esvaecendo gradualmente, e a ilha ou fugia perenamente diante dele, ou se apresentava como parcel medonho repelindo as vagas rotas em furiosos escarcéus.

Alguns, porém, mais felizes, gabavam-se de ter visto mais de perto a ilha, e contavam dela cousas maravilhosas. Estes confirmavam a antiga tradição, assegurando ter visto nela, a vagar pelas [060] praias ou galgando os rochedos, uma moça de estranha formosura, e que a ouviram cantando suavíssimas cantigas com a mais linda voz que é possível imaginar.

Asseveraram mais que a ilha não era um rochedo estéril e nu: que por entre uma aberta da penedia tinham divisado pomares, laranjais carregados de frutos frescos e

deliciosos vergéis e jardins topados de mil brilhantes e viçosas flores.

Assim, era essa ilha frequentemente o assunto das conversas e discussões dos pescadores, quando na praia se encontravam para os misteres cotidianos de sua lida.

– Não estão vendo? Olhem; lá está ela! – exclamou um velho barqueiro apontando para o horizonte.

– Onde, mestre Tinoco?...

– Acolá, Miguel, para onde aponta meu dedo; não vês ainda?

– Perfeitamente!... Oh! Como é bonita a tal ilha!... E a gente não pode lá ir!...

– Nem pensas nisso. Aquilo é o castelo do diabo que anda a boiar por cima do mar. O que devemos fazer é pedir ao padre cura para esconjurá-lo com exorcismos, a ver se foge para sempre destes mares.

– Mas dizem que lá mora uma moça que é um assombro de formosura, e que sabe cantar como uma sereia...

– Como uma sereia! – interrompeu o velho a rir-se; – forte asno que tu és, Miguel!... Pois se ela é mesmo uma sereia.

E sabes tu o que é uma sereia?... É o demônio dos mares, a pior tentação que pode haver neste mundo; mas ninguém há que a tenha visto senão de longe. Qual é o que se pode gabar de a ter encarado de perto, que lhe não tenha caído nas garras, ou pelo menos não tenha ficado doido varrido?...

– Eu que aqui estou, mestre Tinoco, – acudiu um lépido mancebo de fisionomia cheia de vivacidade e inteligência; – eu, que aqui estou, já a vi com estes olhos, e a ouvi cantar com estes ouvidos.

– Tu, Maneca? – respondeu o Tinoco abanando a cabeça com incredulidade; ora saite daí; se tivesses posto os olhos nela um só instante, não estavas aí tão fresco.

– Pois vi, sim senhor; posso jurar, se for preciso. Por sinal que é uma mulher alta, bem feita, cinturinha delicada, ombros alvos e roliços, com uns cabelos muito compridos que andam a esvoaçar com o vento, e traz na cabeça uma grinalda de flores amarelas. **[061]**

– Mas dize-me cá uma cousa; da cintura para baixo não tinha figura de peixe?

– Lá isso não; eu a vi andar como as outras mulheres com um vestido branco, bem comprido, que às tezes arregaçava um pouco para subir aos rochedos, e vi-lhe o pé e a perna tão bem feita como as mais bem feitas.

– Então não era a sereia; de certo estavas sonhando, meu rapaz. E como poderia tu lá chegar, se o mar ali esbraveja e ferve como as caldeiras do inferno, e sacode pelos ares os mais possantes navios?...

– Eu lhe conto como foi. Outro dia eu vinha abeirando essas praias no meu barquinho. O vento cochilava, e mal fazia bater a vela esbambeada ao comprido do mastro; o sol ardia, e fazia um calor de abafar. Eu, fiado na calma, larguei o leme e deixei o barco ir á toa, e também cochilei, e não sei como ferrei no sono alto dia. Enquanto eu dormia, uma tacada de sudoeste, um furioso pampeiro, agarra-me da vela, e atira comigo e o meu barco por esses mares de Deus a fora. Íamos toando por cima dos vagalhões como uma pena arrebatada pelo tufão. Vi-me em talas; quando dei acordo de mim e lancei os olhos em derredor, já quase não avistava as praias, e o barco corcoveava, desesperadamente, dando saltos e bufando como um poldro espantado. Em tais apuros, não sabendo o que fazer, não quis arriar o pano, e deixei o barco correr ás tontas pela superfície das vagas á mercê de Deus e do tufão. Em poucos instantes avistei diante de mim uma penedia enorme, de encontro, á qual iria esbarrar instantaneamente, se me não desse pressa em colher a vela e manobrar com toda a força o leme para evitá-la. Mesmo assim o vento ponteiro que

soprava não deixava de avizinhar-me do maldito parcel. Ouvi então uma voz a cantar; olhei para a ilha, e vi uma linda mulher que lá estava em pé, a cantar, em cima de um rochedo, como uma santa Cecília em cima de seu andor.

– Alto lá, senhor Maneca; não ande a misturar as cousas da religião com as bruxarias de uma sereia...

– Perdão, mestre Tinoco; mas se ela estava tão linda!... O vento levava-lhe os cabelos de ouro, que batiam o ar como as labaredas de uma fogueira; as roupas palpitavam-lhe no corpo como a vela presa ao mastro. Era linda, como os amores! E que voz!... E que bonita cantiga ela entoava! Larguei o leme, esqueci-me de tudo, do perigo do mar, do tufão, do rochedo, e só [062] tinha olhos para contemplá-la e ouvidos para escutá-la. O rochedo estaria apenas a três ou quatro amarras do meu barco, mas as bordas eram lisas e a prumo, e impossível era lá chegar. Estive quase a arremessar-me ás ondas, para que elas me levassem vivo ou morto aos pés daquela formosura sem par. Não sei quanto tempo ali fiquei embasbacado na contemplação daquela moça e na harmonia daquele canto. Pouco a pouco as ondas, rechaçadas violentamente pela penedia, me foram afastando daquele lugar de encantos, a procela amainou, e eu pude voltar para a terra, onde passei o dia e a noite meio assombrado com aquela visão que não queria me sair da imaginação.

– Eis aí está, acudiu o Tinoco, – viste apenas de longe a sereia, ouviste-lhe o canto, e foi isso bastante para sentires todo esse abalo e perturbação. Mal de ti se a encarasses de perto!...

Entretanto vários outros pescadores se vinham agrupando em torno destes primeiros interlocutores, e cada qual metia-se na conversação, sustentando com entusiasmo seus sentimentos e convicções a respeito da ilha.

Um sustentava que ela não era mais que um parcel ou banco de pedra que por ali havia, e que com a maré vazante surgia acima das águas, e ás vezes coberto de vapores em razão da distância, figurava uma bonita ilha; e nas barbas do Maneca sustentava que o que ele contava era um puro sonho, ou pura mentira.

Outro era de opinião que o tal penedo não era mais que uma simples ilha flutuante como têm existido muitas, e que isso de sereias e encantamentos não eram mais do que abusões e crendices do povo, que nenhum crédito mereciam.

Eram, porém, muito poucos os que opinavam por esse teor; a maior parte, com mestre Tinoco, estava na firme persuasão de que aquele rochedo era o castelo da sereia ou diaba dos mares, que andava a boiar sobre as ondas.

– Seja lá o que for, – exclamou o Tinoco, – eu cá nem de perto nem de longe desejo vê-la, e nunca há de ser para aquelas bandas que meu barco há de vogar.

– Nem o meu! – nem o meu! – repetiram muitas vezes.

– Pois há de ser o meu, – disse em tom resoluto um [063] mancebo de gentil presença, e porte esbelto e vigoroso, que acabava de reunir-se ao grupo em companhia de dois outros mais jovens, que pareciam ser irmãos.

– E também o meu, – repetiram simultaneamente os dois outros.

Todos os olhares volveram-se imediatamente para os três mancebos.

## **CAPITULO XVII - RODRIGO**

– A muito vossas mercês se atrevem, – ponderou o Tinoco. –Vejam o que fazem; muito barco se tem partido e muito pescador se tem perdido naquelas rochas e naquelas águas malditas, sem que nenhum lograsse lá aportar, nem ver a sereia.



– E que me importa isso? retorquiu o mais velho com indiferença,– serei eu o primeiro que lá põe o pé, ou não serei o primeiro que lá tenha perecido.

– E nem o último, se lá ficares, – acudiu o segundo mancebo; – irei depois de ti.

– E nem tu tampouco, – afirmou o terceiro, – por último irei eu também.

Eram três validos e galantes mocetões, de formoso semblante, de gesto sobranceiro e olhar altivo; mas ressumbrava-lhes no torvo do olhar e na expressão sombria e carregada da fisionomia um não sei quê de sinistro que inspirava repulsão; parecia que traziam gravado sobre as frentes o indelével estigma de um nefando crime.

Eram os três jovens fidalgos espanhóis que de há muito conhecemos. Longo tempo ninguém soubera deles, se eram vivos ou mortos, nem em que lugar se haviam refugiado. Enfim, alguns anos depois do desaparecimento de Regina com o seu desposado, tornaram a aparecer na aldeia, continuando como d'antes sua vida de pescadores.

Sua volta era muito explicável aos olhos daquela boa gente. Haviam-se retirado por despeito amoroso; os três, sucessivamente, tinham sentido pela filha do mar uma profunda e ardente paixão, e não tendo esperança alguma de serem correspondidos, mais sensatos e resignados que os demais amantes haviam-se [064] retirado, procurando na ausência o remédio e esquecimento de seus desventurados amores. Agora, que já ali não existia a causa de seus sofrimentos, voltavam a seus trabalhos com ânimo isento e coração desafrontado.

Enganavam-se completamente: era uma sina fatal que para ali os arrastava. Havia um imã secreto que os atraía para aquele vórtice onde começaram e onde deviam terminar seus infortúnios. Retirados na mais profunda solidão, a paixão negra e devastadora que Regina lhes havia inspirado continuava a devorar-lhes o coração. Posto que nenhuma esperança lhes sorrisse, ardia-lhes no íntimo da alma um secreto e inextinguível desejo de a verem ainda uma vez, de arrojarem-se ainda aos pés dessa fatal beleza que lhes havia para sempre transtornado a razão, pervertido o coração, e entenebrecido o destino. Não há palavra que explique a paixão que lhes inspirara essa mulher; era um misto indefinível de ternura e rancor, de saudade e despeito, de esperança e desalento, de ódio e de amor. Foi como o sopro abrasador de um vento pestífero que obcecou-lhes o entendimento e varreu-lhes d'alma quanto nela havia de generosos instintos e nobres sentimentos. Já não reinava entre eles essa pura afeição e cordial Intimidade que outrora os ligava. Não se odiavam, porque todos três eram infelizes; reinava, porém, entre rivais[sic]<sup>3</sup>.

Enfim, desde o momento fatal em que, impelidos pelo mais feroz e monstruoso ciúme, combinaram-se em tenebrosa união para verterem o sangue inocente de um rival feliz, a mão invisível da justiça divina gravou-lhes para sempre na fronte o selo dos réprobos, e seus nomes foram inscritos no livro da maldição eterna.

No fundo do retiro em que se haviam homiziado, chegou-lhes a notícia dessa sereia ou fada que ainda continuava a habitar a ilha encantada. Uma vaga suspeita surgiu instantânea e simultaneamente no espírito dos três e, sem nada se comunicarem, perguntaram a si mesmos:

– Será ela?...

Refletiram; lembraram-se das audaciosas excursões que Regina costumava fazer por aquelas paragens onde nenhum outro barco podia aventurar-se impunemente. Essa ilha já lhes era conhecida, e só ela sabia o segredo ou possuía o condão por meio do qual se podia nela pôr o pé. [065]

---

<sup>3</sup> Há, provavelmente, no original, um erro de impressão no fim desse parágrafo.

– É ela! – concluíram e, sem nada se dizerem uns aos outros, juraram no íntimo d’alma fazer os últimos esforços para devassar os segredos da ilha maldita, e irem desencantar essa mulher, mágica ou sereia, em sua temerosa mansão. Queriam vê-la ainda, embora um só instante, embora tivessem de morrer a seus pés.

– Bravo! Rapazes! — exclamaram alguns pescadores, vendo a disposição dos três mancebos; — isso é que é ânimo!... E é mesmo preciso haver quem desencante aquela maldita sereia que nos traz em contínuo desassossego.

– Deixem-se disso, moços, — diziam outros, fazendo coro mestre Tinoco; — vão procurar a sua perdição. O que poderão fazer contra uma feiticeira ou mágica que tem partes com o diabo? Melhor é ficarem quietos, tratando da vida, do que irem se arriscar, ou antes correr a uma morte certa. O mar é grande; espaço para velejar e pescar, o deixemos em paz e essa malvada bruxa com sua ilha amaldiçoada.

– Ora deixem-se disso, retorqui Rodrigo com sorriso desdenhoso; — qual bruxa, nem fada, nem sereia! o que se sabe é que é uma moça de extraordinária formosura, e que canta admiravelmente; e quem não arriscaria a vida para ver e ouvir uma criatura assim, embora se chame fada, sereia, bruxa ou mesmo diabo?

Vou vê-la e já, enquanto a ilha não se some em algum nevoeiro, ou não desaparece por encantamento.

Dizendo isso, o moço desamarrava o seu barco, saltava dentro e daí a instantes singrava ao largo com toda a força de remo e vela. O sol já descambava do zênite, a brisa de terra, que sobrava-lhe ponteira, enfunava-lhe rijamente a vela; a mare vazante ajudava o esforço do vento, e tudo favorecia a temerária empresa do jovem pescador. O barco, esguio e leve, cortava as ondas como um golfinho, e dirigia-se certo á ilha encantada, como seta a seu alvo. Já a branca vela mal aparecia ao longe como a asa curva da gaivota, aproximando-se dos alvejantes escarcéus que circundavam a ilha, e no meio dos quais ela quase desaparecia como a marreca azul atufada em seu ninho de alva e finíssima penugem.

Os pescadores ficaram longo tempo na praia observando a derrota que seguia o aventureiro mancebo; mas o sol já se [066] avizinhava do ocaso, e era impossível acompanhar com a vista o barco que se sumia nas extremas do horizonte; portanto foram-se dispersando pouco a pouco, aguardando para o dia seguinte saber do resultado do arrojado cometimento do jovem pescador. Só ficaram os dois irmãos, que protestaram, dali não arredar pé enquanto não voltasse o irmão ausente.

## **CAPITULO XVIII - A FADA**

Entretanto o afoito e vigoroso mancebo, prosseguindo com ardor sua derrota, já havia ganhado as proximidades da ilha maldita, e, empregando todo o seu vigor e perícia, já lutava contra as ondas revoltas e alterosas que a rodeavam e que o repeliam jogando o seu batel em violentas guinadas e boléus desencontrados. À custa de inauditos esforços conseguira, enfim, avizinhar-se na distância apenas de algumas amarras, e avistar mais de perto a ilha que não lhe era de todo desconhecida.

Era uma extensa e bronca penedia, lisa, maciça e abrupta sobre as vagas, á semelhança de muralhas de uma fortaleza titânica, mas sem portas nem seteiras, ameias nem merlões. Apenas aqui e acolá algumas depressões ou saliências denteavam a sombria plataforma, como guaritas desse castelo colossal. Apesar, contudo, de seu medonho, e ameaçador aspecto, Rodrigo não desanimava, e porfiava em vão por avizinhar-se cada vez mais da enorme e pavorosa mole de granito. As ondas, horrivelmente revoltas e cavadas,

rebutando em fúria umas contra as outras, traziam em torturas o seu mísero batel, que, já pesado e com a vela encharcada pelo marulhar das vagas, parecia estrebuchar como animal ferido em ânsias de agonia.

Já Rodrigo, exausto de forças, sentindo seu braço desfalecer, via extinguir-se-lhe dentro d'alma o último vislumbre de esperança, quando, erguendo os olhos, viu sobre uma das saliências da penedia um vulto branco.

Era uma mulher que lá estava, não podia haver a menor dúvida; trazia vestes alvas como a neve, e sobre a fronte uma grinalda da mesma cor, mas bastantemente desbotada e amarelecida pelo tempo.

Diríeis uma estátua de alabastro pousada sobre pedestal de **[067]** bronze, se não lhe ondulassem ao vento as roupas roçagantes desenhando-lhe o donoso talhe, e os graciosos e elegantes contornos da figura.

Ao fitar aquele vulto que parecia um fantasma aéreo, Rodrigo estremeceu.

Era Regina; reconheceu-a, embora não pudesse distinguir-lhe as feições na distância em que se achava; o coração, que começava a bater-lhe em alvoroço extraordinário, lh'ó tinha adivinhado.

– É ela! – murmurou com voz convulsa, comprimindo o peito que parecia querer lhe arrebentar; – é ela!... e não poder eu lá ir, vê-la um só instante, arrojá-la às suas plantas, morrer a seus pés, e, no derradeiro alento da vida que se exala, com o último olhar, embaciado, pelas sombras da morte que se avizinha, dizer-lhe: – Amo-te, Regina!... Oh! desespero pior de que mil mortes!... Oh penedo inexorável!... Oh ondas!... Ondas malditas!...

E, soltando um rouco rugido, pôs-se em pé de um salto, e arrancando o sombreiro sacudiu a cabeça, lançando para trás os longos cabelos escuros como o leão sacode a juba, e acenando violentamente gritou com toda a força que lhe era possível:

– Regina!...

Era coímo o grito desesperado do nauta que se afoga.

Regina não lhe respondeu, mas Rodrigo, que dela não despregava os olhos, viu que lhe fazia vivos e expressivos acenos. Rodrigo os compreendeu logo, com essa intuição penetrante que dá a força de uma vontade inquebrantável. A moça lhe dava à entender que o receberia com muito prazer em sua ilha, mas para isso lhe indicava, com mímicas apropriadas, que se afastasse algum tanto daqueles rochedos, se fizesse mais ao largo e costeando a ilha encontraria pelo lado do oriente modo fácil e suave de nela desembarcar.

Louco de prazer, de esperança e de impaciência, Rodrigo, obedecendo às indicações da moça, deixou que as ondas rejeitassem seu barco para longe das penedias; achando-se suficientemente delas afastado; bordejou-as por algum tempo até chegar á sua face oriental. Mas na distância em que se achava não viu mais que a mesma linha contínua e maciça de penedias abruptas que se prolongavam indefinidamente como um anel circulando a ilha.

Cruel foi a sua decepção, julgando-se vítima de uma **[068]** ilusão, ou de um feroz escárnio da malévola fada. Todavia para lá velejou resolutamente o denodado barqueiro, e no fim de algum tempo notou com prazer que as ondas não o repeliam mais, antes pareciam comprazer-se em levá-lo tranquila e suavemente para aos domínios da misteriosa beldade. Não levou, muito tempo a chegar á base dos penedos e descortinar a única e estreita, abertura que dava ingresso aos tremendos alcáceres da fada dos mares, e por onde o oceano, apertado entre dois rochedos a prumo, – soberbos umbrais daquele castelo titânico, – penetrava na ilha e ia lá dentro espriar-se em serena e espaçosa baía de forma

quase circular.

Transposto o estreito e pouco extenso canal, Rodrigo ficou atônito ao ver de súbito e como por encanto desenrolar-se diante de seus olhos o risonho e delicioso aspecto que apresentava o interior daquela ilha, que por fora não era mais que uma informe e medonha massa de granito eternamente açoitada pelas ondas enfurecidas.

## **CAPITULO XIX – A ILHA ENCANTADA**

Agora que um de nossos heróis acaba de levar a efeito o arrojado cometimento de penetrar nessa ilha maravilhada, objeto dos anelos de poucos, e dos pavores e maldições de quase todos, julgo que não será descabido dar ao leitor uma sucinta descrição das maravilhas que encerrava em seu seio. Já tivemos ocasião de visitá-la uma vez, mas foi alta noite á luz do luar, e em tão sinistra e pavorosa ocasião, que não tive ânimo de demorar o leitor por muito tempo entre os horrores de tão horripilante episódio.

Agora vamos vê-la à plena luz do sol fulgurante do trópico, em uma tarde esplêndida e serena, servindo de pitoresco e delicioso asilo á entrevista de dois jovens e formosos amantes, sem punhal, sem sangue, sem cadáver... A menos que não dê na cabeça à maldita fada o satânico capricho de transformar-nos o capítulo.

Como já dissemos, o centro da Ilha era um tanque de forma oval, espaçoso e límpido, espelhando no regaço sempre bonançoso o puro azul do céu, doca imensa aberta pela natureza, mas vedada aos homens e cheia de encantos e mistérios. As ondas, que [069] entravam aos borbotões com alguma violência pelo estreito canal oblíquo e curvo como a boca de um caramujo, quebrando inteiramente o seu furor, iam expandir-se livremente no seio da espaçosa baía, desenrolando-se em círculos concêntricos que em suaves ondulações iam beijar as alvas praias alcatifadas de fina e luzente areia.

Em volta dessa arenosa e branca zona, na qual, como brilhante safira em um anel de prata se engastava o lago azul, elevavam-se por todos os lados as mais risonhas e encantadoras, perspectivas. Eram vicejantes colinas, ou antes uma só colina circular, cujas encostas de suave declive, começando nas margens do sereno golfo, iam-se elevando em vasto e gracioso anfiteatro. Estendiam-se essas encostas em caprichosas ondulações cortadas aqui e acolá por grotas cobertas de frondentes balsas, por entre as quais saltitavam murmurando na sombra regatos de frescas e cristalinas águas. Ali um laranja toucado de frutos e flores odoríferas, acolá coqueiros e bananeiras balanceando ao vento as longas palmas, e vergando-as ao peso de seus cachos dourados, além mangueiras isoladas carregadas de sazonados frutos e derramando na vasta e frondosa cúpula sussurros, perfumes e ameníssima sombra sobre um chão de tenra e macia relva. Enfim, moitas, latadas, grupos de arvoredos cobertos de frutos e flores, grutas, fontes, cascatas interrompiam a cada canto a uniformidade das risonhas colinas, que por fim iam perder-se no azul do céu, formando na linha extrema os topos da medonha penedia que constituía o cinto externo da ilha banhado pelas ondas convulsionadas em eterna tempestade.

Dentro a paz, o silêncio e a mais aprazível solidão; fora, o rugir perene do oceano em medonha e desesperada luta contra a rizeja e imobilidade de cachopos inabaláveis! É assim a alma do justo; no meio da grita infernal das paixões desenfreadas, e das mais violentas comoções que agitam a humanidade, conserva sempre a mesma paz e serenidade, porque tem na consciência pura o abrigo que a ampara das tormentas exteriores.

Este símile, porém, não tem aqui muito cabimento, por que infelizmente nenhum dos heróis que figuram nesta estupenda história estão neste caso; pelo contrario todos eles

têm motivos de sobra para trazer horrivelmente agitada a consciência.

Pelo que o leitor tem visto, a ilha, se pudesse ser vista a voo de ave, apresentaria precisamente a forma de uma ferradura, sendo formado o vão pelo golfo central, a chapa pelas **[070]** colinas circunstantes, e a orla pelas penedias pendidas sobre o mar. Não se via nela construção alguma que mostrasse ter sido feita pela mão do homem, senão uma pequena e pitoresca choupana pendurada no visor de uma encosta assaz alcantilada; e essa mesma se achava por tal forma escondida debaixo de um lajedo saliente, que se debruçava sobre ela em forma de teto, e tão enteada entre festões floridos e frondosas ramagens, que mais parecia uma gruta, um mimoso capricho das mãos da natureza. Era ali, por certo, a morada, ou antes o recatado e misterioso ninho da sereia.

Rodrigo ficou por momentos suspenso e absorto diante do maravilhoso espetáculo que se desdobrava ante seus olhos. Não duvidou mais da existência de encantamentos, e convenceu-se de que realmente se achava nos jardins de uma fada, pois só um poder sobrenatural, um condão de nigromante seria capaz de produzir maravilhas tais no seio daquele bronco e ignorado recinto perdido no meio do oceano.

– Regina é pois uma verdadeira fada! – exclamou assombrado – e estes sítios são seus palácios encantados!... Que importa!... Simples mulher, fada, sereia, anjo ou demônio que seja, adoro-a, quero vê-la, morrer a seus pés, ou, com ela aqui ficar para todo o sempre encantado!... Mas ela? Ela onde está?...

Ainda bem seus olhos fascinados não acabavam de admirar as margens encantadoras do lago, em cujo centro seu batel arfava brandamente embalado pela vaga, quando foram seus ouvidos súbita e agradavelmente surpreendidos pelas suaves modulações de uma voz de mulher que vinha cantando ao longe as seguintes cópias:

Eu sou formosa e jovem,  
Dos mares sou princesa,  
Em graças e beleza  
Jamais achei igual.

E vivo aqui sozinha,  
Ai céus! para meu mal.

E vivo aqui sozinha  
No seio de esplendores;  
Ninguém quer meus amores,  
Ninguém me vem buscar. **[071]**

E eu sou a mais formosa  
Das filhas deste mar,

Eu sou a mais formosa,  
E a mais alva açucena,  
Que sobre a onda serena,  
Balança o airoso hostil,

Mas nesta solidão  
Que serve ser gentil?

Mas nesta solidão  
Ninguém vem consolar-me;  
E sempre a lastimar-me.  
Aqui morrerei só,

Ai triste de mim! Triste!  
Ninguém de mim tem dó.

## CAPITULO XX – ABRAÇO E PUNHALADA

Rodrigo dirigiu seus olhares para o lado donde parecia partir os acentos da voz maviosa que modulava tão sentidas e plangentes coplas, e não tardou, em divisar o mesmo vulto de mulher vestida de branco que há pouco havia avistado no tope da penedia exterior. Ao tempo que cantava vinha dele descendo pelas sendas tortuosas da colina, com passos sutis e rápidos, fantástica e aérea sílfide, ou ligeira borboleta de asas brancas esvoaçando em caprichosos giros por entre floridas, e viçosas balsas.

Quando chegou à base da colina, morriam-lhe nos lábios as últimas notas da canção suspirosa, mescladas ao soluçar das vagas preguiçosas a se estirar pelas alvas praias. Do lado por onde descera estendia-se um grupo de rochas negras plantadas no areal, dispersas em desordem, altas, esguias, aprumadas, que ao longe se poderiam tomar por um bosque de ciprestes, fúnebre ornamento de alguma mansão mortuária. Também quem tivesse a imaginação algum tanto exaltada, contemplando á luz duvidosa do crepúsculo ou em noite de luar essas escuras massas, [072] imóveis e sombrias em pé á margem do lago, cuidaria ver nelas um bando de monges com a cabeça e braços escondidos debaixo do capuz e das largas mangas, embevecidos em mística e profunda meditação.

Por entre esse grupo de rochedos a donzela desapareceu por momentos, e depois de os atravessar surdiu de novo à beira do lago, e com um gesto expressivo e gracioso convidou o mancebo a que viesse desembarcar. Rodrigo, que acompanhava os olhos os menores movimentos da fada, achavam-se no centro do lago em completa calma, e como ali dentro mal respirava uma frouxa viração que apenas poderia agitar os macios anéis ou os ligeiros véus da frente de uma virgem, empunhou o remo, e, dirigindo á praia o seu batel, ia cantando assim:

Por entre ondas bravias  
De mil tormentas batido  
Em busca de um bem perdido  
Voga em vão o batel meu;

Voga, voga, até sabermos  
Onde a ingrata se escondeu.

Houve um dia uma sereia...  
Oh! Que linda ela não era!...  
Porém tão ingrata e fera  
Que de amor me enlouqueceu;

Dizei, ó nuas penedias,  
Onde a ingrata se escondeu.

Ela deixou-me, a cruel!  
Entregue a negros pesares,  
Lastimando sobre os mares  
O triste destino meu;

Dizei-me, ó ondas sonoras,  
Se ela de mim se esqueceu.

Se nas asas do tufão  
Devassando o mar profundo  
Na raia extrema do mundo  
A meus olhos se escondeu, **[073]**

Neste barco aventureiro  
Lá também voarei eu.

Se entre monstros marinhos  
Lá no mais fundo dos mares  
Em cristalinos algares  
Se oculta o retiro seu,

Em meu amor confiado  
Lá mesmo descerei eu.

Se entre rochas malditas  
Entre grossos vagalhões  
Defendidas por dragões  
Seus palácios escondeu.

Mil mortes desafiando  
Lá mesmo chegarei eu.

Por entre as ondas bravias,  
De mil tormentas batido,  
Era busca de um bem perdido,  
Voga, voga, ó batel meu!

Voga; um dia saberemos  
Onde a ingrata se escondeu.

Quando Rodrigo terminou a última endeixa, o barco embebia a proa na alva e fremente areia, e de um salto o mancebo, anelante de prazer, e de assombro, achava-se, aos pés da fada, a qual, com um meigo gesto e um fagueiro sorriso nos lábios, estendia-lhe a mão para erguê-lo, e lhe falava assim:

– Não; nunca me esqueci, nunca me esquecerei de ti, Rodrigo.

Rodrigo ficou por alguns instantes diante dela mudo, imóvel, atônito, entregue a mil emoções impossíveis de descrever.

– Será mesmo Regina que estou vendo?... não será isto um sonho!... – murmurava no íntimo d’alma.

Mas que nunca o deslumbrava o novo e fascinador aspecto de que se revestirá a beleza de Regina, depois que por alguns anos se ermara naquele ignorado e inacessível recinto. Os peregrinos encantos que outrora já tanto seduziam através dos véus diáfanos em que o recato e timidez envolviam as graças [074] nascentes da primeira juventude, eram apenas vagas promessas, esboços incompletos da prodigiosa e incomparável beleza que agora se lhe apresentava. Os olhos, que outrora como que retraíam em si aquele vivo fulgor e fascinadora magia que tantas vítimas haviam feito, agora despediam, provocadoras chamadas que coavam ao íntimo d’alma o filtro de mil sonhos de inefáveis delícias. Vivo e ardente rubor coloria-lhe os lábios úmidos e risonhos, que se agitavam como corolas orvalhadas; desafiando o beijo das aragens. Espraia-se-lhe nas faces um mimoso matiz encarnado que não era, por certo assomo de virginal pudor, mas exuberância de seiva e viço juvenil, fogo do coração sedento de amor que lhe aquecia o sangue, e vinha abrolhar-lhe nas faces em pétalas de rosa. Os braços, espáduas e seios, mais avolumados, torneavam-se em mórbida e voluptuosas curvas, e os contornos do corpo desenhavam-se hem acentuados em todo o seu vigor e amplitude sob a ligeira e singela roupagem que do donoso cinto pendia-lhe flácida ao longo dos membros, ondulando ao sopro de escassa viração. Já não era a tenra flor que mal abria timidamente aos fulgores da nascente aurora o cálix orvalhado de inocência e pudor; era agora a rainha do vale que alçava o colo altivo, alardeando aos esplendores do sol o mimo e o matiz das pétalas em todo o seu viço e louçania.

– Será mesmo Regina que estou vendo?... Não será isto sonho?... – exclamou Rodrigo, externando por fim em voz alta a perplexidade e assombro em que sua alma se agitava.

– Quem mais senão ela? – respondeu a fada apertando-lhe docemente as mãos que tinha presas nas suas, e cravando-lhe n’alma um olhar repassado da mais apaixonada ternura. – Não me conheces mais, Rodrigo? Estarei mudada assim?

– Mudada não estás; és a mesma Regina, porém mil vezes mais bela. Meu coração bem adivinhava, que eras tu que aqui te achavas; mas podia eu contar com teu amor, eu que fui tão cruelmente maltratado?... Ainda não posso crer;... disse-me ainda uma vez; deveras tu me tinhas amor?... Ainda não te esqueceste de mim?

– Oh! juro-te, Rodrigo; amava-te!... Amei-te desde a primeira vez que te vi, e hoje te amo mais ainda, se é possível.

– Mas, entretanto, passado pouco tempo amaste outro homem;... com ele te casaste, e...

– Cala-te, meu querido! – interrompeu Regina, levando a rósea mão á boca do mancebo; – bem sei o que me vais [075] dizer. Se me tens amor; não me aflijas com esta triste recordação neste único momento feliz que até aqui me tem sorrido na vida. Se soubesses o que se passava dentro deste coração?... Depois que desapareceste fiquei sozinha, entregue a mim só, a meus pesares, e à minha fatal beleza que, mau grado meu, não cessava de produzir os costumados infortúnios. Devo dizer-te, se é que já não sabes, também teus irmãos amaram-me, e solicitaram o meu amor; mas ai deles!... Não conseguiram mais do que tornar com sua presença e semelhança mais vivas as saudades



que tinha de ti, e gravar-me mais fundo no coração um sentimento que jamais devia se extinguir. Também eles desapareceram!... a paz, a alegria, a esperança, tudo fugiu-me com o único homem que soubera cativar-me o coração. Apareceu esse homem que ofertou-me seu amor e sua mão. Eu desejava e devia pôr termo às desgraças que, sem querer, derramava em torno de mim. Todos julgavam-te morto, e eu, que tinha sido a causa involuntária de tantas catástrofes semelhantes, facilmente o acreditei. Aceitei o seu amor, a sua companhia e proteção mas não lhe podia dar em troca senão estima e amizade, que muito merecia, mas amor não, que esse tu m'o havias levado todo para o túmulo em que te julgava adormecido.

– Mas porque tanto me desdenhavas?

– Eu nunca te desdenhei.

– Por que me fugias sempre? Por que nunca achaste para mim uma única palavra de esperança?... Por que sempre me flagelavas a alma com aquele estribilho de tua infernal canção:

Mancebo, vai n'outra parte

Teus amores suspirar?...

– Ah! Não me entendias, e tinhas razão. Louca e caprichosa que eu era, queria que por meio de um gesto, de um olhar adivinhassem todo o meu pensamento. Sou filha do mar; não tenho outra pátria, e não conheci na terra pai, nem mãe, nem parentes. Entretanto eu crescia, e meu coração sentia necessidade de amar, e amei-te a ti, filho da terra, onde eu fizera voto de não amar. Mas meu amante queria eu, em meus cegos caprichos, que fugisse para sempre à terra, e me acompanhasse aos mares, era aqui, neste meu retiro inacessível aos demais filhos da terra, era aqui, que eu queria que me amasse; era aqui que eu queria prendê-lo comigo, prendê-lo em meus braços, compreendes?

– Mas eu cá vim um dia em teu seguimento, arrostando [076] todos os perigos, e tu me fugiste e desapareceste a meus olhos, cantando sempre a tua abominável canção...

– A canção era simplesmente para pôr em prova a tua perseverança; mas eu te acenava para que me acompanhasse dando volta à ilha, e tu não me compreendeste!... E aí de mim!... Nem podias compreender, agora o vejo...

– Oh! estulto e cego que eu fui!...

– Não, Rodrigo; a culpa era minha; mas hoje compreendeste; tudo está sanado; esqueçamos nos braços um do outro todo esse triste passado. Graças a ti, meu belo, meu valente amigo, graças ao teu amor e á tua coragem, eis-nos hoje felizes!... Se tu não viesses, eu aqui viveria, e aqui morreria ao desamparo na mais triste solidão, pois jamais consentiria que outro, que tu não fosses, penetrasse nesta minha morada.

Com estas e outras frases e afagos repassados do mais íntimo e extremoso afeto, Regina, travando a mão do mancebo, o ia conduzido através das negras rochas que mediavam entre a praia e o visio das colinas.

Já era sol posto, e reinava por entre aqueles meandros misteriosos, mística e silenciosa sombra quase igual à da noite. No intervalo de dois desses penedos que se inclinavam um para o outro quase fechando-se em abóbada, à semelhança de dois espectros negros que procuravam beijar-se, Regina parou.

– É aqui, – disse ela apontando para um comoro de areia que se abaulava na base do rochedo, – é aqui, meu querido que depositei minha grinalda de núpcias; ei-la!... Não vês?

Regina havia, de feito, depositado sobre aquele comoro sinistro sua pálida e já

tisnada grinalda de bodas.

– Não a vês? – continuou ela; – murcha, amarelada e triste, como tem estado até hoje o meu coração. Tem um salpico de sangue, não vês?... Não sei que mão fatal, que punhal surgido do inferno, ou descido do céu feriu de morte meu marido no momento em que ia desatar-me da frente esta grinalda...

Rodrigo estremeceu; atassalhado de remorsos, esqueceu-se do seu amor, não viu mais a encantadora beleza que lhe falava, e com os olhos desvairados, a fronte inundava em gélido suor esperava ver surgir a cada momento, dentre aqueles penedos, a sombra ensanguentada de sua vítima. Mas as meigas palavras de Regina imediatamente vieram acalmá-lo.

– É que meu destino não queria que eu fosse dele – continuou ela apanhando a grinalda e pondo-a sobre a cabeça. – [077] Meu coração tinha-te escolhido; eu devia ser tua, somente tua; a ti só e a mais ninguém competia desatar-me da frente a grinalda virginal. Vem, meu querido, vem a meus braços, aparta-me nos teus...

Quem resistiria a tão fagueira, e apaixonada provocação partindo de tão sedutora criatura?... Rodrigo, ébrio de ventura e de amor, atirou-se aos braços de Regina, e apertou-a contra o seio; mas em lugar de um suspiro de amor escapou-lhe do peito um grito agudo e doloroso. A lâmina de um punhal lhe havia atravessado o coração!... O mísero mancebo rolou na areia, estrebuchou um momento, e expirou.

– Estás contente, meu marido? – bradou a fada horrível com os olhos chamejando em júbilo infernal. – Eis aí tem a teu lado um de teus assassinos. Os outros hão de vir, eu te afianço, e aqui mesmo hão de morrer da mesma morte. Juro, juro, juro três vezes.

## CAPITULO XXI - ROBERTO

Durante toda a noite Roberto e Ricardo velaram na praia esperando em vão por seu irmão. – Achou-a talvez, – pensavam lá entre si, dissimulando-se reciprocamente a inquietação e ciúme que lhes mordida o coração. – Conseguiu talvez aportar à ilha, encontrou-se com ela, e a esta hora, quem sabe? esquecido do mundo, de nós, de tudo, lá está nos braços dela engolfando-se em delícias!

Mas logo repeliam esta ideia para eles a mais amarga e pungente de todas.

– Não! Não é possível!... Ela nos detestava a todos três, e deve bem saber que braços vibraram o golpe que lhe roubou o esposo. Se a moça ou fada que habita essa ilha é realmente Regina, mais fácil será ter ela sacrificado nosso irmão à sua feroz vingança, se é que ele soçobrou nesses malditos penedos.

Desde o romper do dia pouco a pouco foram chegando outros pescadores igualmente ansiosos por saberem o resultado da audaciosa tentativa de Rodrigo.

– Ainda não voltou!? – dizia um; – bem o dizia eu; ou [078] a sereia o agarrou em seus laços, e lá tem de ficar para todo sempre; ou despedaçou o barco nos rochedos da ilha, e não tardaremos a ver seu cadáver arrojado á praia.

– Não é isso, – replicava outro, é que talvez até agora, estará vogando atrás da ilha, e ainda não pôde alcançá-la. Se duvidam, olhem, que é da ilha?... não a vejo em parte alguma.

– É o sol que te empana a vista. Olha acolá, respondeu outro apontando ao longe no horizonte.

– Ali?... mas aquilo parece mais ser uma névoa.

– E se não é nevoa então a ilha mudou de lugar.

– Pois quem duvida? Essa ilha é o castelo encantado da rainha das sereias, que anda

a boiar por cima das ondas, e passeia por todos os mares do mundo. Já tem sido vista até nas Canárias, e chamam-lhe por lá a ilha de S. Borondon; mas como aqui, lá também ainda ninguém lhe pôs o pé.

– Entretanto o Rodrigo lá se foi atrás dela, e por lá ficou.

– E lá ficará para todo sempre; é o que lhes digo, e é o que há de suceder a todos os que tiverem o arrojo, de lá querer chegar.

Entretanto, no meio destas e outras conversações, os pescadores, olvidados de suas ocupações, passeavam de contínuo olhares curiosos e investigadores por toda a superfície do oceano, que com a vista podiam alcançar. Roberto e Ricardo, especialmente, pouca atenção prestando ao palrar incessante de seus companheiros, não despregavam os olhos dos rumos da ilha maldita.

À medida que o sol ia se remontado no horizonte, as névoas matinais iam se dissipando, e as cerúleas campinas do oceano, ligeiramente enrugadas por uma brisa de nordeste, se apresentavam banhadas de viva luz até os seus mais remotos confins. Começou então a desenhar-se distintamente aos olhos dos pescadores o sinistro fantasma da ilha misteriosa aos olhos trema do horizonte e no mesmo ponto em que fora vista na véspera. Figurava um comoro roxo-escuro circundado de alvo cinto de espumas, como uma ametista atufada entre flocos de arminho.

– Ei-la acolá! Estão vendo agora? Bradou oque primeiro a tinha avistado.

– É ela! É ela! – Exclamaram todos. – Lá está e no mesmo lugar.

– É ela; esta noite, felizmente, não vogou; ainda bem; **[079]** mas o pior é que por esse rumo não vejo nem sombra de embarcação.

Era já quase meio dia, e nem vela, nem sinal algum de barco se via; no horizonte. Roberto não teve paciência para esperar mais tempo.

– Vou procurar meu irmão, – disse saltando para dentro de seu barco; – a ilha é aquela mesma, bem a conheço; mas seja nuvem, ou sonho, parcél, rochedo ou palácio do diabo, se ela não subverter-se debaixo das águas, ou não voar pelos ares, hei de lá chegar, e vivo ou morto hei de encontrar meu irmão.

Em vão os pescadores se esforçaram por demovê-lo de tão insensata empresa; a nada atendeu o temerário moço. Desamarrou silenciosamente o seu barco, içou a vela, manobrou o leme, e fez-se ao largo.

– Vai, meu irmão, vai procurar e salvar, se ainda é tempo, o nosso irmão, – disse-lhe. Ricardo; – se dentro em vinte e quatro horas não estiveres de volta, eu lá irei procurar-vos. Adeus! Roberto.

– Adeus, Ricardo.

– Que doidos são estes moços! murmuravam os pescadores consternados, vendo partir Roberto, – Devem andar bem enfatiados da vida eles, que assim correm a uma morte certa com a maior frescura e desembaraço do mundo! É mais um belo e excelente companheiro que a maldita sereia nos vai roubar.

É escusado referir por miúdo o que aconteceu a Roberto. Teve em tudo a mesma sorte que seu irmão mais velho. Regina, que já adivinhara a sua vinda e o esperava no alto do rochedo, indicou-lhe por gestos, como já o fizera, a Rodrigo, a derrota que devia seguir para poder penetrar na ilha. Apenas se achou nas águas serenas do golfo que ocupava o centro daquele pitoresco e ameno recesso, ouviu os enlevadores acenos da voz melodiosa que parecia adormecer as ondas e os ventos, e divisou o donoso vulto de mulher vestida de branco, que o chamava á praia. Apertou; fascinado pela deslumbrante formosura, pelas blandícias e afagos de Regina, que logo reconheceu, o mísero mancebo nem se lembrou de

perguntar por seu irmão!... Tal era a força de alucinação que desvairou-lhe a mente, e obcecou-lhe o coração! A moça o conduziu por entre os rochedos, parou no mesmo sítio a que levava Rodrigo, e, na mesma hora em que na véspera este fora sacrificado, o mesmo punhal, vibrado pela mesma mão, transpassava o coração de Roberto, e mais um cadáver [080] estrebuchava agonizando sobre a sepultura do marido de Regina.

– Parabéns, marido! – exclamou Regina com um riso de medonha e feroz alegria, – Parabéns! Já o sangue de dois dos teus assassinos tinge a tua sepultura!... Falta o terceiro; ela há de vir, disse estou certa. Amanhã ele aqui ficará também estendido ao lado de seus bons irmãos. Por este punhal, e por todo o sangue por ele derramado assim o juro, juro, juro três vezes!...

Os mudos e insensíveis rochedos, únicas testemunhas daquela cena pavorosa, deviam estremecer de horror aos ecos daquele brado infernal. Medeia, apunhalando os filhos de Jasão, não seria mais horrível.

## CAPÍTULO XXII - RICARDO

– Eles não voltam!... Ah! Meus pobres irmãos! Que será feito deles?!... – murmurava tristemente Ricardo, embebendo olhar sombrio e esmorecido pela amplidão dos mares no dia seguinte ao em que Roberto se fora em direção á ilha maldita, em procura do irmão, o que equivale a dizer – em procura de sua perdição.

– Maldita ilha! Maldita mulher!... quem vos quebrará o encanto terrível, que tantas lágrimas, tantos desastres e tanta desesperação tem produzido?... Sina fatal a dessa mulher: sina de horror e maldição para si e para todos!... E eles não voltam! Irei procurá-los. Devo salvá-los, se for possível, ou morrer como eles morreram. É esse o nosso fado; cumpra-se!...

Como no dia anterior os pescadores, desde pela manhã, se aglomeravam na praia ansiosos por saberem o resultado da tentativa do segundo irmão. Neste dia, porém, ainda maior era a afluência de povo. Quase toda a aldeia, homens e mulheres, velhos e crianças, vagueavam dispersos pelas praias, não consultando os ventos e, a maré, ou tratando de lançar ou colher suas redes, não calafetando os barcos ou concertando as velas rotas pelo tufão, mas em uma extrema e curiosa preocupação de espírito, com os olhos pregados no horizonte e na desastrada ilha que lá se desenhava ao longe com seu torvo cinto de rochedos circundados de alvejante espuma. [081]

Era já quase meio dia; o céu estava limpo e diáfano, o mar sereno e inundado até ás extremas do horizonte, da mais intensa e radiante luz, e nem uma vela nem um barco no oceano, que fizesse suspeitar a volta de qualquer dos dois irmãos.

– É tempo de soltar meu barco, – exclamou Ricardo dirigindo-se ao barco, que arfava ali perto, amarrado á praia; – vou procurar meus irmãos. Adeus, meus amigos!... Até amanhã, ou até nunca mais!

Era Ricardo tão gentil e bem disposto como qualquer de seus irmãos, mas a natureza tinha-lhe espargido nas feições e na expressão do semblante uns toques mais suaves e delicados, um não sei quê de feminino e gracioso nas formas do corpo e nos sentimentos do coração. Mui jovem ainda, o fogo das paixões ainda não lhe havia turvado a serenidade, da fronte lisa e expansiva, nem acentuado duramente os traços fisionômicos como a seus irmãos. Os cachos de cabelos negros que lhe sombreavam o colo luziam-lhe por baixo do sombreiro como lâminas de aço. polido, e os olhos, também negros, se acendiam em uma luz negra e suave que penetrava sem ofuscar. Mesmo assim, porém, não deixava de ter a mesma vigorosa organização muscular que seus irmãos, e essa expressão calma e serena da

fisionomia era modificada por um sulco perpendicular entre os sobrolhos, indício revelador de ânimo resoluto e inquebrantável energia.

A suave expressão de seu rosto, seu olhar plácido, suas ingênuas graças, juntas ao garbo senhoril do bem talhado e vigoroso porte, davam-lhe ares de um arcanjo modelado pelo cinzel do mais bem inspirado e sublime artista.

Sabemos que Ricardo já sentira os primeiros abalos, de uma paixão fatal, quando pela primeira vez se encontrara com Regina; mas era apenas um primeiro germe guardado n'alma, e que ainda não tivera ocasião de desabrochar em toda a sua força; uma visão que o deslumbrara, e lhe deixara no espírito o enlevo de um amor ideal e puro, não despertando nele senão anelos indefiníveis, vagas e deliciosas emoções. Esse primeiro afeto, porém, de uma alma inexperiente e cândida, só esperava um segundo encontro para irromper nessa paixão; infrene e cega que se apoderava tiranicamente do coração de todos os amantes de Regina. A imagem dessa mulher, que primeiramente lhe aparecera em sonho para logo se encarnar na mais esplêndida e maravilhosa realidade, lhe havia ficado gravada na mente em **[082]** vivos e indelévels traços. Essa recordação, porém, que de contínuo lhe pairava no espírito, não fazia mais que aquecer-lhe suavemente o coração sem inflamar-lhe o sangue na febre do sensualismo, e derramava em toda a sua fisionomia leve sombra de melancolia que tornava-lhe ainda mais simpático o encantador aspecto.

Bem se pôde, portanto, avaliar quanto Ricardo devia ser benquistado de toda aquela boa gente, não faltando mesmo corações de formosas meninas que por ele em segredo suspirassem, e que se julgariam as mais venturosas mulheres do mundo se conseguissem atear-lhe n'alma uma centelha de amor. Mas a mística adoração que consagrava á virgem do mar fechava sua alma a todo e qualquer outro afeto, e as jovens pescadoras baldavam suspiros e olhares enternecidos que Ricardo não compreendia.

E pois, naquele dia fatal, grande era a consternação, imensa a ansiedade e aflição que preocupavam os ânimos. Em vão, a poder de conselhos, súplicas e mesmo lagrimas, porfiavam por dissuadir o mancebo de sua tresloucada empresa.

– Que poderás fazer mais que teus irmãos? – diziam-lhe. És mais valente ou mais robusto que eles? Ou terás algum amuleto, algum talismã que te livre dos encantos da maldita sereia?... Deixa-te disso, moço; procurar assim uma morte certa é tentar a Deus.

A todos esses rogos e admoestações Ricardo respondia inabalável em sua resolução:

– Devo salvar meus irmãos, ou morrer como eles morreram.

O sol começava a declinar no meio-dia. Ricardo não quis mais ouvir pronunciar uma só palavra; encaminhou-se silenciosamente ao seu batel, desatou a amarra, empunhou o remo, e o impeliu para o largo. O vento e a maré o favoreciam como a seus irmãos, e o levavam direito ao malsinado escolho, ao vórtice tremendo a quem uma fatal e irresistível força os atraía. A brisa fresca enfunava-lhe rijamente a vela e arrastava-lhe o batel por sobre as vagas encrespadas, como a folha seca arrebatada pelo tufão através dos areais do deserto. Em breve já não podia mais ouvir as vozes teimosas dos pescadores que não cessavam de bradar-lhe: – Volta, moço, volta!... Que vais lá fazer?... Corres a uma morte certa!

Em menos de duas horas o barco do mancebo já lutava contra as ondas revoltas e empoladas que rugem em derredor **[083]** da ilha maldita. A penedia lisa, uniforme, pendurada sobre as vagas já se desenhava, distintamente ante os olhos de Ricardo, o único dos três irmãos que ainda não a tinha encarado de perto. Era em verdade horrendo e temeroso, e desta vez ainda estava mais aterrador o aspecto que apresentava. As ondas, que contra ela se arrojavam furiosas e quase lhe galgavam o cimo, despedaçavam-lhe em

escarcéus de espuma com bramidos que semelhavam uma trovoadas eterna. Não se via em redor nem uma saliência de rocha, nem uma língua de areia, nem uma pequenina ossada em que luzisse ao náufrago a mais leve esperança. Era por toda a extensão visível a onda revolta em sua eterna mobilidade, em luta encarniçada contra o granito inabalável em sua eterna imobilidade.

Todavia Ricardo não esmorecia e fazia esforços desesperados para chegar á base da inacessível penedia. Embora seu barco se fizesse em pedaços de encontro aos cachopos, embora se visse arrojado nas ondas daquele pego convulsionado que refervia espumoso como caldeira em ebulição, queria atracar-se ao rochedo, galgar-lhe o cimo, e devassar os segredos daquele fatal e malsinado recinto. Em breve; porém, reconheceu com o mais entranhado despeito que eram baldados seus esforços, e louco o seu intento. No espaço de cerca de uma hora que lutava, favorecido pelo vento que lhe inchava a vela, e pelo impulso do remo que manejava com o maior vigor, não conseguira aproximar-se nem duas braças da formidável penedia que continuava a ficar-lhe como a duzentos ou trezentos passos de distância.

O braço de Ricardo desfalecia, o remo lhe escapou das mãos esmorecidas. No auge do desalento fez um supremo e desesperado esforço; de um salto pôs-se em pé sobre o barco, decidido a atirar-se ás ondas a fim de, ou alcançar a medonha penedia, ou nelas ficar para sempre sepultado. Ao relancear, porém, os olhos pelos topos do rochedo para medir a distância que dele o separava, deu com os olhos em um vulto de mulher vestida de branco, que se destacava no azul do céu sobre a crista de uma rocha, como estátua de alabastro sobre os muros denegridos de vetusto e ruinoso castelo. O mancebo fitou por algum tempo aquela estranha aparição a fim de certificar-se que não era uma ilusão, e, ao que podia julgar pela distância, pareceu-lhe uma gentil donzela no viço dos anos e de incomparável formosura. [084]

– É ela! – refletiu o mancebo. – a fada da ilha encantada!... Será de fato Regina, a misteriosa sereia, que aqui mora?... Será essa mulher fatal que precipitou a mim e a meus irmãos na carreira do crime e no abismo do mais tenebroso infortúnio?... Oh! Se for!... Mas... seja embora! Que me importa?!... Seja quem for, Regina; fada, sereia ou o próprio Satanás!... Quero vê-la, quero falar-lhe de perto, perguntar-lhe por meus irmãos, pedir-lhe, conta deles, de nosso futuro para sempre anuviado por suas malditas e execráveis mãos, ou vingá-los, se os sacrificou ao seu furor...

Nisto tirou o sombreiro e agitou-o vivamente nos ares, gritando com força:

– Regina!... Regina!...

A donzela, que atentamente o observava, correspondeu a seus gestos, e com expressiva mímica deu a entender ao moço que estava ansiosa por dar-lhe entrada em sua ilha, e com acenos apropriados indicou-lhe, como já fizera a seus irmãos, a derrota que devia seguir para achar a entrada da mesma. Ricardo compreendeu; amainou a vela, e deixou que as ondas o afastassem das proximidades da penedia. Depois que se achou suficientemente retirado, manobrando convenientemente, rodeou-a pelo sul, procurando sua face oriental. Ali as ondas, não sendo mais rechaçadas pelos cachopos, levaram-lhe suavemente o barco até a entrada do estreito canal, que ele transpôs sem dificuldade, e em breve achou-se nas águas serenas do golfo central.

## **CAPITULO XXIII - CONDÃO QUEBRADO**

Ricardo ficou possuído de assombro e mesmo de um certo pavor, vendo

inopinadamente desenrolar-se ante seus olhos o maravilhoso espetáculo do interior da ilha, que tão vivamente contrastava com o horrendo e bronco aspecto exterior.

Mas não era azada a ocasião para ficar a cismar, estático, diante dos formosos painéis que o rodeavam. Pensamentos tumultuosos lhe alvoroçavam o espírito e o que mais ansiava ver era a rainha misteriosa daqueles sítios encantados. Procurava-a com as vistas por todos os lados com inquieta curiosidade, mas ao mesmo tempo enfiava e estremecia de pavor e sobressalto **[085]** a cada momento que pensava tê-la diante dos olhos. Por singular disposição de seu espírito e de seu destino, Regina era para ele ao mesmo tempo um objeto de ódio e culto, de pavor e de atração.

Não durou muito tempo nesse estado de ansiosa inquietação. Uma voz angélica e suavíssima chegou-lhe aos ouvidos e, absorvendo-lhe toda a atenção, veio arrebatá-lo a alma às regiões dos sonhos encantados, retraçando-lhe vivamente na fantasia a formosa visão que nunca se lhe apagara da lembrança. Era uma voz de mulher, voz fresca, argentina, arrebatadora, que ondulava pelo espaço em maviosos e apaixonados acentos como ouvidos humanos jamais haviam escutado.

Olhando para o lado donde parecia partir a canção, Ricardo avistou em pé, na praia, a mesma formosa donzela vestida de branco que divisara há pouco sobre o tope dos rochedos. Como naquele tranquilo e recatado recinto mal bafejava frouxa viração, Ricardo, lançando mão do remo, dirigiu-se para a praia, para onde a formosa fada, com expressivos gestos, chamava.

Em caminho afagava-lhe os ouvidos a maviosa canção, que dizia assim:

Nestas praias solitárias  
Que procuras, pescador?...  
Vens buscar pérolas finas,  
E corais de alto valor?

Se tais tesouros desejas,  
Voga além, ó pescador.

Que estrela por estes mares  
Te conduz, ó pescador?...  
Queres ser nauta valente,  
E do oceano senhor?...

Se tal ambição te ocupa,  
Passa além, ó pescador.

Os mistérios saber queres  
Desta ilha, ó pescador?...  
E de meu reino os arcanos  
Aos olhos do mundo expor? **[086]**

Se é esse o desejo teu  
Vai-te embora, ó pescador

Mas se perigos insanos

Afrontando sem pavor  
Nesta ilha solitária  
Tu vens procurar amor,

A meus braços sem detença,  
Corre, voa, ó pescador.

Quando as notas extremas do suavíssimo canto expiravam vibrantes de paixão pelas solitárias plagas, a proa do barco de Ricardo embebia-se rugindo na arenosa margem, e com rápido movimento o mancebo saltava em terra e corria para junto da donzela. Regina o esperava imóvel; um sentimento ignoto a perturbava; o coração lhe pulsava de um modo insólito, e seu espírito se perdia em um chãos de ideias singulares e emoções estranhas. Ela, que nas brancas faces conservava sempre inalterável um leve matiz de rosa, sentiu incendiar-se-lhe o rosto em extraordinário rubor; os olhos, que sempre tão animados despediam com altivez os mais vivos e penetrantes fulgores, sentiram-se turvados e abateram-se involuntariamente sem ousarem fitar o mancebo com a costumada sobranceria. A lembrança do formoso jovem que outrora tinha encontrado na praia adormecido à sombra de um rochedo, avivou-se-lhe subitamente no espírito, e as mesmas emoções que então sentira lhe assaltaram o seio alvoroçado. A imagem desse mancebo, malgrado seu, lhe ficara para sempre gravada na mente como estrela de meiga e fagueira luz no céu escuro de seu tenebroso destino. Em vão procurava expeli-la; ela sempre a acompanhava, derramando-lhe n'alma um triste e misterioso clarão que a enchia de angústia e inquietação. Desde que vira Ricardo, quebrara-se o seu condão de fada, e desfizera-se todo esse encanto que até ali lhe amparara o seio com o broquel de inexpugnável isenção. O mal aventurado afeto que havia consagrado ao esposo de um dia não pudera apagar-lhe da mente aquela visão de um instante que a tinha fascinado.

Por seu lado também Ricardo jamais pudera se esquecer da virgem donosa e radiante de beleza, que lhe aparecendo em [087] sonho, um momento depois, se convertia em fulgurante visão, cheia de vida e realidade.

E era essa visão que agora lhe surgia de novo ante os olhos pelas praias silenciosas daquele retiro encantador. Era ela, era Regina que agora lhe aparecia ainda mais formosa do que outrora, porém, mais meiga e carinhosa. Já não vibrava aqueles olhares cintilantes cheios de altivez e império que fulminavam todas as esperanças no coração de seus adoradores. As pupilas úmidas nadavam-lhe em suave fangor, um tímido sorriso cheio de caricias e promessas adejava-lhe pelos lábios incendiados em voluptuoso rubor. Lia-se no vivo encarnado das faces, na timidez dos ademanos, no tremulo; e ansioso arfar dos seios empolados, um casto e sedutor enleio que duplicava-lhe os encantos e a revestia de uma formosura irresistível.

Ricardo, todavia, tentou a principio resistir a tão poderosa sedução; evocou no espírito a memória de seus irmãos que já não duvidava terem sido sacrificados á sanha daquela ominosa e fatal beleza e esforçou-se debalde por conservar toda a sua sobranceria e isenção de ânimo em face de tão formidável e tentadora visão. Parou diante dela e depois de contemplá-la por instantes com acento cuja emoção em vão procurava disfarçar:

– Senhora, – disse-lhe, – venho aqui somente para indagar o que é feito, de meus dois irmãos; que a senhora bem conhece, e que vieram um após outro nestes dois últimos dias em direção a esta ilha, e que até agora não voltaram.

– Seus irmãos!... Que me diz, moço? – retorquiu a donzela com simulado acento de



surpresa e consternação. – Seus irmãos?!... Pois eram eles?... Infelizes!

– Infelizes!?... – exclamou o mancebo impaciente. – Infelizes porque, senhora?... Acaso os vistes?...

– Vi-os, sim, vi-os expostos ao maior perigo, mas ai de mim!... Sem poder valer-lhes. Desgraçados!... Por que foram tão afoitos e temerários!

– Mas por piedade, senhora, digei-me o que é feito deles?...

– Pergunta a essas ondas que rugem aí fora; perguntas aos abismos e aos monstros do oceano...

– Oh! Meu Deus! Meu Deus! Será possível?!...

– Não sei, – respondeu Regina hesitando, arrependida e procurando pôr em dúvida a triste nova que acabava de dar ao mancebo. De momento a momento ia crescendo a afeição e interesse que tomava por ele, e a consternação e dor que ele [088] manifestava pela perda dos irmãos, sumamente a inquietavam e afligiam. Tratou pois de afastar essa ideia tão cruel e pungente para ambos. – Não sei; mas é difícil escaparem aqueles que têm a audácia de se avizinharem dos terríveis cachopos que cercam esta ilha! Eu os vi do alto da penedia lutando temerariamente com as ondas, não sei com que louco intento, mas não sei que soçobrassem e pudessem. Gritei-lhes e acenei-lhes; como há pouco vos fiz, ensinando-lhes o caminho que deviam seguir para se recolherem a esta ilha; mas parece que não me compreenderam. Perdi-os de vista e não sei que rumo tomaram. É natural que se fizessem ao largo, e procurassem a costa onde de certo se terão salvado.

– Mas, – interrogou Ricardo com certo tom de desconfiança, – a senhora não odiava meus irmãos?

– Eu odiá-los?! e por que, meu Deus!... Somente não os amava, porque não devia, nem queria amar a ninguém, nem ser amada. Eu tinha um horror instintivo, uma repugnância invencível a isso que se chama amor. Era essa repugnância que eu sempre senti antes de...

Um suspiro mal disfarçado, e um rubor extraordinário que incendeu-lhe as faces serviu de remate a esta frase interrompida.

– Já sei, – acudiu Ricardo julgando adivinhar o que o pudor tinha suprimido por uma reticência. – Já sei; sentiste sempre essa repugnância antes de conhecer o ente afortunado a quem deste a mão...

– Oh! Por piedade! – interrompeu a moça fitando em Ricardo um olhar repassado de paixão, pejo e angustia; – não falemos desse desgraçado esposo de algumas horas. Amava-o tanto como amava a teus irmãos.

– Que estás dizendo, senhora?... porque então o desposaste?

– Ah! para que afligir-me com perguntas que me fazem sangrar o coração de dor e de remorso?

– Perdão, senhora, – replicou o mancebo com algum enfado; – estava longe de pensar que a estava afligindo. Visto que nada pode revelar-me, não quero mais importuná-la com minhas perguntas; deixo-a em paz em seu retiro, e volto pelo mesmo caminho por onde vim. [089]

– Não, não irás ainda, – retorquiu Regina reassumindo a calma e a presença de espírito que pouco a pouco foi deslizando para um tom de meiga e cordial familiaridade. És neste mundo a única pessoa a quem apraz-me abrir meu coração; há de ouvir-me. Para que eu responda á tua pergunta, é preciso que te conte a história de minha vida desde seu começo. Não te enfadarás de ouvir-me?...

– Eu enfadar-me!? Nunca, Regina. Fala; tuas palavras têm a doçura de um bálsamo...

## CAPITULO XXIV - REGINA E SUA HISTÓRIA

Ricardo, que só uma vez o por instantes tendo visto Regina, conservara ainda certa sobranceria e isenção, de ânimo, não pôde mantê-la por muito tempo em face dos irresistíveis atrativos dessa mulher. Ela o amava deveras, e por isso seus encantos para com ele tornavam-se ainda mais poderosos, porque, para seduzi-lo, não lhe era mister empregar artifícios nem simulações; bastava deixar falar a voz da natureza. Dentro em pouco tinha abdicado inteiramente nas mãos dela alma e vida, razão e liberdade, e entregava submisso ao doce jugo de tão formosa e adorável soberana.

Regina fez o mancebo assentar-se a seu lado, sobre um banco natural de relva que se formava junto á base de um rochedo; e começou a contar-lhe o que se segue:

– Não sei onde, nem quando nasci, nem tampouco quais foram meus pais. Sabes, por certo, que ainda em tenra idade, fui achada quase morta, em uma praia e recolhida e salva por uma pobre e caridosa mulher que me criou. Creio, entretanto, ter conservado uma vaga recordação de tempos anteriores a essa data, um como sonho confuso que representa na ideia coisas singulares e extraordinárias que eu vi nessa primeira quadra interrompida de minha existência. Afigurava-se-me que minha infância se passou em lugares inteiramente diferentes daqueles a que depois fui transportada. Foi como se eu tivesse morrido, e depois ressuscitasse em um novo mundo que me era totalmente estranho, entre criaturas de uma natureza que me era desconhecida. Estes sonhos, ou estas vagas reminiscências se me apresentavam á [090] imaginação como as vagas e indefinidas formas de risonha paisagem que se debuxa em longínquos horizontes, entre às brumas de tarde vaporosa, e me traziam o espirito enlevado em contínua preocupação.

Recordava-me que tivera outra mãe mui diversa em tudo da boa velha que me criou.

Era uma mulher alva como jaspe, alta e garbosa, e de incomparável formosura; tinha a fronte, o colo e os braços ornados de finas pérolas e luzentes pedrarias. Habitava uns palácios esplêndidos no meio do mar, decorados de colunas de cristal, pórticos soberbos, e imensas galerias alpendradas de jaspe e ornadas de inúmeros vasos e prata e ouro carregados de frutos e flores de brilhantes e peregrinas formas. Trajara longas e roçagantes roupas tão ligeiras e diáfanas, que mais pareciam nuvem de prata que lhe ondulava em derredor do corpo.

No meio dessas magnificências, ela amamentava-me aos alvos seios nus, jaspeados de velas azuis, e enquanto embalava-me em seu regaço, gentis sereias, quase tão formosas como ela, acalentavam-me ao som de cantigas de inefável melodia.

Mas, coisa singular! De tudo o que lá me aconteceu, o que menos obscuramente conservo em lembrança é a reminiscência de certas coisas que me disse um dia, em uma linguagem que meus lábios mal começavam a balbuciar, e que depois esqueci completamente. Estávamos nós, ao que me lembra, no alto de um soberbo terraço de maravilhosa estrutura; o mar se desenrolava imenso diante de nossos olhos.

– Não estás vendo, menina? – disse-me ela, apontando ao longe para extremas do oceano, – não estás vendo aquela linha escura que lá se estende, imensa, pelos confins do horizonte?

– Sim, estou vendo, – balbuciei.

– Pois bem; fica sabendo que é lá que acaba o mar e principia, a terra. Ouve bem o que agora te digo e sempre hei de repetir-te: – maldita sejas tu, se algum dia quiseses ver a terra, e mais maldita ainda, se...

Aqui murmurou ela mais algumas palavras que eu ou não compreendi, ou de todo me esqueceram.

Eis o que confusamente me recordo dessa breve e obscura quadra de minha vida. No mesmo dia em que minha mãe me disse aquelas palavras, se bem me recordo, anoiteceu-me nos palácios encantados de minha mãe, e acordei; ou antes nasci de novo, na tosca e humilde cabana de Felisbina. Pode ser que estas [091] coisas que eu tenho como reminiscências do passado não sejam mais que puras ilusões da minha fantasia; mas, fantásticas ou reais, o certo é que elas têm influído extraordinariamente sobre minha vida, e deram ao meu destino uma fatal e deplorável direção.

Posto que estranhasse sumamente o novo mundo a que me via transplantada, criança como eu era, não me devia ser difícil conformar-me com o novo gênero de vida a que me via sujeita. Todavia, as minhas recordações nunca me abandonavam; e tomavam talvez ainda maior vulto, vistas pelo prisma da imaginação na penumbra do passado, e atormentavam-me as saudades desse mundo em que me despontara a vida, tão cheio de delícias, esplendores e harmonias, tão superior a essa terra ingrata e bronca que nenhum encanto podia oferecer a meus olhos.

Fui crescendo em idade, vigor e formosura, e as minhas ilusões, longe de se esvaecerem com o andar do tempo e desenvolvimento da razão, se me arraigavam cada vez mais vivas e tenazes na imaginação. Eu me julgava de uma espécie superior ás demais criaturas que me rodeavam, e ouvindo falar dos anjos do céu, eu me acreditava um deles, que por qualquer acidente tinha caído sobre a terra, e o dizia com toda a franqueza infantil á velha Felisbina, que sorria-se de minha ingenuidade. Contemplava-me ao espelho, ou no cristal das fontes, e, comparando a formosura de meu rosto, a alvura e delicadeza de minha tez, o garbo de meu corpo esbelto com as feições tismadas e grosseiras e ademanos pouco airosos das filhas dos pescadores, confirmava-me cada vez mais a persuasão de que eu era uma criatura acima do comum. A terra me desprazia soberanamente, e eu olhava para o mar com olhos complacentes, cheios de amor e de saudade, como se fosse a minha pátria, e nele tivesse o meu berço. Por isso me viam passar essa vida singular, solitária e misteriosa, que tanto dava que cismar ao povo. As maravilhosas histórias que se contavam a respeito desta ilha, e de uma fada ou sereia que diziam nela habitar, vieram ainda mais escaldar-se a fantasia nos sonhos da minha infância.

Então não me julguei mais anjo caído do céu; essa ilha revelava-me claramente o segredo da minha origem; eu devia ser filha de alguma sereia ou de alguma fada que por um desastre qualquer me teria desgarrado, sendo rejeitada sobre as praias, da terra, onde estava condenada a passar a vida em eterno e mísero exílio. [092]

Este pensamento me repassava de mágoas e melancolia. Nessa ilha existiam por certo os palácios e jardins encantados em que eu havia nascido; a fada, de que falavam, era por certo minha mãe, e eu passava horas esquecidas a contemplar do longe, em êxtase de saudade e adoração, estes cachopos que ao longe campeavam entre um círculo de espuma, como que me chamando ao seu seio.

Apoderou-se de mim o mais vivo desejo de aqui vir um dia, desejo que em breve converte-se em resolução fatal e inabalável. Morreria de desgosto se não conseguisse pôr pé nesta ilha que, de longe, e sem conhecê-la, amava como o regaço de uma mãe querida. Eu, porém, a ninguém comunicava meus pensamentos e projetos e excogitava em segredo e sem cessar os meios de realizá-lo.

Vendo-me, enfim, já bastante crescida é vigorosa, lembrei-me de pedir um barco á tia Felisbina, que a muito custo m'o concedeu; era esse o único meio de satisfazer a minha

fantasia. Bem conhecida a distância e os perigos que rodeiam estes penedos; era aventura por demais arriscada ainda para mais valentes barqueiros. Minha vontade, porém, era indomável, e não recuou diante de dificuldade nem perigo algum. Fiz repetidas tentativas bordejando a ilha, e cada vez me aproximando mais dos terríveis cachopos, e me familiarizando com seu aspeto ameaçador, até que um dia, sem eu saber como, levado brandamente e sem esforço pelas ondas, meu barco entranhou-se por este canal e achei-me no meio desfie tranquilo golfozinho.

Não achei aqui, é verdade, todas as delícias e magnificências que eu havia fantasiado; não encontrei minha mãe, nem seus palácios encantados; mas deparei nesta ilha uma deliciosa vivenda, um retiro sossegado defendido pelo mar, e inacessível aos homens, abrigo seguro que me separa dos perigos dessa terra que me foi vedada por minha mãe, e em que jamais deveria ter aportado. Aqui eu poderia viver tranquila e feliz, se não fosse o dom fatal da beleza que o céu me concedeu, e que devia amargar-me a existência; enchendo-a de angústias e dissabores. [093]

## **CAPÍTULO XXV - CONTINUA A HISTÓRIA DE REGINA**

– Já te disse que a ideia do amor me inspirava, medo e repugnância. Talvez fosse isso um efeito dessa tremenda maldição com que minha mãe me ameaçara, e essas derradeiras palavras que eu não compreendi, ah! Quem sabe se fulminavam mais forte maldição sobre mim, se o amor... Ó meu Deus!... desviemos semelhante ideia que me esmaga e apavora o coração... Mas desgraçadamente, parece que nasci com o terrível fadário de inspirar o mais cego e desatinado amor a quantos mancebos em mim porem os olhos. Dir-se-ia que eu tinha nos olhos as chamas de inferno para atormentar na vida meus desgraçados adoradores até arrojá-los no túmulo! Todos eles foram vítimas dessa paixão insensata e inextinguível que eu, sem querer, lhes ateava no coração, e a que não podia corresponder; uns procuravam a morte no punhal ou no veneno; outros atiravam-se aos abismos do oceano, ou despedaçavam-se despenhando-se dos rochedos; outros menos violentos, consumidos de melancolia, definhavam, definhavam, até morrer; outros enlouqueceram, e talvez ainda por aí vivam, objeto de escárnio ou comiseração dos homens.

Oh! Deus de misericórdia! Será tão hediondo e enorme o crime de amar-me, para merecerem meus amantes tão cruel castigo? Oh! Por que não recaiu ele antes sobre mim, esmagando de uma vez esta existência fatal a mim e a todos que me cercam?

Regina calou-se; os soluços embargavam-lhe a voz, e escondendo o rosto entre as mãos, parecia chorar.

Ricardo, que a escutava comovido, afastou-lhe brandamente as mãos dos olhos. As lágrimas que aos pares lhe rolavam cristalinas ao longo das mimosas faces enrubescidas pela mágoa e pelo pejo, duplicavam os encantos e davam realce divino á ideal formosura de Regina. Ricardo sentiu-se com o coração oprimido de assombro, de ternura e de emoção.

– Não chores, – disse, beijando-lhe as lágrimas, – bem sei que essas lágrimas são puras e santas, e ornam-te admiravelmente o rosto angélico. Mas não quero que chores, porque és inocente. São felizes os que morreram por teu amor, e se a mesma sorte me aguarda, bendirei a morte que me vem de teus formosos olhos. [094]

– Oh! Não; quero que vivas por meu amor...

– Amas-me então, Regina?...

– Logo te direi; deixa-me continuar a minha historia.

Causa, inocente de tantas desventuras, desejava sumir-me aos olhos de todo o

mundo, e por isso evitava a sociedade, e isolava-me nessa vida solitária e misteriosa que tanta desconfiança causava a esse bom povo da aldeia em que fui criada. Tinham razão; eu, pelo fatal condão de minha formosura, tinha-lhes custado tantas lágrimas e tanto luto !...,, tinham razão em me ter em conta de um gênio satânico, de uma sereia ou fada malfazeja, e eu lhes perdoo do fundo do coração.

Enfim, as desgraças a que dava lugar minha funesta beleza pareciam não ter mais termo, e com elas meus males e amarguras aumentavam-se de dia a dia. Teus irmãos também vieram um após outro, cair na rede fatal, que um, destino inexorável, servindo-se de meus encantos, armava a tantos infelizes! Enfim, por certo, bem dignos de serem amados esses belos e galhardos mancebos; havia neles não sei quê de nobre e altivo que bem denunciava girar-lhes nas veias um sangue ilustre e generoso, e não pertencerem á pobre e rude classe de pescadores que habitam essas costas. Mais ardentes e temerários que todos os outros, que prodígios de audácia, que provas de dedicação não puseram em prática para conquistar o meu afeto! Mas, seu amor me repugnava como o de todos os outros: admirava-os, estimava-os, mas não podia amá-los, e não queria, nem devia mentir. Perseguiram-me com incrível perseverança, e chegaram a lançar-se através das ondas em meu alcance até ás proximidades desta ilha, cuja entrada só eu conhecia. As ondas, que esbravejavam em roda destes penedos, não permitiram que aqui chegassem, e tiveram de voltar sem esperança e para sempre desalentados. Um após outro, desapareceu do lugar, e eu, como todos os mais, não tive dificuldade em acreditar que tinha tido o mesmo fim funesto de todos os meus adoradores.

Quase enlouqueci de angustia e dor. Eu, que daria de bom grado a minha vida para salvar a deles, eu era a causa de sua perdição, só porque não lhes podia dar amor. Embrenhei-me mais que nunca no retiro destes rochedos, e para não ser causa da ruína de mais algum mortal, condenei-me a ver murchar a flor de de meus anos na solidão e na tristeza, em meu cárcere no meio do oceano, onde eu mesma de propósito me encerrei, tendo por sentinelas as rochas inacessíveis e as vagas tempestuosas que rugem noite e dia em torno delas. [095]

Todavia, não pude por muito tempo resistir ao desejo de ir ver algumas vezes essa terra onde fui criada, essas praias onde brinquei pequenina, e onde ensaiei os meus primeiros voos para chegar a esta ilha, meu último refúgio. Mas nessas ocasiões evitava, quanto me era possível, qualquer encontro; andava como a corsa arisca, escondendo-me entre os rochedos, alerta ao menor ruído para escapar aos rafeiros que a perseguem.

Apesar, porém, de meus cuidados e precauções, tive um dia um fatal encontro que operou em todo o meu ser profunda transformação, e abalou-me o coração até nas mais intimas fibras. Eu acabava de desembarcar e, tendo amarrado o meu barco, fui descuidosamente avançando pela praia deserta e silenciosa! O sol declinava, e reinava calma intensa. Adormecido ao pé de um rochedo que derramava fresca sombra sobre o areal, avistei lindo mancebo na primeira flor dos anos, estendido na areia, e repousando a cabeça sobre o braço recurvado. Parei imediatamente, como tocada por vara mágica; meus pés não souberam dar mais uma passada, e meus olhos, levados de irresistível curiosidade, se embeberam na contemplação do formoso adolescente. Era com efeito um mancebo gentil como jamais meus olhos tinham visto!... e que expressão encantadora de bondade e candura apresentava dormindo!... Tinham essa figura os serafins do céu com que eu ás vezes sonhava. Fiquei assombrada crendo ter diante dos olhos alguma visão sobrenatural. Mas, por fim, notei que sobre aquela fisionomia tão serena e suave pairava como uma sombra angustiosa. Dei mais dois passos para junto dele e observei-o com mais atenção.

Pouco a pouco suas feições foram-se alterando, tremores convulsivos lhe percorriam o corpo, e o peito lhe arquejava ansioso; parecia querer arrancar um grito que se lhe pegava na garganta.

– Oh! meu Deus! – pensei comigo; – será! Possível que até mesmo aos que dormem seja funesta a minha presença? Ia retirar-me, mas vendo que um terrível pesadelo o afrontava, compadeci-me, cheguei-me a ele, e despertei-o. Apenas abriu os olhos, e os fitou sobre mim, não sei explicar o que senti. Insólita perturbação apoderou-se de meu espírito, meus olhos se turvaram, e calor estranho afogueou-me às faces. Trocamos algumas palavras, que já não me lembro, e retirei-me aceleradamente, confusa e como que aturdida. Pareceu-me, entretanto, que ele também havia sentido essa mesma singular e profunda impressão que sobre mim havia produzido. Olhei por vezes para trás, e [096] percebi que o lindo mancebo conservava os olhos fitos sobre mim, imóvel e de braços cruzados.

Regina fez uma pausa, e fitou um olhar cheio de meiguice ao rosto de Ricardo, que também a contemplava em um enlevo de amor, de assombro e de surpresa. Não podia duvidar que esse adormecido, esse ente privilegiado que primeiro havia despertado a chama do amor no seio de Regina era ele, ele Ricardo, que ali estava junto dela, em sua ilha inacessível e solitária, com as mãos enlaçadas nas suas, bebendo-lhe os olhares fascinadores, aspirando-lhe o hálito balsâmico, e ouvindo de seus lábios rubros, incendidos de pejo e amor, duas palavras que lhe abriam um céu de esperanças e delícias inefáveis.

Mísero moço!... Nesse momento de fatal ebriedade da alma e dos sentidos, nem ao menos se lembrava de seus irmãos, de seus irmãos cujos corpos ensanguentados jaziam ali bem perto, traspassados pelo punhal dessa mesma mulher que agora, com as mais sedutoras frases e olhares apaixonados, o convidava ao gozo da suprema felicidade.

Mas não amaldiçoemos também a pobre fada. Tinha-se lhe quebrado o encanto, seu destino se mudava, e Deus sabe que de angústias e remorsos lhe laceravam o coração.

Ricardo sentia o coração banhar-se-lhe em eflúvios das mais deliciosas emoções; mas a lembrança, do casamento de Regina vinha por vezes atravessar-lhe a mente, nela suscitando cruéis dúvidas e apreensões sobre a sinceridade da donzela. Sem ousar mais interrogá-la, esperava com impaciência que chegando a esse ponto de sua vida, desse explicações que o tranquilizassem. Regina, que bem compreendia, o seu embaraço, continuou:

– Desde o momento em que vi esse mancebo, caiu-me das mãos o condão que me mantinha na esfera ideal de minhas orgulhosas ilusões, e reconheci que em meu coração existia uma corda que me prendia a essa terra que eu tanto detestava, e me confundia com o resto dos mortais.

Encerrei-me longo tempo na solidão de minha ilha, com o espírito em horrível perplexidade e entregue ao embate de mil pensamentos tumultuosos. Estremecia ao pensar que esse moço provavelmente teria em breve a mesma sorte de tantos outros que por meu amor tinham terminado seus dias do modo o mais deplorável, e não podia conformar-me com a ideia de ver sacrificada mais essa vítima nas aras de minha isenção. Isenção!... Que digo!... Ai de mim! Nem essa mesmo já existia; eu amava [097] e amava muito esse mancebo, único que possuía o condão, que devia quebrar um dia o círculo de gelo que me envolvia o coração.

– Eu amo enfim! – refleti eu em minha solidão. – Amo perdidamente esse mancebo; não posso duvidar, nem enganar a mim mesma, e estou certa que ele partilha com ardor o meu afeto. Que motivo, pois, nos obriga a nos evitarmos e forjarmos por nossas próprias mãos nossa desgraça, tendo a chave que nos pôde abrir as portas do mais feliz e risonho

futuro?... Não, não; agora só de mim depende acabar com meus infortúnios e talvez com os de muitos outros que eu poderia ainda arrastar à perdição. Foi o céu que me apresentou esse mancebo, e inspirou-me este amor para pôr um termo á cadeia de catástrofes que eu, sem querer, ia desenrolando nos lúgubres caminhos de minha existência.

Saí, enfim, de meu retiro solitário, decidida a ir procurar o gentil mancebo, confessar-lhe o meu amor, e unir para sempre aos dele os meus destinos. Mas, ai de mim! A maldição de minha mãe me perseguia, e pareceu-me que nunca mais poderia encontrar repouso e felicidade sobre essa terra que ela me vedou! Percorri toda a aldeia, vagueei pelas praias um dia inteiro, e outro e outro ainda; mas o jovem nunca mais me apareceu!... Fiquei aterrada, imaginando que, talvez desanimado, com o exemplo de tantos outros, mui depressa se teria entregado ao desalento e ao desespero, e quem sabe em breve teria o fim comum a todos os que tinham a desdita de amar-me.

Eu que jamais perguntei por ninguém, e que até ali vivia como indiferente ao resto da humanidade, ousei indagar dos habitantes da aldeia o que era feito do mancebo.

– Tu bem sabes, Regina, qual é a sorte de teus amantes, – respondiam-me á pressa, e evitando-me como a uma pessoa eivada de mal contagioso. – Queres saber de Ricardo?... Não penses mais nele, teve a sorte de seus irmãos.

– Ricardo! – exclamou o mancebo caindo delirante de amor e de alegria, aos pés da fada encantadora. – Pois era eu esse mancebo adormecido, esse ente afortunado a quem o céu reservara a dita de despertar em teu seio a chama do primeiro amor?!...

– E quem mais poderia ser, Ricardo?...

– Oh! Acredito! Acredito!... Tu me amavas, e amas-me ainda, não é assim, Regina?... Repete-me ainda uma vez, mais outra e muitas... tamanha ventura ainda me parece um sonho...

– Não preciso repetir-te que te amo. Se eu não amasse, [098] como poderia te achar junto de mim neste meu retiro inacessível?...

– Bem sei, mas entretanto, pouco tempo depois que me conheceste...

– Não sejas impaciente, – interrompeu Regina; – escuta-me ainda um momento; eu vou já terminar.

Ninguém pode fazer ideia da sombria tristeza e desesperação que se, apoderou de minha alma, julgando-te perdido para sempre.

– Belo dormente! – murmurava eu em minhas dolorosas cismas; – para que te fui eu despertar de teu sono descuidado para lançar-te n’alma o eterno pesadelo de uma paixão devoradora que te devia precipitar no túmulo!... Tu, o único que soubeste despertar em minha alma o mais puro e delicioso dos sentimentos, tu, que somente poderia abrir-me as portas desse jardim de delícias inefáveis que sonhei em minha infância, tu morres sem saber que também por teu amor definho e morro entregue à mais cruel e angustiosa solidão!...

## **CAPITULO XXVI - AINDA A HISTÓRIA DE REGINA**

Opressa de tristeza e desalento, encerrei-me na mais absoluta solidão. Fugia de todos com medo de que meus olhos arrastassem ao túmulo mais algumas vítimas, e desejaria sumir-me no âmago da terra, ou nas profundezas do oceano. Se minha existência devia ser funesta até mesmo àqueles a quem eu amava, eu devia por-lhe um termo por minhas próprias mãos, ou sequestrar-me inteiramente do seio da humanidade, em voluntário e perpétuo exílio. Entretanto uma cruel inquietação, uma inspiração desconhecida, uma esperança vaga me atribulava o espírito e me tornava insuportável a

solidão que tão grata me era outrora. Depois que uma vez havia amado, meu coração como que tinha sede de expansão, e o isolamento era para mim um flagelo. Era minha única distração soltar meu barco á toa por esses mares a conversar com as ondas do oceano, e a contar às brisas do mar e às estrelas do céu minhas acerbadas desventuras.

Um dia um grande navio, talvez acossado da tempestade, lançou ferro a algumas amarras de nossas praias; parece que vinha consertar algumas avarias e fazer aguada.

– Oh! – Pensei eu – se aquela gente me quisesse tomar a seu bordo, e levar-me, para bem longe destas plagas, onde por toda parte vejo as sinistras e funestas pegadas de minha fatal **[099]** existência!... Se eu pudesse percorrer o mundo inteiro, sem parar em parte alguma até que, coberta de cãs, pudesse enfim restituir-me à sociedade!...

Assim pensando, dirigi para a costa o meu barco, e saltei em terra. Os marinheiros e passageiros do navio, que tinham desembarcado em um escaler, me rodearam imediatamente. Minha formosura atraía-lhes a atenção. Como não era gente do lugar, da qual eu tinha certo medo e vergonha, não os evitei. Trataram-me com afabilidade, fizeram-me mil perguntas, e dirigiram-me algumas finezas e galanteios sobre minha formosura.

Havia entre eles um jovem quase tão belo como tu, Ricardo; perdoa-me esta franqueza; já te patentei a parte mais íntima e delicada de meu coração, revelando-te o amor inextinguível que nele ateaste; nada mais devo nem quero ocultar-te, nem disfarçar; corpo e alma te apresento tal qual sou diante de ti; corpo, lindo, perfeito e puro, como estás vendo, e que ainda não sofreu o contato do mais leve beijo de amor, eu te juro; alma leal, ardente e afetuosa, mas dilacerada por uma série de infortúnios que desde o berço me acompanha.

Percebi logo que meus olhos tinham produzido sobre a alma do forasteiro o acostumado e fatal efeito; em poucos instantes eu lhe inspirado essa súbita e ardente paixão que tantas vítimas tinha arrastado á perdição e ao túmulo. Os outros foram-se retirando e o mancebo deixou-se ficar só comigo. Quis também sair daquele lugar, mas ele, com a maior atenção e cortesia, o obrigou-me a escutá-lo por algum tempo. Confesso-te que não fui inteiramente insensível ás homenagens que rendeu-me; sua figura, suas maneiras, e suas palavras que respiravam um sincero e ardente amor, tocaram-me o coração, e posto que não conseguissem banir-me da memória a imagem do meu belo jovem adormecido, cativaram minha benevolência para com esse estrangeiro que generosamente ofertava-me com a mão de esposo seu leal e constante amor. Aceitei sem ser desleal ao meu primeiro, ao meu único amor, porque te julgava morto, meu Ricardo; aceitei porque me via sozinha, triste e desamparada, e o que é pior ainda, mal vista por esse povo que em tão ruim conta me tinha. Essa união ia talvez pôr um termo a meus infortúnios e aos de outros que porventura ainda tivessem de ser vítimas de meus encantos.

Meu noivo deixou partir o navio em que viera, e ficou para nos recebermos. Prometia-me que depois de casados embarcaria em outro qualquer navio, e iríamos percorrer o mundo. Não **[100]** podia haver proposta; que me fosse mais agradável. Sair desta terra, testemunha de tantas desgraças a que dera causa, e onde minha presença tornara-se a fonte perene de lágrimas e luto, era o meu ardente desejo. Demais, sempre gostei do mar; parece-me que nasci sobre as ondas, e desejaria viver sempre vogando, embalada sobre o dorso desse monstro querido que rugue eternamente em torno dos cachopos desta minha solidão.

Julguei, pois, que esse casamento iria de uma vez, pôr termo á cadeia de desgraças que desde o berço me tem amargurado a existência. Quanto me enganava! A maldição materna perseguia-me implacável!... O repouso e a felicidade me eram vedados sobre essa



terra onde Jamais minhas plantas deveriam ter pousado!...

Quis que o casamento se fizesse sem ruídos, com a menor publicidade possível. Foi de balde. Esse casamento era um acontecimento extraordinário na aldeia, e alvoroçou a curiosidade de todos os seus habitantes.

Minha beleza tão afamada, os precedentes de minha origem desconhecida, de minha vida singular e misteriosa com o seu séquito sinistro de calamidades, o desejo de ver o mortal feliz que enfim conseguira quebrar, o encanto da sereia, como costumavam dizer, atraíram á igreja uma multidão de curiosos.

Ah! Não vás pensar que me encaminhei para o altar, contente, tranquila e descuidosa como todas as noivas; não. Parecia-me que acompanhava-me o cortejo fúnebre de todos esses amantes infelizes, que por meu amor tinham tido funesto fim, arrancando dolorosos gemidos, e vibrando sobre nós ambos olhares inflamados de cólera e ciúme. Uma figura, principalmente, me não saía da imaginação; era um lindo mancebo que rematava esse melancólico e sinistro préstito; ia só, pálido, sombrio, e entregue a mortal abatimento.

Por vezes tive desejo de voltar a cabeça a ver se não seria realidade aquela visão que me atormentava. Contudo, ao terminar a cerimônia, relanceando um rápido olhar pela multidão, julguei ver uma cabeça em tudo semelhante á dessa visão... A tua, Ricardo, porque o não direi?... Estarias de fato ali?...

A esta pergunta Ricardo estremeceu, cobriu-se de palidez mortal, e nada respondeu.

– Perdoa-me, meu amigo, continuou Regina, arrependida de ter vibrado no coração do mancebo a dolorosa corda do remorso; devia condoer-se dele, ela que também sentia [101] sangrar o seu em torturas não menos dolorosas. – Perdoa-me; talvez ali estivesse, e faço ideia de quanto deverias sofrer. Mas tudo isso passou-se; o céu nos tinha destinado um para o outro e nada poderia destruir os seus desígnios.

Bem sabes o resto; a aurora que seguiu-se achou vazios e solitários a cabana e o leito que deviam acolher esse par que o mundo julgava ir encetar uma vida de perpétua e inalterável felicidade.

Mas talvez não saibas que catástrofe horrorosa cortou desastrosamente esses laços apenas formados. Foi cruel esse transe, e quisera poupar-te a narração de uma cena atroz e sanguinosa que nos vem turbar estes doces momentos de felicidade e amor.

Já a turba que nos havia acompanhado se tinha dispersado ao longe. O silêncio e a paz reinavam em torno de nossa cabana; a porta estava fechada, e somente conservava-se aberta uma janela que dava para o mar, e por onde entrava á luz da lua alumando nosso estreito aposento. Meu esposo estava sentado no leito junto de mim, e contemplava-me em um êxtase de amor.

Quanto a mim não sei dizer bem o que sentia. Estava em extremo comovida, mas não saberia explicar de que natureza eram as violentas e profundas emoções que me assaltavam. É certo que me sentia-me tranquila. Uma vaga ansiedade, uma indefinível inquietação pungia-me os seios da alma. Parecia-me que ia ser feliz em companhia de um marido que me adorava, e meu futuro destino já se me apresentava debaixo de um aspecto plácido e sereno. Mas no Fundo do coração fermentava-me um cuidado, uma aflição indefinível, como no fundo de um manso e cristalino tanque se esconde ás vezes tredo e venenoso réptil.

Enfim meu marido tomou-me nos braços, depôs-me sobre seus Joelhos, e levava a mão trêmula de amor e de emoção à minha frente para dela desatar a grinalda nupcial... De repente um vulto de sinistra catadura surgiu diante de nós, e travou-lhe do braço, bradando com voz rouca e abafada:

– Detem-te!... Não é a ti que compete essa tarefa!...

E em um abrir e fechar de olhos meu marido, arrastado pela mão vigorosa daquele espectro formidável, tinha desaparecido de minha presença!... [102]

Desvairada de angústia e pavor, cambaleando às tontas, corri à janela. Três vultos embuçados levavam de rasto meu marido, ou o seu cadáver para o lado de uns rochedos que ficavam vizinhos á cabana.

– Soltei um grito terror, e rolei no chão sem sentidos.

## CAPITULO XXVII - BREVE RETROSPETO

Não sei quanto durou o meu delíquio. Quando voltei a mim, vencendo o extraordinário pavor que ainda me dominava, fui me arrastando a custo para os rochedos; não levei muito tempo a encontrar o cadáver de meu marido nadando em sangue e cozido a punhaladas. Poderás acaso fazer ideia do estado em que ficou minha alma diante desse horrível espetáculo?!... Não, não é possível! Livre-te Deus de passar por tão angustioso transe!...

Aqui Regina calou-se; levantou-se pálida, hirta, convulsa. Sua formosura até ali tão meiga e insinuante tomara de súbito um aspecto sinistro e formidável; voltara-lhe aos olhos aquele lampejo altivo e fulminante que esmagava seus adoradores, aniquilando de um golpe todas as suas esperanças, agora, porém, torvo e feroz como nunca. A língua, rubra e trêmula como a da serpente, lambia-lhe a miúdo os lábios secos e descorados; a peçonha do ódio vibrava-lhe todos os músculos, e a fada encantadora se transfigurava em um momento em anjo réprobo precipitado pela cólera celeste das alturas do empíreo na mansão da dor e do eterno desespero.

Ricardo a contemplava transido de terror e de desconfiança. Acaso saberia ela que ele e seus irmãos tinham sido os matadores de seu marido?... As palavras da moça pareciam-lhe um feroz sarcasmo, e enterravam-lhe no coração as lâminas aceradas do remorso, e as mais graves e cruéis suspeitas começavam a assaltar-lhe o espírito. Quem sabe se essas meigas palavras, esses protestos de amor com que até ali o embalara, não eram mais que embaladores laços, cantos de sereia com que pretendia atrair vítima incauta, a um hediondo sacrifício?!... O pavor, o ciúme, o despeito, o remorso traziam-lhe [103] o espírito em tempestuosa agitação. Enfim, já não podendo guardar um silêncio que o torturava:

– Que tens, Regina? – exclamou fitando nela um olhar penetrante; – que tens, que já não me pareces a mesma!!... Ainda há pouco eras toda meiguice e ternura, e agora, como serpente irritada, vibras em redor de ti olhares de fogo, como se te agitasse o demônio da vingança!... Por que mudaste tão de súbito?... Não sei ainda o que penso de ti... Dize-me, por Deus!... Tens-me ódio ou amor?...

A esta brusca e enérgica interpelação Regina, caindo em si, saiu do estado de extraordinária exaltação que a tinha arrastado à terríveis recordações. A infeliz também sentia dentro d'alma um caos agitado e tormentoso como as ondas convulsionadas que se despedaçavam em derredor de sua ilha. Até aquele ponto de sua narração pouco ou nada lhe fora mister ocultar, nem mesmo disfarçar. Havia falado lisamente a verdade com a franqueza o efusão de uma alma apaixonada que pela primeira vez em sua vida derrama no seio de outra os seus mais íntimos sentimentos. No arrastamento da paixão, no abandono de suas confidências esquecera seu tremendo juramento, e nem de leve se lembrava que em breve devia derramar sobre o túmulo de seu desventurado esposo o sangue desse lindo

e idolatrado mancebo que agora ouvia de seus lábios as mais íntimas e ternas revelações. Essa ideia sinistra que por algum tempo andara arredada do seu espírito, surgindo-lhe de súbito á lembrança pela ordem natural dos fatos que narrava, foi que fez Regina erguer-se horrída e fremente de cólera, como o baixel que singrando a velas soltas por mares bonançosos esbarra de súbito em oculto recife, vacila, range, e recua estremecendo.

A imaginação da fada, levada até ali por sentimentos ternos, se bem que quase sempre dolorosos, esbarrou de chofre no sepulcro ensanguentado onde jazia seu marido, e sobre o qual, no decurso dos dois últimos dias, havia derramado o sangue dos dois irmãos de Ricardo.

Olvidara-se por momentos de que ela ali estava como a sacerdotisa da vingança, e que esse mancebo que a escutava embalado entre as mais fagueiras esperanças de amor e ventura, era o cordeiro do sacrifício que ali estava beijando a mão que em breve tinha de derramar-lhe o sangue.

Eis a horrível extremidade a que o mais singular dos destinos tinha levado a desditosa filha das ondas. Por natural [104] repugnância ou pela reminiscência confusa desses sonhos da primeira infância e das maldições com que a ameaçara sua mãe, vivia na terra, como exilada, estranha ao resto da humanidade, esquivando-se ao amor de todos, a todos inspirando ardente e inextinguível paixão. Mas essa inexorável isenção teve de sucumbir um dia, e a intratável fada sentiu-se subjugada por um amor tão violento e profundo como o que costumava atear no peito de seus adoradores. Toda a seiva de seu coração, todas as forças de sua alma, longo tempo repousadas no seio da indiferença, despertaram-se com incrível energia para alimentar e fortalecer esse primeiro afeto que devia ser o único e derradeiro de sua vida. Essas almas, que do alto de sua impassibilidade parecem zombar do poder do amor, quando chegam a amar, amam uma só vez e com todas as forças, e nelas o gelo da indiferença é substituído por um fogo devorador. As tempestades açoitam com mais violência os cabeços altaneiros e inacessíveis. Também as neves perenes dos píncaros vulcânicos desaparecem submergidas debaixo de torrentes de lavas inflamadas.

Ricardo fora o primeiro amor de Regina, e devia ser o único. O amor, ou antes a estima, que consagrara a seu esposo de um dia, fora como uma diversão que o destino concedia a seus infortúnios, um refúgio contra a mágoa e mortal angústia que lhe oprimia o coração, desde que acreditara para sempre perdido o único ente que podia amar no mundo. Todavia, esse afeto era sincero e puro, e sobre ele Regina construía as esperanças de um futuro mais feliz e tranquilo que fizesse esquecer as mágoas de seu tormentoso passado. Portanto, quando em um momento fatal viu despedaçadas pelo punhal do assassino essas tão caras, e consoladoras esperanças, foi terrível o seu furor e desesperação. Na alma de Regina, misto incompreensível de substância angélica e elementos infernais, o ódio, como o amor, não conheciam limites, e deviam produzir tremendas explosões. Depois da sinistra catástrofe o ódio, qual furioso vendaval, tinha-lhe passado por sobre o coração e dele varrera todos os sentimentos benévolos e ternos, deixando-o árido e frio como um mármore sepulcral, sobre o qual pousava tom punhal vingativo entre as cinzas das afeições extintas.

Tinha Regina bem profundamente gravada na memória a imagem dos três irmãos, para que apesar do pavor que a dominava deixasse de reconhecê-los á luz da lua, naquele momento, terrível. Demais, tinha-se verificado o desastroso e deplorável fim de todos os amantes de Regina; só os três irmãos tinham [105] desaparecido sem se saber ao certo, o destino que tiveram. Quem, portanto, senão eles poderiam ser os assassinos?...

E pois, nem mesmo Ricardo, esse único ente que soubera vibrar-lhe n'alma a corda do amor, escapava á sanha da odienta e vingativa fada. Aquele lindo jovem à quem outrora encontrara adormecido, e á quem sagrara do fundo d'alma o mais extremoso afeto; esse já não existia; esse Ricardo, que agora ressurgia, já não era o mesmo; era um covarde e bárbaro assassino, sobre o qual devia recair todo o peso de sua vingança. Assim pelo menos pensava ela, ignorando, talvez, que esse amor que ela julgava convertido em ódio, já tinha lançado em sua alma profundas raízes, e era como uma planta viva a que um sopro ardente apenas tinha emurchecido as ramas, e que só esperava um raio benigno do sol e um bafejo da primavera para de novo reverdecer com mais viço e vigor ainda.

Regina, levada de furor e sede de vingança, se havia recolhido á solitária e inacessível ilha em que sepultara o marido, e em que havia proferido e cumprido pontualmente até á véspera os tremendos juramentos que sabemos.

A primeira fase de sua vida foi de altiva independência e glacial isenção. A segunda, mui breve, foi de ternura e paixão. A terceira devia ser de furor e vingança.

Ninguém pudera saber o fim sinistro que tinham levado ela e seu esposo na fatal noite das núpcias. A maré tinha lavado o sangue da praia, e Regina, levando consigo o cadáver do esposo, tinha apagado os únicos vestígios do execrável atentado. Exilada naquela solidão inacessível, rodeada de ondas tormentosas, ali se conservou longo tempo, como aranha astuta urdindo a teia traiçoeira, espreitando o ensejo de realizar seus nefandos projetos de vingança.

Os pescadores que ousavam avizinhar-se do rochedo maldito viam, lá as formas cereas [sic] dessa virgem vestida de branco, ouviam-lhe o canto suavíssimo, e fugiam a bom remar e benzendo-se ninguém duvidava que era Regina ou o seu fantasma que habitava a ilha maldita. Sua origem ignorada e sua vida estranha e misteriosa a fizeram passar por sereia, fada, por um ente, enfim, fora da humanidade. Seu desaparecimento misterioso ainda mais veio confirmar o povo, nesta sua crença. A fada maléfica, depois de ter causado naquela costa inúmeras desgraças, retirara-se enfim para seus palácios malditos, levando consigo uma pobre vítima que com seus artifícios diabólicos lograra seduzir. [106]

Tinha-se, passado um ano depois que fora assassinado o marido de Regina. Os três irmãos, que para aceitar seu despeito e desesperação tinham-se sumido não se sabe onde, e que só tinham aparecido um momento como raio em noite tormentosa para fulminar um infeliz, desapareceram de novo nas trevas de seu retiro ignorado. Lá mesmo, porém, chegava-lhes a notícia do que acontecia na aldeia, e sabendo do modo por que o povo explicava o desaparecimento dos noivos sem que se manifestasse a menor suspeita a respeito deles, voltaram ao povoado, e continuaram seu antigo gênero de vida, ou antes, incautas mariposas vinham espanejar-se de novo em torno da chama, que devia devorá-los.

Certos de que a fada da ilha maldita não podia ser senão a própria Regina, sentiram renascer a chama de seu fatal e inextinguível amor, e um após outro arrojavam-se á louca empresa da qual já sabemos o sinistro resultado a respeito dos dois primeiros.

## **CAPITULO XXVIII – PERJURA**

– Tem-me ódio ou amor? – tal foi a pergunta que Ricardo dirigira resolutamente a Regina, e que até agora deixamos sem resposta, em razão das explicações que para perfeita inteligência desta história nos foi preciso dar no capítulo antecedente.

Houve largo silêncio antes que a moça desse uma resposta. Regina cismou longamente abismada em um pego de amargas reflexões. Seus olhos, que até ali

dardejavam fulgores de luz torva e sombria, foram pouco a pouco se baixando e amortecendo; o colo, altivo e firme, foi-se dobrando gradualmente, como a cecém verga a teste flexível quando o orvalho da noite lhe peja o cálix odoroso, uma lágrima furtiva umedeceu-lhe as pálpebras abrasadas. Terrível conflito se travara na alma atribulada da donzela; o ódio e a piedade, a vingança e o amor faziam-na oscilar na mais violenta agitação. O amor, enfim, parecia triunfar.

– Perdoa-me, Ricardo, – disse por fim com voz afetuosa; – esta recordação me punge cruelmente;... mas é o último lampejo da tempestade que me agitava o coração; a cruel **[107]** catástrofe, que me roubou, o esposo encheu-me a alma de amargura e rancor, mas tua presença vai dissipar para sempre o negrume de minha alma, e, hoje só quero viver de amor para amor, viver só para ti, meu querido Ricardo. Eu estava condenada a viver neste retiro desolada e esquecida na mais desconsolada, solidão; mas tu me apareceste, e esta ilha, que devia ser meu exílio medonho, vai se converter em tranquilo e risonho abrigo do mais puro e feliz amor. Minha mãe não queria que eu pisasse a terra, e a mais amarga experiência me tem mostrado quanta razão tinha. Lá não encontrei senão dissabores, trabalhos e amarguras. Mas agora, Ricardo, estamos no mar, inteiramente sequestrados dessa terra odiosa, em que derramei e fiz derramar tantas lágrimas.

Sim, estamos no mar, nos domínios de minha mãe; estamos livres do mundo, e podemos entregar, sem receio, a toda a efusão de nosso amor.

Enquanto assim falava Regina tinha, entre as suas, as mãos de Ricardo, e o envolvia em um olhar tão repassado de ternura e paixão, que o mancebo sentia-se arrebatado em um êxtase das mais voluptuosas e inefáveis emoções.

– Sim, Regina, – respondeu-lhe com viva exaltação, – sim; quero às tuas plantas viver uma vida de amor sem termo; e que retiro mais propício para um amor feliz do que esta ilha solitária e inacessível?... Aqui se resumirá o nosso universo; aqui, nós dois formaremos um mundo à parte, que nosso amor povoará de mil encantos e delícias sem fim.

– Sim, meu querido, de hoje em diante nada nos importa o resto do mundo. Vamos, quero mostrar-te o ditoso asilo, que há de abrigar nosso amor. Acompanha-me.

Regina travou do braço ao mancebo, e o foi guiando para o grupo de rochedos, que já conhecemos. Ao atravessar porém os silenciosos e sombrios espaços, que coleavam entre aquelas massas torvas e esguias, sua imaginação se apavorou e seus pensamentos começaram a tomar nova e sinistra direção. Que monstruoso perjúrio ia cometer?... O fantasma ensanguentado do esposo parecia surgir-lhe ao encontro, com pavoroso e ameaçador aspecto, acompanhando com olhar sombrio e penetrante todos os movimentos de seu corpo, todos os impulsos de seu coração e com voz lúgubre murmurar-lhe ao ouvido: – Afronta e maldição eterna sobre ti, mulher perjura!... e ela apertava com mão convulsa o punhal, que tinha sobre o seio, **[108]** e repetia dentro d’alma: – Eu o jurei, e juro ainda!... Hei de vingar-te!...

Por outro lado afagava-lhe os ouvidos a voz terna e comovida do amante, que lhe dizia:

– Graças a ti, Regina, que me fazes hoje o mais feliz dos homens! Dize-me ainda uma, vez, que me amas; quero ouvir de tua boca adorada continuamente essa doce palavra para convencer-me que não sou ludibrio de um sonho. É tamanha a ventura, que me enche o coração, que a custo posso nela acreditar.

Regina, sem responder, apertava-lhe meigamente a mão aos seios ofegantes, e murmurava consigo: – Infeliz!... morrerás; Morreremos ambos!...

De repente parou, aproximavam-se do rochedo sinistro, do altar de sangue. A

donzela conservou-se muda e imóvel, por alguns instantes, como absorvida, em profunda reflexão. O coração lhe fraqueava, e não ousava avançar nem mais um passo para o sítio fatal.

– Ricardo, meu amigo, – disse bruscamente –; é preciso que te vás embora; amanhã voltarás.

– E para que, Regina? – respondeu o moço com surpresa. – Que tenho eu mais que fazer neste mundo que odeio?... Meus irmãos já não existem; hoje só tu me restas no universo, e, para mim, tu vales mais que o universo inteiro.

– Vai, meu amigo, vai primeiro dizer adeus à...

– A quem? interrompeu Ricardo com impaciência.

– A essa terra onde viveste...

– Daqui mesmo lhe direi adeus eterno...

– Ricardo, mando-te que voltes.

– Mandas!... Obedeço; mas não voltarei mais.

– Oh! Ricardo! Ricardo! – exclamou a moça com voz suplicante, – vai-te, vai-te por piedade!...

– Há pouco me mandavas, agora me suplicas!?... Que quer isto dizer, Regina?... Corro algum perigo?...

– Não sei... talvez... – balbuciou a moça, – mas, em nome do nosso amor, eu te peço, vai-te por hoje.

–Ah! Regina! Regina!... Se acaso algum embuste... Dize-me, não estas sozinha nesta ilha?...

A estas imprudentes palavras do mancebo Regina sentiu fermentar-lhe de novo ao coração o fel da indignação e do ódio. Aguilhoada por tão pungente sarcasmo inspirado por um vago [109] sentimento de desconfiança e ciúme, a meiga pomba converteu-se de novo em leoa, e soltou o rugido surdo da vingança.

– Perguntai-me? – respondeu com desdenhosa altivez; – sim, Ricardo, estou sozinha, eu... e o meu punhal.

Estas últimas palavras, murmuradas com voz surda, não puderam ser ouvidas pelo mancebo.

– Sim, – continuou ela um momento depois mudando inteiramente de tom, estou sozinha, eu e o meu amor. Já que assim o queres, fica, e vamos além.

Recalcando no fundo d’alma todo o sentimento de amor ou piedade, sem proferir mais uma só palavra, Regina foi conduzindo o mancebo para rochedo da vingança. Chegada ali, o ânimo ia-lhe de novo desfalecendo, mas deu-se pressa em aproveitar-se do ultimo lampejo de resolução que ainda lhe restava.

– Ricardo, –disse com voz meiga, – perdoa-me; eu te molestei, contrariei-te ainda há pouco; é isto muito triste em uma primeira entrevista. Mas, agora quero compensar-te o dissabor que te causei. Vem, meu querido, abraça-me.

Ricardo arrojou-se ao seio de Regina, que lhe abria os braços e ia cravar-lhe o punhal... Mas a mão desfaleceu-lhe, os dedos inertes deixaram cair por terra a lâmina fatal, e, em lugar de um grito de dor, aquelas sombrias abóbadas ouviram um suspiro e o frêmito de um beijo.

## **CAPITULO XXIX - CURTA DIGRESSÃO**

Assim, pois, sobre o execrando altar da vingança, acabava-se de consumir o mais

atroz, perjúrio!

Atroz, disse eu; atroz por que?!... Foi um epíteto que me caiu insensivelmente do bico da pena, pelo costume em que estamos de sempre injuriar o perjúrio, o assassínio, a vingança e outras quejandas coisas.

Ao contrário, foi esse um nobre e piedoso perjúrio, digno do aplauso de todos os corações sensíveis. A quebra do feroz e sanguinário juramento que Regina proferira sobre o cadáver do esposo é digna da indulgência e até da aprovação dos mais austeros moralistas. **[110]**

Prouvera ao céu que esse perjúrio; ou antes esse arrependimento um pouco tardio, que suspendia uma serie de atrocidades já começadas, tivesse vindo há mais tempo, e tivesse sido completo. Mas nem por isso devemos deixar de nos congratular por ter escapado ao punhal da rancorosa fada esse lindo e interessante jovem, cujo nobre, terno e generoso coração não merecia, por certo, ser atravessado pela fria lâmina de uma faca vibrada pela mão de um ente idolatrado.

Foi muito vantajoso esse perjúrio, até porque, se não fosse ele, eu me veria forçado a terminar aqui esta história do modo o mais deplorável, ou havia de continuá-la só com Regina, o que me colocaria em sérios embaraços e dificuldades.

Eis aí, pois, são e salvos esses dois amantes tão dignos um do outro! Ambos na flor da juventude, dotados pela natureza de prodigiosa formosura e incomparáveis prendas, ambos náufragos oprimidos pelo destino, e perjuros ambos!

Ei-los aí felizes nos braços um do outro, colhendo em um longo e delicioso beijo as primadas de um amor sem fim!

E eu também me daria por feliz se pudesse aqui pôr termo a esta estupenda e maravilhosa história com tão risonho e próspero desfecho, coroando seu puro e ardente amor com as palmas do himeneu, e encerrando-os no tranquilo e aprazível recanto de sua misteriosa ilha, deixá-los gozar da beatitude do amor por séculos sem fim.

Mas não pode ser assim, primeiramente porque, na bronca e inacessível ilha, não podia ir nem padre que santificasse a sua união; em segundo lugar, porque o plano desta verdadeira história está invariavelmente traçado pela mão da casmurra e vingativa fada ou sereia que presidia aos destinos de Regina, e deseja punir, de modo rigoroso e exemplar, o generoso perjúrio por meio do qual o amor lhe fizera poupar a vida a um belo mancebo que tinha a desventura de ser filho da terra. Eis o grande crime, pelo qual devia incorrer da mais severa punição, não obstante ter ela adquirido incontestável direito á mais completa indulgência, tanto pela chusma de amantes, que só com as mortíferas setas de seus lindos olhos tinha enviado para a eternidade, como pela heroica e inexcedível coragem com que material e literalmente havia varado o coração de dois guapos mancebos com a lamina fria e sólida de um punhal. **[111]**

É verdade que não foi Regina, essa altiva e intratável filha das ondas, quem poupou a vida a Ricardo, mas sim o amor, que, a despeito dela, estendeu sobre o mancebo o seu manto misericordioso. Mas fosse o que fosse, neste caso o amor e Regina se unificaram em uma só personalidade, e em questões desta natureza nunca o juiz deve fazer distinções sutis.

E eis aí porque, se a nossos olhos Regina se torna digna de toda a compaixão e indulgência perante o tribunal da implacável fada incorre em penas da mais severa condenação.

Possam entretanto a piedade e o amor estenderem suas asas protetoras sobre os dois amantes, e, livrando-os da perseguição que contra eles move a vingativa e feroz fada

dos mares, livrar-nos também de dar a este romance um fim lúgubre e sinistro, que tenha de impressionar desagradavelmente as ternas e compreensivas almas de nossos leitores.

### CAPITULO XXX - ÚLTIMA NOITE

Como tudo que é ou o supremo gozo ou a suprema dor, aquele abraço de inefável ventura não durou mais que alguns momentos. Passados eles, Regina soltou-se bruscamente dos braços do mancebo, levou-lhe ambas as mãos ao peito, empurrou-o violentamente, e, fugindo velozmente, desapareceu por entre o labirinto de rochedos, como duende que se esvai entre as pilastras de um templo em ruínas.

– Regina! Regina!... bradou o moço depois de curtos instantes dados á surpresa, procurando em vão com os olhos, por entre a fenda dos rochedos, a amante, que se sumira como uma sombra.

– Vai-te, Ricardo, vai-te, e nunca mais voltas! – foi a última voz que ouviu daqueles lábios adorados troar-lhe aos ouvidos, vibrante e argentina, mas desconsoladora como um eco das campas. Imóvel, desvairado e sem saber onde estava, como quem acorda de um sonho extravagante, o moço ali ficou longo tempo a cismar sem saber para onde dirigir-se. Depois de achar-se por alguns instantes de posse do supremo bem, via-o de chofre e como por encanto escoar-se-lhe das mãos e deixá-lo na mais [112] absoluta e desconsolada solidão. Julgando-se vítima de um cruel escárnio, abatido e furioso de cólera e despeito, procurou encaminhar-se para as margens do golfo, e, orientando-se a muito custo, pôde chegar á praia, no ponto em que havia desembarcado, e deixara amarrado o seu barco.

Aí parou a cismar ainda, entregue á mais cruel perplexidade. Mandava a razão e a prudência que se partisse dali; mas o coração estava preso por laços misteriosos àquelas praias onde há pouco ouvira, em delicioso transporte, os mais ardentes protestos de amor, e onde namorada fantasia lhe desenhava no futuro painel cheio de encantadoras esperanças. Mas o sol já tocava ao ocaso, e que ficaria ele fazendo naquela ilha solitária, exposto a ser vítima dos embustes e ciladas dessa misteriosa e pérfida mulher em quem nenhuma confiança podia ter?... Demais já conhecia o caminho por onde podia entrar na ilha, e poderia voltar no outro dia. Saltou no barco e partiu.

Entretanto Regina irresoluta e desatinada se embrenhara como louca na solidão de sua ilha. Ora parecia surgir-lhe diante dos olhos o espectro ensanguentado, de seu marido lembrando-lhe o atroz juramento e cobrindo-a de maldições, ora cuidava ouvir a voz queixosa do amante que tão duramente expelira do seu seio, chamando por ela em lastimosos gritos. Corria ora em uma, ora em outra direção, olhava inquieta para todos os lados, escutava todos os ecos.

– Que fiz eu, desgraçada!... exclamava levando ás nítidas madeixas mãos frenéticas e convulsas. – Que fiz eu!... Porque lhe gritei que não voltasse!... Ele ouviu-me de certo, e não voltará, e eu aqui ficarei misérrima e desamparada por todos! E aqui morrerei, assassina e perjura, amaldiçoada por ele e por todos! Jurei vingar meu marido, e o punhal vibrado por esta mão transpassou o coração de dois de seus assassinos; ficou consumada a obra da vingança e do crime!... O mesmo punhal, que eu devia embeber no coração ao derradeiro, o amor m’o arrancou das mãos desfalecidas!... Está consumada a obra do perjúrio!... E assim fica incompleta, a vingança, e sem fruto o perjúrio, porque, – desgraçada e pusilânime que sou! – não sei vingar, nem amar!... Mas não; juro ainda uma vez; não há de ser assim; ainda aqui está o punhal que me caiu das mãos!... Volta, volta, Ricardo, quero cravá-lo em teu peito! Sim, hei de matar-te, ou morrer em teus braços.



Assim gritando, desgrenhada e arquejante, corria para o lado **[113]** da praia, onde chegou ofegando de aflição e cansaço. Dir-se-ia o fantasma de um precito perseguido pelas fúrias infernais correndo e ululando através das brenhas. A noite vinha caindo, a praia estava erma; lançando os olhos para a entrada do golfo, Regina avistou ainda o barco de Ricardo que já ia desaparecendo por entre os altos penedos do canal.

– Volta, Ricardo, volta! – gritou com toda a força, que pôde. Nenhuma resposta, nem o mais leve sinal mostrou, que fora ouvida. Em poucos instantes o batel de Ricardo transpondo os rochedos tinha desaparecido.

Alquebrada pelo embate de tão violentas emoções, Regina prostrou-se meio desfalecida sobre a areia da praia, e ali passou as largas horas dessa noite de horror e angústia. Não é possível descrever as horríveis tribulações que tumultuavam naquele coração lacerado pela angústia. Na incerteza de ter sido ouvida pelo amante, quando da praia lhe bradava que voltasse, seu espírito se estorcia nas ânsias de uma dúvida cruel, e, pousando sobre a mão a fronte abrasada, ali esperou que se escoassem as longas horas daquela noite fatal, e despontasse a aurora, que devia trazer-lhe ou o primeiro dia de felicidade, ou o derradeiro de sua desditosa vida.

Quando rompeu a primeira alva do dia, levantou-se, banhou em uma fonte próxima as faces e os olhos ardentes de lágrimas e insônia, compôs as vestes e as tranças desalinhas, dirigiu-se para os topos dos rochedos que dominavam o mar, e que olham para o continente, e ali postou-se, com os olhos fitos nas costas fronteiras, a espreitar todos os barcos que partiam da praia, a ver se algum tomava o rumo da ilha.

– Ah!... Se não me ouviu! – murmurava ela imersa em dolorosa cisma; – Se nunca mais voltar!... Enterrarei ao meio seio este punhal, que não soube cravar-lhe no coração. Perjura e assassina, ente execrável e hediondo, que ficarei eu fazendo no mundo não tendo por companhia senão minhas angústias, e meus eternos remorsos?... Fraca e desassissada que eu fui! Não tive coragem nem para matá-lo, nem para conservá-lo junto a mim pelo amor!... Mas não é possível que me ouvisse; ouviu-me e há de voltar. Um momentâneo despeito o fez partir; mas estou certa, o amor o há de trazer de novo a meus pés, terno, submisso e devotado amante para nunca mais deixar-me... E que não me ouvisse, mesmo assim há de voltar; meus olhos têm um imã irresistível, o amor que ateio no coração dos homens, **[114]** é um fogo violento e inextinguível. Há de voltar, sim; e eu... eu hei de cravar-lhe no coração... Oh! Não! Não! E para quê?... Já sou assassina, que muito é que seja também perjura?!...

Entre estas angústias e hesitações Regina vagueava pelos topos das penedias que circundavam a ilha como a plataforma de um vasto castelo, sempre com os olhos pregados nas praias fronteiras, a ver se delas se destacava algum batel com direção à ilha. O mar, como nos dias antecedentes, conservava-se tranquilo e sereno, azul e brandamente ondulado por uma viração constante de leste. Apenas aqui e acolá, pela superfície, um ligeiro choque das vagas fazia borbulhar, alvejante, um floco de espuma, como sorriso de sereia que andassem a retouçar, brincando a flor das ondas.

Enfim, ao descambar do meio-dia, Regina julgou divisar um barco, que, ganhando o largo parecia fazer-se a vela com direção à ilha. O coração da moça estremeceu sobressaltado de alegria, e seus olhos lampejantes de esperança e contentamento, não se despregavam mais da velinha solitária, que apesar de singrar com vento em popa e avançar com rapidez procurando o rumo da ilha, parecia-lhe vogar com extrema lentidão.

– Ei-lo! – exclamou Regina depois de ter por algum tempo observado com a maior atenção a direção que tomava. – É ele! Ele mesmo!... Ninguém mais se atreveria a meter tão

resolutamente a proa a estas medonhas penedias. Ricardo me pertence!... Mas é preciso não fraquear... desgraçada de mim, se ainda desta vez deixar escapar a presa! O punhal vingador aqui dorme Junto a meu coração! O fatal juramento há de ser cumprido á risca até o fim; devo hoje consumir esta negra sina de sangue e vingança!... Falta só uma vítima! E e-la que vem descuidosa e cheia de risonhas esperanças, cuidando que vem reclinar-se em um leito de rosas, entre, sorrisos de amor, entregar-se nas mãos algoz que tem de justicá-lo!... Com este punhal tenho, pois, de rasgar um peito, sobre o qual deveria reclinar minha cabeça entre carícias e beijos!... Eu o jurei; assim é mister... Tem de morrer!... Eu o amo... Que imporia?!... Meu cadáver cairá sobre o dele;... Dormiremos eternamente unidos ao lado um do outro... o túmulo é o único leito de núpcias que nos convém.

Entretanto o barco do mancebo se aproximava rapidamente do rochedo fatal e a exaltação e ansiedade de Regina crescia de mais em mais. **[115]**

– Vai-te, infeliz, volta; fuge desta ilha maldita! – gritava ela a Ricardo, que ainda não podia ouvi-la. – Vens buscar a morte; fuge, fuge para bem longe!

De repente, porém, mudava de acordo, e, receando que apesar da distância o mancebo a tivesse ouvido, olhava assustada para o barco que já lhe parecia ir de volta, e punha-se de novo a bradar:

– Não, não voltes; vêm, meu Ricardo... Eu te amo; vem. – Sim, – continuava cismando consigo, – é bem verdade que te amo;... Amo-te com loucura!... Entretanto também é verdade que jurei matar-te, e que tenho de enterrar nesse coração, que é meu, que só por mim palpita, este punhal nefando.

Aqui, Regina arrancou com mão convulsa o punhal que trazia ao seio, e encarando-o com olhos torvos e desvairados:

– Oh! punhal execrando! – exclamou com frenética exaltação; – punhal três vezes maldito!,... Não, não; Tu não te tingirás no sangue daquele a quem adoro!... Vai-te de mim, maldito!... Sepulta-te nos infernos!

E com um movimento arrebatado arrojou às ondas o punhal que, como um golfinho de luzentes escamas, bateu sobre as águas e sumiu-se no seio do oceano.

O barco de Ricardo já contorneava a ilha procurando-lhe a entrada pelo lado oriental. Regina desceu a passos precipitados as encostas interiores e encaminhou-se para margem do pequeno golfo a fim de aí esperar o bem amado.

## **CAPÍTULO XXXI - O CASTIGO**

Mudava-se, no entanto, a fase dos mares. Um pampeiro furioso desencadeava-se por toda a extensão das costas do sul, e o oceano começava a revolver-se, empolando-se em medonhos vagalhões. O monstro, que naqueles derradeiros dias apenas arfava brandamente resfolegando em plácido e tranquilo sono, agora acordava estorcendo-se em convulsões horrendas desde as profundidades do abismo, querendo arrojarse ao céu em frenéticos impulsos.

Regina, chegando à praia, reconheceu transida de susto pelo **[116]** jogo extraordinário das ondas dentro do pequeno golfo, o tremendo temporal que rebentava por fora.

– Que tormento, meu Deus!... Vai tudo perder-se! – exclamou no auge da angústia e da inquietação.

O pavoroso estrugido das vagas, que abalroavam em derredor das penedias, e que pareciam abalar a ilhota em suas bases, roncara nos espaços como uma trovoadas,

denunciando a violência e horror da tempestade. Regina quase caiu desfalecida de pavor e desânimo. Com aquele tremendo temporal jamais o barco de seu amante poderia penetrar no recôncavo da ilha, e teria infalivelmente de quebrar-se de encontro às penedias, ou de perecer devorado pelos vagalhões.

Entretanto não a abandonava a coragem, nem a esperança, e ia tentar esforços supremos para salvar o amante. Abeirando a praia foi procurando a entrada do golfo, onde, à meia altura da rocha que servia de pilastra á porta colossal, formava-se uma espécie de frisa ou balcão bastantemente largo, e facilmente acessível pelo lado interior. Dali, dominando as ondas, podia-se contemplar o oceano ao largo por toda a extensão dos horizontes; mas nessa ocasião Regina só procurava descortinar o barco de seu amante no meio das vagas alterosas e revoltas. Em pouco o divisou a poucas amarras do rochedo em que se achava, debatendo-se horrivelmente com o pego furioso que o fazia saltar como uma pela em contínuos e violentos boleios. Ora sumia-se de todo por trás de um vagalhão, e parecia ter-se abismado para sempre nas entranhas do oceano, ora surgia de novo na crista espumosa de um escarcéu, onde oscilava um instante como ramo seco açoitado pelo tufão para de novo sumir-se nos abismos.

– Ânimo, Ricardo! Ânimo!... – Bradou Regina, apenas o avistara. – Vem, que aqui me acho a tua espera!

E enquanto assim bradava anelante e desvairada; estendia-lhe os braços, debruçando-se sobre as ondas, como quem nelas ia precipitar-se. Os cabelos soltos, agitados pelo vento, açoitavam-lhe o colo e as faces como serpentes que a mordiam, enrolando-se em furiosas contorções; as roupas, dilaceradas pelo tufão, esvoaçavam em rápidas ondulações em derredor do corpo como um vapor fantástico. Quem a visse naquela atitude estranha, mesclando seus gritos desesperados aos uivos da procela, [117] julgaria ver o anjo das tormentas açulando os ventos e estumando as ondas para invadirem e subverterem os continentes.

Ricardo, sacudido violentamente pelas ondas cada vez mais cavadas e enfurecidas, mal ouvia e avistava por instantes a consternada amante que o chamava e alentava com seus gritos, e desesperado abandonava o fraco batel á fúria da tormenta, contra a qual seriam impotentes todos os seus esforços. Todavia, ao ouvir a voz de Regina, um pouco de esperança e coragem confortou-lhe o coração e empregou novos e desesperados esforços para chegar ao rochedo onde se achava ela. Entretanto o próprio jogo das vagas o ia aproximando gradualmente; já se viam a poucas braças de distância, e podiam ouvir-se distintamente um ao outro. O mar empolado e grosso como jamais se vira, chegava bramindo até a altura em que se achava Regina, e a onda de instante a instante trazia o amante a sua presença, quase a seus braços, para do novo arrebatá-lo de chofre como por escárnio.

Viam-se por um momento, estendiam os braços um para o outro, e os nomes de Regina e Ricardo ecoavam por entre o estrondo da tormenta como os gritos da procela, e a tempestade continuava a rugir cada vez mais formidável.

Ricardo, depois de ter-se esgotado em inúteis esforços, desesperado de poder chegar com seu barco ao rochedo, atirou-se ao mar, e nadando com todo o denodo e perícia, conseguiu por fim chegar no dorso de uma vaga bem ao pé do rochedo onde se achava Regina. Esta, vendo aquele ato de desespero, compreendeu o seu intento, e atracando-se com uma das mãos a uma raiz que brotava do rochedo, pendurou-se sobre o abismo e estendeu-lhe a outra.

Ricardo agarrou-a e graças a esse auxilio galgou ao friso do rochedo, e achou-se a

salvo ao lado de sua amante.

– Regina! – Ricardo! – exclamaram a um tempo ébrios de amor e de alegria estreitando-se nos braços um do outro.

Súbito um escarcéu medonho, uma verdadeira montanha de água despenhou-se sobre a ilha. Formidável estrondo como de um mundo que desaba se propagou ao longe abalando mares e terras!...

Um vórtice imenso abriu-se no lugar da Ilha gorgotando **[118]** espantosamente como se a terra, ardendo em sede sorvesse a longos tragos o oceano!...

Quando veio a outra onda não encontrou mais a ilha maldita.

No outro dia, o mar estava sereno, e a manhã esplêndida e formosa. Os pescadores dispersos pela praia procuravam em vão com os olhos a ilha encantada, ou algum barco que de lá viesse velejando.

O mar se desdobrava azul e sereno ondulando suavemente por sobre aquelas paragens ainda ontem rodeadas de eternos escarcéus.

A ilha se tinha submergido com todos os seus fantasmas, encantos e maldições.

Entretanto contam os pescadores que essa ilha ainda hoje aparece de vez em quando em noites de luar, rodeada de todos os seus prestígios, terrores e encantamentos.

Mas já não é como antigamente no tempo de Regina, uma coisa viva e real. É apenas um fantasma que, com socorro de algumas orações, se esconjura sem correr-se o menor perigo.